



O MAGO

ESPINHO DE PRATA

RAYMOND E. FEIST

Tradução de Cristina Correia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Este livro é dedicado aos meus sobrinhos:
Benjamin Adam Feist,
Ethan Aaron Feist,
Alicia Jeanne Lareau,
Todos eles pequenos magos.*

AGRADECIMENTOS

Sinto-me novamente em dívida para com aqueles que contribuíram para a concretização desta obra. Gostaria de apresentar os meus sinceros agradecimentos a:

Os *Friday Nighters* (*Malta das Sextas-Feiras*): April e Stephen Abrams; Steve Baret; David Brin; Anita e Jon Everson; Dave Guinasso; Conan LaMotte; Tim LeSelle; Ethan Munson; Bob Potter; Rich Spahl; Alan Springer e Lori e Jeff Velten, por demasiadas razões para aqui enumerar.

A Susan Avery, David Brin, Kathie Buford e Janny Wurts por me darem as suas opiniões acerca de um trabalho em desenvolvimento.

Aos meus amigos de Granada, especialmente a Nick Austin.

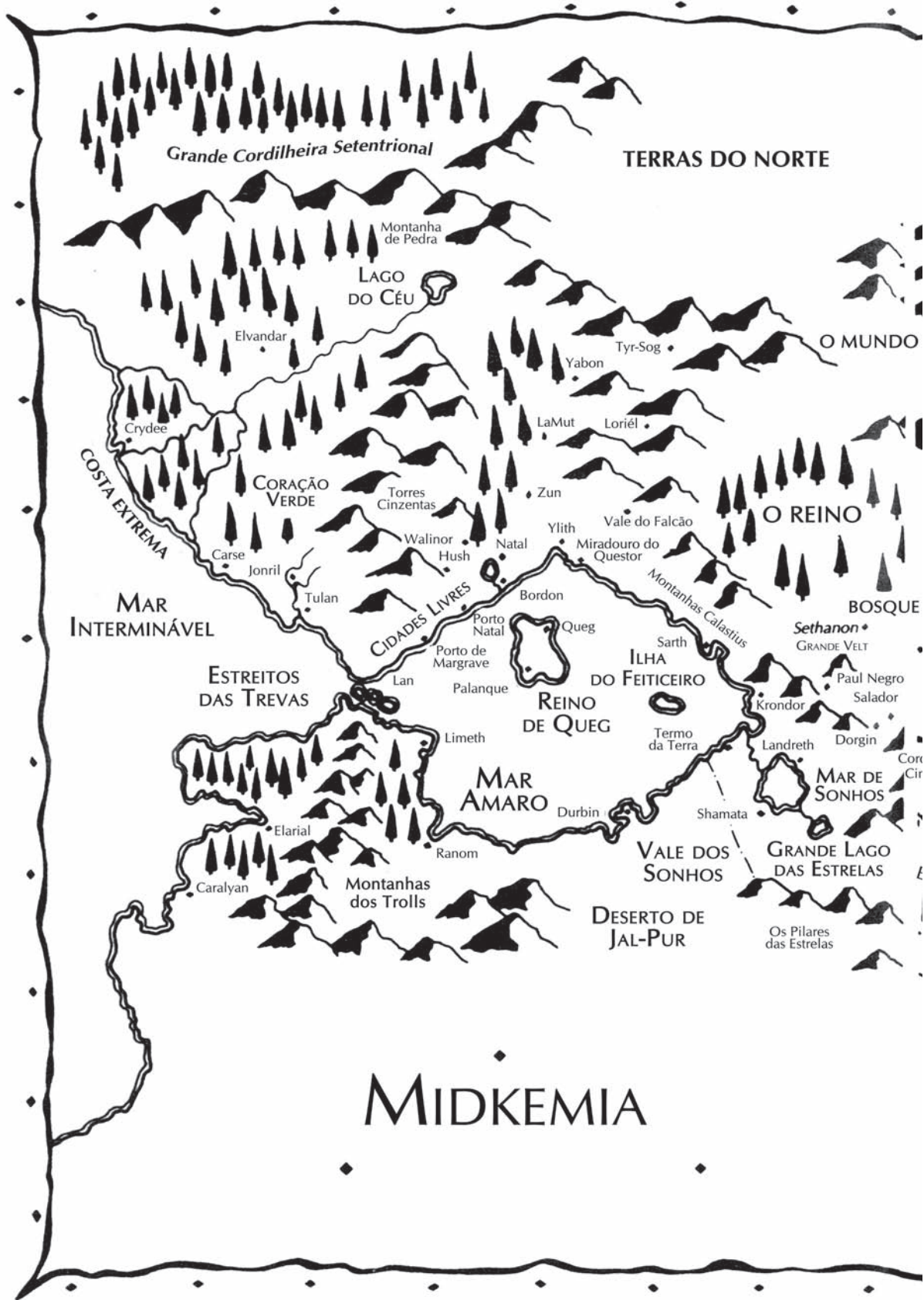
A Al Sarantonio, por pôr a *jukebox* a tocar em Chicago.

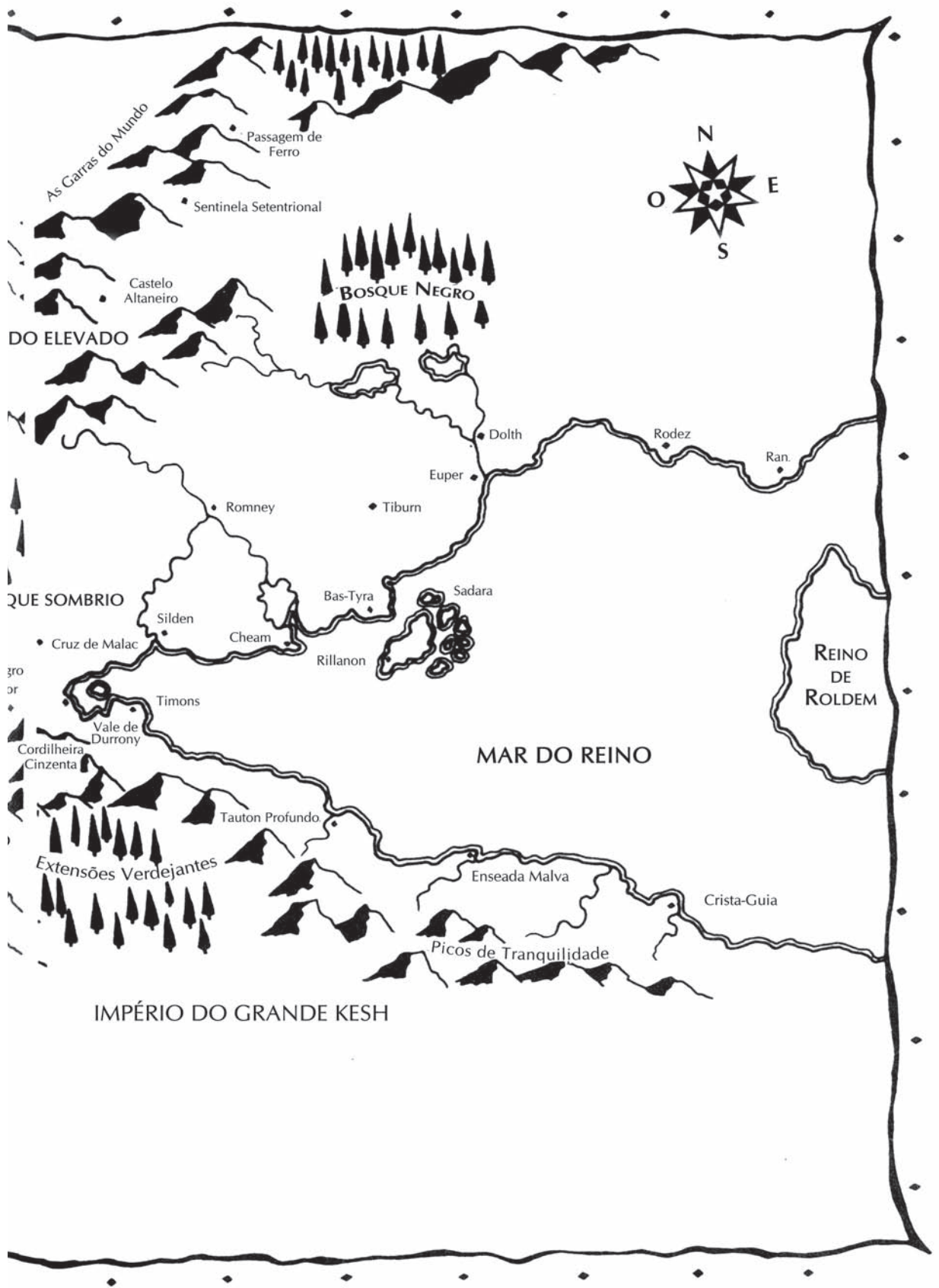
Uma vez mais, a Harold Matson, o meu agente.

A Abner Stein, meu agente britânico.

Como sempre, a Barbara A. Feist, a minha mãe.

Raymond E. Feist
San Diego, Califórnia
Dezembro de 1983





As Carras do Mundo

Passagem de Ferro

Sentinela Setentrional

Castelo Altaneiro

DO ELEVADO

BOSQUE NEGRO

Dolth

Rodez

Ran.

Euper

Romney

Tiburn

QUE SOMBRIO

Bas-Tyra

Sadara

Cruz de Malac

Silden

Cheam

Rillanon

REINO DE ROLDEM

MAR DO REINO

Timons

Vale de Durrony

Cordilheira Cinzenta

Tauton Profundo

Extensões Verdejantes

Enseada Malva

Crista-Guia

Picos de Tranquilidade

IMPÉRIO DO GRANDE KESH



SINOPSE

A nossa história até ao momento...

No mundo de Midkemia, erguia-se o poderoso Reino das Ilhas que fazia fronteira com o vasto Império do Grande Kesh, localizado a sul. O Reino estava a entrar numa era de grande prosperidade; a nação abrangia um continente, desde o Mar do Reino até ao Mar Interminável.

No décimo segundo ano do reinado de Rodric IV, na província mais ocidental do Reino, o Ducado de Crydee, um rapaz órfão que trabalhava na cozinha do castelo, Pug de seu nome, tornou-se aprendiz do mago Kulgan. Aluno desinteressado de magia, subiu na hierarquia social por ter salvado a Princesa Carline, filha do Duque Borric conDoin, de um destino terrível, tornando-se escudeiro da corte do Duque. Foi então que Pug se viu como o centro da paixão juvenil de Carline e, em resultado disso, tornou-se rival do jovem Escudeiro Roland, membro da corte.

Com o seu melhor amigo, Tomas, Pug descobriu os destroços de uma embarcação alienígena naufragada e um moribundo de nacionalidade desconhecida. O sacerdote do Duque, Padre Tully, recorreu à sua magia para descobrir que o moribundo pertencia a outro mundo, Kewan, dominado por um poderoso império de guerreiros, os tsurani. Tinham alcançado Midkemia através de um portão mágico, uma brecha no espaço, e poderiam estar a preparar o caminho para uma invasão. O Duque Borric reuniu-se em conselho com a Rainha dos Elfos, Aglaranna, que atestou a aproximação de uma invulgar ameaça à Costa Extrema do Reino; os elfos tinham avistado estranhos guerreiros a traçarem mapas do Ocidente, homens esses que desapareciam misteriosamente.

Temendo que tal significasse o prelúdio de uma invasão, o Lorde Borric e o seu filho mais novo, Arutha, partiram com uma companhia de homens de modo a advertirem o Rei Rodric do possível ataque, deixando Crydee ao cuidado do filho mais velho, Lyam, e do Mestre de Armas Fannon. Integravam a companhia: Kulgan, o mago, Pug e Tomas, o Sargento Gardan e cinquenta soldados de Crydee. Na floresta Coração Verde, o séquito do Duque foi atacado pelos temidos moredhel, os elfos negros conhecidos como Irmandade da Senda das Trevas. Após uma longa e sangrenta luta, o Duque e os restantes sobreviventes foram salvos por Dolgan, um chefe anão e os seus companheiros.

Dolgan conduziu-os pelas minas de Mac Mordain Cadal, onde fo-

ram atacados por um espectro, separando Tomas dos restantes. Tomas fugiu para as profundezas da mina vetusta, enquanto Dolgan conduzia os outros para a segurança do exterior.

Dolgan regressou à mina em busca de Tomas, descobrindo que o rapaz fora acolhido por um dos derradeiros e poderosíssimos dragões dourados, vetusto e moribundo. O dragão, Rhuagh, contou histórias da sua vida: o seu encontro com o estranho feiticeiro Macros, o Negro, e outros prodígios. Rhuagh dissipou-se num espantoso e derradeiro momento de glória, uma dádiva de Macros, deixando a Tomas uma oferenda especial: uma armadura dourada e encantada.

O séquito do Duque Borric alcançou a cidade de Bordon, onde embarcaram rumo a Krondor, capital do Reino Ocidental. Devido a uma borrasca, foram obrigados a atracar na Ilha do Feiticeiro, residência do lendário Macros, o Negro. Aí, Pug encontrou um misterioso eremita, descobrindo posteriormente tratar-se de Macros. Deu-lhes a entender que se voltariam a encontrar, mas advertiu-os para que não o procurassem.

Em Krondor, o Príncipe Erland, tio do Rei e sucessor natural ao trono, instruiu o Duque para que prosseguisse até Rillanon, capital do Reino, para aí ser recebido pelo Rei. Durante a sua estadia em Krondor, Pug conheceu a Princesa Anita, filha única de Erland, ficando a saber que estava prometida em casamento ao Príncipe Arutha quando crescesse.

Em Rillanon, o Duque Borric descobriu que o Rei era um homem visionário, embora também fosse um homem de sanidade mental questionável, dado a ataques de fúria e discursos sem nexos. O Duque Caldric de Rillanon, tio de Borric por afinidade, advertiu-o de que o fardo de rechaçar os tsurani, caso viessem, cairia somente nos ombros dos lordes ocidentais. O Rei desconfiava do Príncipe de Krondor, imaginando conluios contra a coroa, mostrando-se até desconfiado de Borric, que sucedia a Erland na pretensão à coroa. Recusou dar a sua permissão para que os Exércitos do Oriente deixassem o Reino Oriental. Foi então que se deu a invasão dos tsurani e Rodric afastou as suas suspeitas, concedendo a Borric o comando dos Exércitos do Ocidente. Borric e os seus companheiros avançaram a toda a brida para ocidente, dando início à Guerra da Brecha.

Na parte inicial da guerra, foi lançado um ataque-surpresa ao território dos tsurani durante o qual Pug foi capturado.

Tomas encontrava-se inserido nas forças dos anões de Dolgan, entre os primeiros a resistir aos invasores. Manifestara-se algo estranho na armadura de Tomas, pois quando a envergava tornava-se num guerreiro de poder impressionante. Ensombrado por visões estranhas, a sua aparência começava a alterar-se aos poucos. No decorrer de uma

batalha desvairada nas minas dos anões, os tsurani forçaram o grupo de Tomas e Dolgan a fugir para a floresta.

Não lhes restando refúgio seguro, os anões dirigiram-se a Elvandar, terra dos elfos, procurando aliam-se a estes seres. Chegados à corte da Rainha dos Elfos, foram bem acolhidos. Algo na aparência de Tomas causou receio nos idosos elfos Urdidores de Feitiços, embora não se quisessem pronunciar sobre o assunto.

Lyam deixou Crydee para se juntar ao pai enquanto o Mestre de Armas Fannon assumiu o comando do castelo, com Arutha como segundo-comandante. Carline lamentou a perda de Pug e procurou consolo em Roland. Os tsurani atacaram Crydee, por meio de um navio capturado; durante a batalha, Arutha salvou Amos Trask, o capitão do navio outrora pirata.

Os tsurani montaram um cerco a Crydee e por diversas vezes foram rechaçados. Durante uma batalha, o Mestre de Armas Fannon foi ferido e Arutha assumiu o comando. Após uma terrível batalha subterrânea entre os homens de Arutha e sapadores tsurani, Arutha ordenou às guarnições em redor de Crydee que coordenassem uma batalha final contra os tsurani. Contudo, antes do início dessa batalha, o comandante dos tsurani, Kasumi dos Shinzawai, recebeu ordens para regressar a casa com a sua força militar.

Decorridos quatro anos, Pug encontrava-se a trabalhar como escravo num pântano em Kelewan, o mundo de origem dos tsurani, acompanhado por um recém-chegado, Laurie de Tyr-Sog, menestrel de ofício. Depois de alguns sarilhos com o capataz do acampamento, foram levados por Hokanu, filho mais novo dos Shinzawai, para a propriedade do pai. Foi-lhes ordenado que instruissem Kasumi em todos os aspectos da cultura e idioma do Reino. Aí, Pug também conheceu uma rapariga escrava, Katala, pela qual se apaixonou. O irmão de Kamatsu, Lorde dos Shinzawai, era um dos Grandiosos, magos de poder, seres que faziam as suas próprias leis. Uma noite, o Grandioso, Fumita, ficou a saber que Pug fora aprendiz de mago em Midkemia. Reivindicou Pug para a Assembleia, a irmandade dos magos, e ambos desapareceram da casa dos Shinzawai.

Por essa altura, já Tomas se tornara numa figura de poder assombroso, alcançado pela sua venerável armadura outrora envergada por um valheru — um Senhor dos Dragões —, membro de um dos primordiais povos lendários de Midkemia, soberanos absolutos. Pouco se sabia acerca deles, a não ser que eram cruéis e poderosos e tinham escravizado os elfos e os moredhel. Aglaranna, o seu filho Calin e Tathar, seu conselheiro principal, temiam que Tomas estivesse a ser consumido pelo poder de Ashen-Shugar, o antigo Senhor dos Dragões cuja

armadura envergava. Receavam uma tentativa de regresso do domínio valheru. Aglaranna sentia-se duplamente inquieta pois apesar de temer Tomas, estava a apaixonar-se por ele. Os tsurani invadiram Elvandar e foram repelidos pelas forças de Tomas e Dolgan, auxiliados pelo misterioso Macros, o Negro. Após a batalha, Aglaranna admitiu o que sentia por Tomas e aceitou-o como amante, desta forma perdendo a autoridade que exercia sobre ele.

A memória de Pug foi apagada pelos mestres da Assembleia e, após quatro anos de treino, tornou-se mago. Ficou a saber que era um talentoso seguidor da Senda Maior, um tipo de magia inexistente em Midkemia. Kulgan era um mago da Senda Inferior, daí a sua incapacidade em ensinar-lhe. Quando ascendeu a Grandioso, Pug recebeu o nome Milamber. O seu mestre, Shimone, assistiu à passagem pelo teste final, subindo ao topo de uma estreita espiral no auge de uma tempestade, enquanto a história do Império de Tsuranuanni lhe era revelada. Aí, foi-lhe infundido o primeiro dever de um Grandioso: servir o Império. Pug encontrou-se com o seu primeiro amigo na Assembleia, Hochopepa, um perspicaz mago que instruiu Pug nos meandros da política dos tsurani.

No nono ano de guerra, Arutha temeu que estivessem a perder o conflito, tendo sido informado por um escravo feito prisioneiro de que estavam a chegar tropas renovadas de Kelewan. Juntamente com Martin do Arco, o Monteiro-Mor do pai, e Amos Trask, Arutha viajou até Krondor em busca do auxílio do Príncipe Erland. No decorrer da viagem, Amos descobriu o segredo de Martin: era filho bastardo de Lorde Borric. Martin fez Amos prometer que jamais revelaria o segredo, a não ser com o seu consentimento. Chegados a Krondor, Arutha descobriu que a cidade estava sob controlo de Guy, Duque de Bas-Tyra, inimigo confesso de Lorde Borric. Guy estava manifestamente empenhado nalguma espécie de plano para conquistar a coroa para si. Arutha deparou-se com Jocko Radburn, homem de confiança de Guy e líder da polícia secreta, que perseguiu Arutha, Martin e Amos, fazendo-os cair no seio dos Mofadores, os larápios de Krondor. Aí, conheceram Jimmy, o Mãozinhas, um rapaz larápio; Trevor Hull, antigo pirata que se tornara contrabandista e o seu primeiro imediato, Aaron Cook. Os Mofadores estavam a proteger a Princesa Anita, que fugira do palácio. Jocko Radburn tentava desesperadamente recuperar a Princesa antes do regresso de Guy do Bas-Tyra de uma escaramuça fronteiriça com os vizinhos do Império do Grande Kesh. Com a ajuda dos Mofadores, Arutha, os companheiros e Anita fugiram da cidade. No decorrer da perseguição em alto mar, Amos atraiu o navio de Radburn até aos rochedos e o líder da polícia secreta morreu afogado. Ao regressar a

Crydee, Arutha foi informado da morte do Escudeiro Roland numa peleja. Por essa altura, já Arutha estava apaixonado por Anita, embora não admitisse a si próprio uma vez que a considerava muito nova.

Pug, que nessa altura respondia pelo nome de Milamber, regressou à propriedade dos Shinzawai para levar Katala, descobrindo que era pai. O seu filho, William, nascera na sua ausência. Também ficou a saber que os Shinzawai estavam envolvidos num conluio com o Imperador de modo a forçar a paz no Conselho Supremo dos Tsurani, dominado por um Senhor da Guerra. Laurie fora incumbido de guiar Kasumi, que por essa altura já dominava o idioma e os costumes do Reino, até ao Rei, sendo portador da oferta de paz do Imperador. Pug desejou-lhes felicidades e levou a mulher e o filho para a sua casa.

Tomas passou por uma assombrosa mudança, conseguindo equilibrar as forças valheru e humanas, embora só o tivesse conseguido após quase matar Martin do Arco. Numa titânica batalha interior, o humano quase foi subjugado, acabando por dominar o ser enraivecido que fora, outrora, o Senhor dos Dragões, e encontrando um tranquilo estado de alma há muito perdido.

Kasumi e Laurie atravessaram a brecha e prosseguiram até Rillanon, onde descobriram que o Rei enlouquecera de vez. Acusou-os de espionagem, mas conseguiram fugir com a ajuda do Duque Caldric. O Duque aconselhou-os a procurarem o Lorde Borric, pois era previsível que rebentasse uma guerra civil. Ao chegarem ao acampamento de Borric, Laurie e Kasumi conheceram Lyam, que os informou da morte iminente de Borric devido a um ferimento.

Milamber, como Pug era conhecido, assistiu aos Jogos Imperiais, oferecidos pelo Senhor da Guerra em comemoração da vitória estrondosa sobre o exército de Lorde Borric. Milamber ficou furioso perante a crueldade desumana, especialmente ao presenciar a forma como tratavam os prisioneiros oriundos de Midkemia. Num acesso de raiva, destruiu a arena, humilhando o Senhor da Guerra e desse modo instaurando o caos na política do Império. De seguida, Milamber fugiu com Katala e William regressando a Midkemia, não mais Grandioso dos tsurani e voltando a ser Pug de Crydee.

Pug regressou a tempo de acompanhar os últimos momentos de Lorde Borric. A derradeira ação do Duque foi reconhecer Martin. Foi então que o Rei chegou, enraivecido pela incapacidade dos seus comandantes em porem fim à prolongada guerra. Ele próprio comandou uma investida louca contra os tsurani e, vencendo todas as probabilidades, abriu a frente de batalha do inimigo, fazendo-os recuar até ao vale onde estava colocada a máquina da brecha, o meio de que se

serviam para viajar entre os mundos. O Rei foi mortalmente ferido e, num raro momento de lucidez, nomeou Lyam, o filho conDoin mais velho, como seu herdeiro.

Lyam enviou uma mensagem aos tsurani dizendo que aceitaria a paz que Rodric recusara e foi estabelecida uma data para as conversações de tréguas. Macros dirigiu-se a Elvandar, advertindo Tomas quanto a um acto traiçoeiro nas conversações de paz. Tomas concordou em levar os seus guerreiros, da mesma forma que os anões.

No decorrer do encontro, Macros criou uma ilusão, levando caos e batalha onde se tencionava chegar à paz. Macros chegou e, juntamente com Pug, destruíram a brecha, aprisionando em Midkemia quatro mil tsurani sob comando de Kasumi que acabou por se entregar a Lyam e este concedeu-lhes liberdade caso lhe jurassem preito e menagem.

Regressaram todos a Rillanon para a coroação de Lyam, à excepção de Arutha, Pug e Kulgan, que foram visitar a ilha de Macros. Aí chegados, descobriram Gathis, um criado do feiticeiro, semelhante a um trasgo, que lhes transmitiu uma mensagem. Ao que parecia, Macros perecera aquando da destruição da brecha. Deixou a vasta biblioteca a Pug e Kulgan que planearam fundar uma academia para magos. Explicou a perfídia dizendo que um ser conhecido como Inimigo, uma entidade de vastíssimo e terrível poder cuja existência era do conhecimento dos tsurani de tempos antigos, seria capaz de encontrar Midkemia por causa da brecha. Por conseguinte, Macros viu-se obrigado a criar uma situação em que o resultado fosse a destruição da brecha.

Arutha, Pug e Kulgan prosseguiram até Rillanon, onde Arutha descobriu a verdade acerca de Martin. Como era o primogénito de Borric, o nascimento de Martin ensombrou a herança de Lyam; porém, o antigo Monteiro-Mor renunciou a qualquer pretensão ao trono e Lyam foi coroado Rei. Arutha tornou-se no Príncipe de Kronedor, uma vez que o pai de Anita falecera. Guy du Bas-Tyra passara à clandestinidade e, mesmo ausente, foi banido como traidor. Laurie conheceu a Princesa Carline, que pareceu devolver o interesse por ele demonstrado.

Lyam, Martin, que foi nomeado Duque de Crydee, e Arutha partiram num périplo pelo Reino Oriental, enquanto Pug e a família, acompanhados por Kulgan, viajaram até à ilha de Stardock, com o intuito de iniciarem a construção da academia. Ao longo de quase um ano, a paz imperou no Reino...

3º VOLUME — ESPINHO DE PRATA

ARUTHA E JIMMY

*Simultâneos com ele se levantam Fazendo na abalada estrondo surdo
(Qual tempestade trovejando ao longe)*

—MILTON, *Paraíso Perdido*
Livro II, l.476¹

¹ Paraíso Perdido, in eBooksBrasil [Em linha]. [Consult. 2011-01-13]. Tradução de António José de Lima Leitão.
Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraisoperdido.html>.



PRÓLOGO

Crepúsculo

O sol punha-se por trás dos cumes.

Os últimos raios de calor tocavam a terra, permanecendo somente o brilho rosado. De leste, uma escuridão índigo acercava-se com celestidade. O vento cortava as colinas como uma lâmina de gume afiado, como se a Primavera não passasse de um sonho vago. O gelo de Inverno ainda se agarrava a bolsas protegidas pela sombra, gelo que estalava ruidosamente sob os saltos das pesadas botas. Na escuridão do entardecer surgiram três silhuetas à luz da fogueira.

A bruxa velha ergueu o olhar e os seus olhos arregalaram-se ligeiramente ao ver os três. Reconheceu a silhueta à esquerda, o grande e mudo guerreiro de cabeça rapada e única madeixa comprida no couro cabeludo. Já a procurara anteriormente, em busca de sinais mágicos para estranhos rituais. Pese embora se tratasse de um poderoso chefe militar de clã, ela mandara-o embora, pois a sua natureza era pérfida e, ainda que raras vezes desse importância a questões do bem e do mal, até a bruxa tinha os seus limites. Ademais, pouco apreço tinha pelos moredhel, especialmente por aquele que cortara a sua própria língua em sinal de devoção a poderes obscuros.

O guerreiro mudo atentava nela com olhos azuis, invulgares num ser da sua raça. Era mais largo de ombros do que a maioria, mesmo para um membro dos clãs das montanhas que costumavam possuir braços e ombros mais fortes do que os primos que habitavam as florestas. O mudo usava anéis de ouro nas grandes orelhas que formavam uma curva ascendente, dolorosas de furar, pois os moredhel não possuíam lóbulos. Em cada face, apresentava três cicatrizes, símbolos místicos cujo significado a bruxa conhecia.

O mudo fez sinal aos companheiros e o que estava mais à direita pareceu fazer um aceno com a cabeça. Era difícil perceber pois trajava um manto comprido com um grande capuz que escondia as feições. Ambas as mãos estavam escondidas em mangas volumosas que mantinha juntas. Como se falasse de longe, a silhueta de manto disse:

— Procuramos quem nos leia sinais. — A sua voz era sibilante, quase um silvo, e nela percebia-se algo sobrenatural. Surgiu uma mão e a bruxa recuou, pois era disforme e coberta de escamas, como se o ser possuísse garras cobertas de pele de cobra. Percebeu então o que era a

criatura: um sacerdote do povo serpentino pantathiano. Em comparação com o povo serpentino, os moredhel eram tidos em alta conta pela bruxa.

Desviou a atenção das figuras das pontas e concentrou-se na que estava no centro. Era um palmo mais alto do que o mudo, com uma corpulência ainda mais impressionante. Devagar, despiu um manto de pele de urso, sendo que o crânio do urso servia de capacete, e atirou-o para o lado. A velha bruxa arquejou pois era o moredhel mais arrebatador que alguma vez vira na sua longa vida. Vestia as calças pesadas, o justilho e as botas até ao joelho dos clãs dos montes e exibia o peito desnudado. À luz do fogo, o seu corpo musculado reluzia, inclinando-se para a frente de modo a examinar a bruxa. Quase amedrontava, aquele rosto que raiava a perfeição. Porém, o que a fez arquejar, para além da impressionante aparência, fora o sinal no peito.

— Conheces-me? — perguntou à bruxa, que anuiu.

— Sei com quem vos pareceis.

Inclinou-se ainda mais, até ficar com o rosto iluminado de baixo para cima pelo fogo, revelando um aspecto da sua natureza.

— Sou quem pareço ser — sussurrou, sorrindo. Ela teve medo, já que, por trás das belas feições, por trás do sorriso afável, viu o semblante da maldade, uma maldade tão pura que era quase insuportável. — Procuramos quem nos interprete sinais — repetiu, com uma voz cujo som transparecia loucura límpida como gelo.

Ela soltou um riso abafado.

— Quer dizer que há limites até para alguém com tamanhos poderes?

O sorriso do belo moredhel desvaneceu-se lentamente.

— Não conseguimos prever o nosso próprio futuro.

Conformada com a sua provável sorte, disse:

— Preciso de prata.

O moredhel fez um aceno com a cabeça. O mudo tirou uma moeda da bolsa presa ao cinto, atirando-o para o chão em frente da bruxa. Sem lhe tocar, preparou alguns ingredientes numa taça em pedra. Quando terminou a mistura, deitou-a por cima da prata. Ouviu-se um silvo, produzido pela moeda e pelo homem serpente. Uma garra de escamas verdes começou a fazer sinais e a bruxa advertiu:

— Não quero cá esses disparates, cobra. A tua magia da terra quente só irá dificultar a minha leitura.

O homem serpente foi refreado por um toque delicado e um sorriso da figura ao centro, que acenou com a cabeça à bruxa.

Numa voz áspera, com a garganta seca de medo, a bruxa disse:

— Dizei então: o que quereis saber? — Examinou a moeda de prata que silvava, agora coberta por uma mucosidade verde e borbulhante.

— Chegou a hora? Deverei agir agora como me foi ordenado?

Uma labareda verde e luminosa saltou da moeda e ficou a dançar. A bruxa seguiu-lhe o movimento atentamente e o que os seus olhos viam na labareda mais ninguém conseguia divisar. Pouco depois, disse:

— As Pedras de Sangue formam a Cruz de Fogo. Aquilo que sois, sois. Aquilo que tendes de fazer desde que nascestes... fazei-lo! — A última palavra foi proferida com alguma dificuldade.

Algo inesperado surgiu no semblante da bruxa pois o moredhel perguntou:

— Que mais, bruxa velha?

— Ao contrário do que julgais, há quem vos possa fazer frente pois alguém irá ser a causa da vossa ruína. Não estais sozinho pois atrás de vós... Não entendo. — A sua voz era débil, parecia fatigada.

— O quê? — Desta vez, o moredhel não sorriu.

— Algo... algo imenso, algo distante, algo pérfido.

O moredhel ficou pensativo; virando-se para o homem serpente, falou em voz baixa embora num tom autoritário:

— Ide, Cathos. Empregai as vossas habilidades ocultas e descobri onde reside este ponto fraco. Dai um nome ao nosso inimigo. Encontrai-o.

O homem serpente fez uma vénia desajeitada e saiu da caverna arrastando os pés. O moredhel virou-se para o companheiro mudo e disse:

— Erguei os estandartes, meu general, e reuni os clãs leais nas planícies de Isbandia, sob as torres de Sar-Sargoth. Acima de todos, erguei o estandarte que escolhi como meu e deixai que todos saibam que começamos agora o que nos foi ordenado. Sereis o meu comandante, Murad, e todos saberão que sereis o mais importante dentre aqueles que me servem. Aguardam-nos glória e grandeza.

“Quando a cobra louca identificar a nossa vítima, avançai ao comando dos Exterminadores Negros. Deixai que aqueles cujas almas me pertencem nos sirvam em busca do nosso inimigo. Encontrai-o! Destruí-o! Ide!

O mudo anuiu e saiu. O moredhel com o sinal no peito virou-se para a bruxa.

— Diz-me, escória humana, sabes que poderes obscuros se movem?

— Sim, mensageiro da destruição, sei. Pela Senhora Negra, eu sei. O moredhel riu-se, produzindo um som gélido e desprovido de humor.

— Eu ostento o símbolo — disse, apontando para o sinal de nas-
cença de cor púrpura, que parecia resplandecer furiosamente à luz do
fogo. Era óbvio que não se tratava de uma simples desfiguração e sim
de uma espécie de talismã mágico, pois formava a silhueta perfeita de
um dragão em pleno voo. Ergueu um dedo, apontando para cima. —
Possuo o poder. — Fez um movimento circular com o dedo levantado.
— Sou o predestinado. Sou o destino.

A bruxa acenou a cabeça em concordância, sabendo que a morte
se precipitava para a abraçar. De súbito, começou a mover os lábios
proferindo um feitiço complexo, agitando desenfreadamente as mãos
no ar. Um poder crescente manifestou-se na caverna, ouvindo-se um
carpir estranho a tomar conta da noite. O guerreiro defronte dela li-
mitou-se a abanar a cabeça. Ela lançou-lhe o feitiço tão poderoso que
deveria tê-lo fulminado de imediato. Ali permaneceu, sorrindo mal-
dosamente.

— Estás a tentar testar-me com as tuas insignificantes artes, vi-
dente?

Percebendo que não resultara, fechou os olhos aos poucos e en-
direitou-se, aguardando a sua sorte. O moredhel apontou-lhe o dedo,
dele saindo um raio prateado de luz que atingiu a bruxa. Ela gritou
assolada por dores atrozes e explodiu num fogo alvo e quente. Por um
instante, a sua forma escura contorceu-se naquele inferno até que as
labaredas se extinguíram.

O moredhel olhou de relance para as cinzas que jaziam no chão,
formando o contorno de um corpo. Dando uma gargalhada ruidosa,
pegou no manto e saiu da caverna.

Lá fora, os companheiros aguardavam-no, segurando o cavalo. Lá
em baixo, ao longe, conseguia ver o acampamento da sua gente, ainda
diminuto mas destinado a crescer. Montou e ordenou:

— Para Sar-Sargoth!

Dando um puxão às rédeas, fez o cavalo virar, conduzindo o mudo
e o sacerdote serpente pela encosta.

REENCONTRO

O navio avançava de regresso a casa. O vento mudou de direcção e ouviu-se a voz do capitão; nos mastros, a tripulação correu a responder às exigências de uma brisa fresca e de um capitão ansioso por chegar a porto seguro. Era um navegador experiente, pois estivera ao serviço da marinha do Rei durante quase trinta anos e comandara a sua própria embarcação durante dezassete anos. Embora o *Águia Real* fosse o melhor navio da frota do Rei, o capitão desejou que o vento soprasse um pouco mais forte, que avançasse mais depressa, pois não descansaria até desembarcar os passageiros em segurança.

Na cobertura de proa encontravam-se as razões para a preocupação do capitão: três homens altos. Dois deles, um louro e outro moreno, estavam junto à amurada, rindo de uma piada partilhada. Ambos tinham uma altura poucos centímetros abaixo dos dois metros e ambos mostravam a atitude segura de um guerreiro ou de um caçador. Lyam, Rei do Reino das Ilhas e Martin, o seu irmão mais velho e Duque de Crydee, falavam de assuntos vários, de caçadas e banquetes, de viagens e política, de guerra e discórdias e, de quando em vez, falavam do pai, Duque de Borric.

O terceiro homem, não tão alto nem tão espadaúdo quanto os outros dois, estava apoiado à amurada a curta distância, perdido nos seus pensamentos. Arutha, Príncipe de Krondor e o mais novo dos três irmãos, ponderava igualmente no passado, pese embora a sua visão não fosse a do pai morto durante a guerra com os tsurani, naquela que era presentemente conhecida como Guerra da Brecha. Ao invés, atentava no rasto deixado pela proa ao cortar as águas verde-esmeralda e, nesse verde, via dois olhos verdes e reluzentes.

O capitão olhou para cima e deu ordens para que as velas fossem mareadas. Voltou a reparar nos três homens na cobertura e dirigiu, uma vez mais, uma prece silenciosa a Kilian, Deusa dos Marinheiros, ansiando avistar as altas espirais de Rillanon. Pois aqueles eram os três homens mais poderosos e importantes do Reino e o capitão recusava pensar no caos que assolaria o Reino caso o infortúnio visitasse aquele navio.

Arutha ouvia vagamente os gritos do capitão e as respostas dos imediatos e da tripulação. Estava exausto devido aos acontecimentos do ano anterior, pelo que pouca atenção dava ao que se passava em seu redor. Conseguia apenas pensar numa coisa: estava de regresso a Rillanon e a Anita.

Arutha sorriu. A sua vida parecera banal nos primeiros dezoito anos. Nessa altura, dera-se a invasão dos tsurani e o mundo mudara para sempre. Fora considerado um dos melhores comandantes do Reino, descobrira em Martin um insuspeito irmão mais velho e testemunhara milhentos horrores e milagres. Contudo, Anita fora o que de mais milagroso sucedera a Arutha.

Tinham-se separado após a coroação de Lyam. Durante quase um ano, Lyam apresentara o estandarte real aos senhores do oriente e a reis vizinhos, e estavam agora de regresso a casa.

A voz de Lyam interrompeu os devaneios de Arutha.

— O que vedes na espuma das ondas, irmãozinho?

Martin sorriu quando Arutha levantou os olhos do mar e o antigo Monteiro-Mor de Crydee, outrora chamado Martin do Arco, inclinou a cabeça para o irmão mais novo.

— Aposto um ano de impostos em como ele está a ver nas ondas um par de olhos verdes e um sorriso atrevido.

Lyam disse:

— Não é preciso apostar, Martin. Desde que partimos de Rillanon recebi três mensagens de Anita sobre este ou aquele assunto de estado. Tudo conspira para a manter em Rillanon embora a mãe tenha regressado às propriedades que lhes pertencem um mês após a minha coroação. Já Arutha, fazendo uma estimativa por alto, recebeu neste período uma média de mais de duas mensagens por semana. Daí podemos tirar uma ou duas conclusões.

— Também eu estaria ansioso por regressar se tivesse alguém como ela à minha espera — concordou Martin.

Arutha era uma pessoa reservada, ficando de mau humor quando tinha de revelar sentimentos íntimos, e essa sensibilidade aumentava quando a questão envolvia Anita. Encontrava-se irremediavelmente apaixonado pela jovem e esbelta mulher, inebriado pela forma como ela se deslocava, pelos sons que produzia, pelo modo como o olhava. Ainda que aqueles fossem, muito provavelmente os dois únicos homens em Midkemia de quem se sentia próximo a ponto de partilhar os seus sentimentos, nunca achara graça, nem sequer quando era mais novo, quando era alvo de troça.

Vendo a expressão de Arutha a ficar carregada, Lyam disse:

— Afastai esses olhares sombrios, nuvenzinha tempestuosa. Além de ser vosso Rei, também sou vosso irmão mais velho e, se for preciso, levais um puxão de orelhas.

Ao ouvir o nome carinhoso pelo qual a mãe o tratava e imaginando a imagem improvável do Rei a puxar as orelhas ao Príncipe de Krondor, Arutha esboçou um sorriso. Ficou calado por um instante, até que disse:

— Estou apreensivo pois posso tê-la interpretado mal nesse assunto. As cartas dela, ainda que afectuosas, são formais e, por vezes, distantes. Além do mais, existem muitos jovens cortesãos no vosso palácio.

Martin disse:

— A partir do momento em que fugimos de Krondor, o vosso destino ficou selado, Arutha. Ela manteve-vos na mira do seu arco desde sempre, como um caçador a perseguir um veado. Mesmo antes de chegarmos a Crydee, quando estávamos escondidos, olhava para vós de certo modo. Não, ela está à vossa espera, não tenhais dúvidas.

— Ademais — acrescentou Lyam —, confessastes-lhe o que sentias.

— Bom, não o fiz com todas as palavras. Porém, declarei-lhe os meus profundos afectos.

Lyam e Martin entreolharam-se.

— Arutha — disse Lyam —, escreveis com a paixão de um escriba a inscrever o registo dos impostos no final do ano.

Riram-se os três. Os meses de viagem tinham permitido uma redefinição da relação entre os irmãos. Martin fora mentor e amigo dos outros dois quando eram jovens, ensinando-os a caçar e a subsistir na floresta. Contudo, também fora plebeu, embora como Monteiro-Mor ocupasse uma posição elevada na hierarquia da corte do Duque Borric. Face à revelação de que era filho bastardo do pai deles, um meio-irmão mais velho, todos tinham passado por um período de adaptação. Desde então, tinham passado pela camaradagem falsa daqueles que procuravam cair nas suas boas graças, as promessas vãs de amizade e lealdade por parte daqueles que procuravam lucrar e, durante esse período, tinham descoberto algo mais. Nos outros, cada um deles encontrara dois homens de confiança, com quem podiam partilhar confidências, que compreendiam o que significava aquela súbita ascensão à notabilidade e que partilhavam as pressões de responsabilidades recentemente impostas. Nos outros dois, cada um deles encontrou dois amigos.

Arutha abanou a cabeça, rindo-se de si próprio.

— Quer-me parecer que também soube desde sempre, embora tivesse dúvidas. Ela é tão jovem — ao que Lyam contrapôs:

— Tem quase a mesma idade que a mãe tinha quando casou com o pai, não é verdade?

Arutha fixou Lyam com um olhar céptico.

— Tendes resposta para tudo?

Martin deu uma palmada a Lyam nas costas.

— Claro que tem — disse. — Em voz baixa, acrescentou: — Por isso é ele o Rei. — Enquanto Lyam se virava fingindo um ar carrancudo para Martin, o irmão mais velho continuou: — Assim sendo, quando regressarmos, pedi-a em casamento, querido irmão. Depois, podemos acordar o velho Padre Tully que deve estar a dormir em frente à lareira e prosseguimos todos até Kronдор para assistirmos a um belo casamento. E eu posso dar por terminadas todas estas malditas viagens e regressar a Crydee.

Ouviu-se uma voz do alto a gritar:

— Terra à vista!

— Onde?

— Avante.

Olhando ao longe e devido à vista experiente de caçador, Martin foi o primeiro a distinguir a costa distante. Pousou calmamente as mãos nos ombros dos irmãos. Pouco depois, todos conseguiram destringer o contorno longínquo de torres altaneiras perfiladas no céu cerúleo.

Em voz baixa, Arutha disse:

— Rillanon.

Osom de passos delicados e o ruge-ruge de uma saia comprida levantada acima de pés apressados acompanhavam a visão de uma figura esguia a avançar resolutamente por um corredor comprido. As feições encantadoras da senhora confirmavam com equidade que a beleza reinante da corte mostrava um semblante de aparência pouco agradável. Os guardas colocados ao longo do corredor olhavam em frente, embora a seguissem com os olhos. Mais do que um guarda ponderou no alvo provável do famoso temperamento da senhora e sorriu interiormente. O cantor estava prestes a sofrer um despertar abrupto, literalmente.

De uma forma nada senhoril, a Princesa Carline, irmã do Rei, passou a toda a velocidade por um criado sobressaltado que tentou saltar para o lado e, em simultâneo, fazer uma vénia, um feito que o fez aterrar de costas enquanto Carline desaparecia na ala do palácio reservada aos hóspedes.

Chegada a uma porta, fez um interregno. Ajeitando o cabelo com

umas palmadinhas, ergueu a mão para bater mas deteve-se. Semicerrou os olhos azuis, ficando irritada face ao pensamento de ter de esperar que a porta se abrisse, por isso, limitou-se a abri-la sem se fazer anunciar.

O quarto estava às escuras uma vez que as cortinas ainda estavam corridas. A grande cama estava ocupada por um montículo debaixo dos cobertores que gemeu quando Carline bateu com a porta depois de entrar. Tentando não pisar a roupa espalhada pelo chão, afastou as cortinas com um puxão, deixando entrar a luz brilhante da manhã avançada. Ouviu-se outro gemido do montículo vendo-se uma cabeça com dois olhos raiados de vermelho a espreitar por cima dos cobertores.

— Carline — ouviu-se uma voz enrouquecida —, estais a tentar fazer-me murchar até definhar?

Chegando-se junto à cama, ela retorquiu:

— Se não tivésseis andado na pândega a noite toda e se tivésseis comparecido ao pequeno-almoço como seria de esperar, talvez tivésseis ouvido que o navio dos meus irmãos foi avistado. Atracarão dentro de duas horas.

Laurie de Tyr-Sog, trovador, viajante, antigo herói da Guerra da Brecha, e nos tempos mais recentes, menestrel da corte e companhia constante da Princesa, sentou-se, esfregando olhos cansados.

— Não estive na pândega. O Conde de Dolth insistiu em ouvir todas as músicas do meu repertório. Cantei quase até de madrugada. — Pestanejou e sorriu para Carline. Cofando a barba loura e bem aparada, prosseguiu: — O homem possui uma resistência inesgotável, mas também possui um excelente gosto musical.

Carline sentou-se na beira da cama, inclinou-se e deu-lhe um beijo rápido. Soltou-se com destreza dos braços que procuravam envolvê-la. Mantendo-o afastado com a mão no peito dele, disse:

— Ouvi, rouxinol apaixonado: Lyam, Martin e Arutha chegarão não tarda e logo que Lyam der a recepção real e trate de todas as formalidades, vou falar-lhe acerca do nosso casamento.

Laurie olhou em redor como se procurasse um canto para onde pudesse desaparecer. Ao longo do ano, a relação entre ambos desenvolvera-se em intensidade e paixão, porém, Laurie sofria de uma espécie de reflexo de fuga no que respeitava ao tópico do casamento.

— Ora bem, Carline... — começou.

— Ora bem, Carline, digo eu! — interrompeu batendo-lhe com o dedo no peito desnudado. — Sois mesmo bobo da corte, pois eu tive príncipes orientais, os filhos de metade dos duques do Reino e sabe-se lá quanto mais a implorar permissão simplesmente para me

cortejarem. E eu sempre os ignorei. Para quê? Para que um músico desmiolado brinque com os meus sentimentos? Pois bem, temos de acertar contas.

Laurie sorriu, puxando o cabelo louro e desgrenhado para trás. Sentou-se e, antes que ela pudesse reagir, beijou-a apaixonadamente. Quando se afastou, disse:

— Carline, amor da minha vida, por favor. Já falámos sobre este assunto.

Arregalou os olhos, que tinham permanecido semicerrados durante o beijo.

— Oh! Já falámos sobre este assunto? — disse, furiosa. — Vamos casar. Está decidido. — Levantou-se para evitar que Laurie a voltasse a abraçar. — Tornou-se o escândalo da corte: a Princesa e o seu amante menestrel. Nem sequer é uma história original. Estou a tornar-me motivo de chacota. Maldição, Laurie. Tenho quase vinte e seis anos. A maior parte das mulheres da minha idade já estão casadas há oito, nove anos. Quereis que morra solteirona?

— Nem pensar, meu amor — respondeu, ainda com um ar divertido. Para além da beleza de Carline e das baixas probabilidades de alguém lhe chamar solteirona, era dez anos mais nova do que ele, por isso considerava-a jovem, uma impressão constantemente corroborada pelos acessos de fúria infantil. Endireitou-se na cama e abriu as mãos num gesto de impotência enquanto tentava reprimir o riso. — Sou o que sou, minha querida, nem mais nem menos. Estou aqui há mais tempo do que alguma vez estive onde quer que fosse quando era um homem livre. Admito, porém, que este é um cativo muito mais agradável do que o último. — Referia-se aos anos de escravidão que passara em Kelewan, o mundo dos tsurani. — No entanto, nunca se sabe quando voltarei a desejar deambular pelo mundo. — Era nítido que ela ia ficando cada vez mais furiosa enquanto o ouvia falar, sendo forçado a admitir que, grande parte das vezes, era ele que revelava o que de pior havia na natureza de Carline. Depressa mudou de estratégia. — Além disso, não sei se daria um bom... seja lá o que for que se chama ao marido da irmã do Rei.

— Então o melhor é que vos habitueis a isso. Agora levantai-vos e vesti-vos.

Laurie apanhou as calças que ela lhe atirou e vestiu-as num ápice. Quando acabou de se vestir, colocou-se em frente dela e passou-lhe os braços pela cintura.

— Desde o dia que nos conhecemos que sou vosso vassalo extremo, Carline. Nunca amei, nem irei amar ninguém como vos amo a vós, mas...

— Já sei. Há meses que oiço as mesmas desculpas. — Voltou a bater-lhe com o dedo no peito. — Sempre fostes viajante — arremedou. — Sempre fostes livre. Não sabeis como vos iríeis dar ao fixar-vos num lugar — embora tenha reparado que conseguistes suportar a estadia aqui no palácio do Rei.

Laurie olhou para cima.

— É bem verdade.

— Pois bem, meu amante, essas desculpas podem resultar quando vos despedis da pobre filha de um estalajadeiro, mas aqui de pouco servem. Veremos o que pensa Lyam de tudo isto. Calculo que deva haver uma ou outra lei antiga nos arquivos que abordem o facto de plebeus se envolverem com nobres.

Laurie soltou um riso abafado.

— E há. O meu pai tem direito a um soberano de ouro, uma parelha de mulas e uma quinta por vos terdes aproveitado de mim.

De repente, Carline deu risadinhas, tentou abafá-las, acabando por desatar à gargalhada.

— Estupor. — Abraçando-o com força, pousou a cabeça no ombro dele e suspirou. — Nunca consigo ficar zangada convosco.

Embalou-a delicadamente nos braços.

— De quando em vez, é verdade que vos dou razões para isso — disse em voz baixa.

— Pois dais.

— Bom, poucas vezes.

— Olhai bem, rapazolas — disse ela. — Os meus irmãos estão a chegar ao porto neste preciso momento e vós estais para aqui a discutir. Podeis atrever-vos a tomar liberdades com a minha pessoa, mas o Rei é capaz de ter uma perspectiva bem diferente da situação.

— Esse tem sido o meu receio — disse Laurie, revelando uma manifesta preocupação na voz. De súbito, o estado de espírito de Carline serenou. A sua expressão alterou-se para lhe dar coragem.

— O Lyam fará o que eu lhe pedir. Desde muito pequena que nunca foi capaz de negar nada do que eu realmente queria. Não estamos em Crydee. Ele sabe que aqui tudo é diferente e que eu já não sou criança.

— Eu reparei.

— Velhaco. Olhai, Laurie, não sois um simples agricultor ou sapateiro. Falais mais idiomas do que qualquer nobre “instruído” que conheci. Ledes e escreveis. Sois muito viajado, tendo até conhecido o mundo dos tsurani. Sois perspicaz e talentoso. Tendes mais capacidades de governar do que aqueles que nasceram destinados a tal. Além

disso, se posso ter um irmão mais velho que era caçador antes de se tornar duque, porque não hei-de ter um marido que foi bardo?

— A vossa lógica é irrepreensível. Porém, não tenho uma resposta à altura. O meu amor por vós não tem limites, mas quanto ao resto...

— O vosso problema é que possuís a capacidade de governar, mas não desejais a responsabilidade. Sois preguiçoso.

Ele riu-se.

— Por isso o meu pai me expulsou de casa aos treze anos. Justificou-se dizendo que eu nunca iria ser um agricultor aceitável.

Carline afastou-se dele devagar e a sua voz ganhou um tom sério.

— As coisas mudam, Laurie. Ponderei muito neste assunto. Por duas vezes julguei estar apaixonada, mas sois o único homem que me levou a esquecer quem era e a agir de modo tão indigno. Quando estou convosco, nada faz sentido, mas não importa pois não me interessa se a forma como me sinto faz algum sentido. Contudo, agora tenho de me importar. Tendes de escolher e sem demora. Aposto as minhas jóias em como não demorará um dia desde a chegada dos meus irmãos até Arutha e Anita anunciarem que estão noivos. O que significa que partiremos todos rumo a Krondor para a boda.

“Quando estiverem casados, regressarei aqui com o Lyam. Caberá a vós a decisão de nos acompanhardes, Laurie. — Olhou-o nos olhos. — Tenho passado tempos maravilhosos convosco. O que sinto jamais imaginaria possível quando sonhava os meus sonhos de donzela com o Pug e depois com o Roland. Contudo, tendes de vos preparar para fazer uma opção. Sois o meu primeiro amante e sereis sempre o meu grande amor, mas quando aqui regressar sereis meu marido ou somente uma memória.

Antes de Laurie ter oportunidade de responder, avançou para a porta.

— Amo-vos de todas as formas, meu velhaco. Mas o tempo urge. — Fez um compasso de espera. — Agora, vinde comigo cumprimentar o Rei.

Laurie avançou até junto dela e abriu-lhe a porta. A passo rápido, dirigiram-se até onde as carruagens aguardavam para levar o comité de boas-vindas até às docas. Laurie de Tyr-Sog, trovador, viajante e herói da Guerra da Brecha, estava perfeitamente consciente da presença daquela mulher a seu lado, levando-o a cogitar como seria se essa presença lhe fosse negada para sempre. Face a essa probabilidade, sentiu-se incontestavelmente infeliz.

Rillanon, capital do Reino das Ilhas, aguardava a chegada do seu Rei que regressava a casa. Os edifícios estavam adornados com panos

festivos e flores de estufa. Elegantes flâmulas esvoaçavam nos telhados e faixas audaciosas de todas as cores estavam presas entre os edifícios por cima das ruas por onde o Rei iria passar. Conhecida como a Jóia do Reino, Rillanon assentava nas encostas de muitas colinas, um lugar maravilhoso de pináculos elegantes, arcos graciosos e vão delicados. O falecido Rei Rodric iniciara o restauro da cidade, acrescentando belas pedras em mármore e quartzo às fachadas de grande parte dos edifícios virados para o palácio, emprestando à cidade um cariz de reino encantado sob os raios de sol vespertinos. O *Águia Real* aproximou-se da doca real, onde a comitiva de boas-vindas aguardava. À distância, nos edifícios e ruas nas encostas que propiciavam uma vista desafogada da doca, multidões de cidadãos aclamavam o regresso do jovem Rei. Durante muitos anos, Rillanon vivera sob a nuvem escura da demência do Rei Rodric, e, pese embora Lyam ainda fosse desconhecido para a maior parte da população da cidade, já era adorado, pois era jovem e belo, a sua valentia na Guerra da Brecha amplamente conhecida e revelara uma enorme generosidade: baixara os impostos.

Com a tranquilidade de um mestre, o piloto de porto conduziu o navio do Rei até ao local determinado. Foi amarrado num instante e o portaló estendido.

Arutha ficou a ver Lyam a descer em primeiro lugar. Tal como ditava a tradição, pôs-se de joelhos e beijou o chão da sua pátria. Os olhos de Arutha perscrutaram a multidão em busca de Anita, porém, na turba de nobres que acorriam a cumprimentar Lyam não viu sinais da Princesa. Sentiu o golpe frio de uma dúvida passageira.

Martin deu uma cotovelada a Arutha que, assim impunha o protocolo, seria o segundo a desembarcar. Arutha apressou-se portaló abaixo, com Martin logo atrás. Viu a irmã que saía de junto do cantor, Laurie, correndo a abraçar Lyam. Embora os restantes presentes no comité de boas-vindas não fossem tão desprendidos dos rituais como era Carline, ouviram-se aclamações espontâneas dos cortesãos e dos guardas que aguardavam as ordens do Rei. De repente, os braços de Carline já estavam em redor do seu pescoço enquanto lhe dava um beijo e um abraço.

— Oh, tive saudades desse vosso ar carrancudo — disse alegremente.

Arutha exibia a expressão severa que lhe era típica quando estava perdido em pensamentos. Disse:

— Qual ar carrancudo?

Carline olhou nos olhos de Arutha e, com um sorriso inocente, respondeu:

— Parece que engolistes uma coisa que se mexeu.

Martin deu uma gargalhada, sendo abraçado logo de seguida por Carline. De início, ficou hirto, pois ainda não se habituara à presença de uma irmã tal como se habituara à presença de dois irmãos, acabando por relaxar e abraçá-la. Carline disse:

— Fiquei entediada sem vos ter aos três por perto.

Vendo Laurie a curta distância, Martin abanou a cabeça.

— Ao que parece, não vos entediastes muito.

Divertida, Carline retorquiu:

— Não há lei nenhuma que especifique que só os homens podem satisfazer os seus caprichos. Além disso, é o melhor homem que alguma vez conheci e que não é meu irmão. — Martin não conseguiu evitar um sorriso, enquanto Arutha continuava à procura de Anita.

O Lorde Caldric, Duque de Rillanon, Conselheiro Principal do Rei e tio-avô de Lyam, fez um sorriso rasgado quando a enorme mão do Rei envolveu a sua num vigoroso aperto de mão. Lyam quase teve de gritar para se fazer ouvir devido às aclamações de quem estava ali perto.

— Meu tio, como vai o nosso Reino?

— Vai bem, meu Rei, agora que regressastes.

Vendo que Arutha ficava cada vez mais angustiado, Carline disse-lhe:

— Afastai esse ar desapontado, Arutha. Ela está à vossa espera no jardim oriental.

Arutha deu um beijo a Carline na face, afastou-se dela e de um Martin risonho e, ao passar como uma seta por Lyam, gritou:

— Com a permissão de Vossa Majestade.

A expressão de Lyam passou depressa da surpresa à alegria, enquanto Caldric e os restantes cortesãos ficavam pasmados perante o comportamento do Príncipe de Krondor. Lyam inclinou-se para Caldric, dizendo:

— Anita.

O rosto idoso de Caldric iluminou-se com um sorriso radioso enquanto dava risadinhas abafadas ao compreender.

— Então, parece-me que em breve voltareis a partir, desta vez rumo a Krondor e à boda do vosso irmão.

— Preferíamos que fosse celebrado aqui, mas a tradição dita que o Príncipe se case na sua própria cidade e temos de nos submeter à tradição. Contudo, ainda demorará algumas semanas. Estas cerimónias demoram o seu tempo e, entretanto, temos um reino para governar, embora nos pareça que fizestes um bom trabalho na nossa ausência.

— Talvez, Vossa Majestade, contudo, agora que o Rei está de novo em Rillanon, muitos dos assuntos suspensos neste último ano serão trazidos à vossa consideração. As petições e outros documentos que vos enviámos durante o vosso périplo representam tão-só um décimo daquilo que tereis de analisar.

Lyam emitiu um gemido fingido.

— Estamos em crer que iremos pedir ao capitão que zarpe de imediato.

Caldric sorriu.

— Vinde, Majestade. A vossa cidade deseja ver o seu Rei.

Ojardim oriental estava vazio, à excepção de um vulto. Deslocava-se tranquilamente entre os vasos bem cuidados de flores que ainda não estavam preparadas para florescer. Algumas variedades mais robustas estavam já a ganhar o verde-claro da Primavera e muitas das sebes limítrofes eram de folha persistente, ainda assim, o jardim evocava sobretudo o símbolo estéril do Inverno, mais do que a promessa fresca da Primavera que se iria manifestar daí a poucas semanas.

Anita olhou para Rillanon lá em baixo. O palácio fora construído no topo de uma colina, onde outrora existira apenas uma grande torre de menagem que ainda constituía o seu núcleo central. Eram sete as pontes de arcos elevados que atravessavam o rio torneando o palácio com os meandros do seu curso de água sinuoso. O vento da tarde soprava fresco e Anita ajeitou o xaile de seda fina em redor dos ombros.

Anita sorriu ao recordar. Os seus olhos verdes ficaram turvos de lágrimas ao lembrar-se do falecido pai, o Príncipe Erland, e de tudo o que sucedera no ano anterior e mais ainda: como Guy du Bas-Tyra chegara a Krondor e tentara forçá-la a um casamento de estado e como Arutha chegara incógnito a Krondor. Juntos, tinham-se mantido na clandestinidade sob a protecção dos Mofadores — os larápios de Krondor — ao longo de mais de um mês até fugirem para Crydee. No final da Guerra da Brecha, viajara para Rillanon de modo a assistir à coroação de Lyam. Durante esses meses, também se apaixonara perdidamente pelo irmão mais novo do Rei. Agora, Arutha estava de regresso a Rillanon.

O som de botas nas lajes levaram-na a virar-se. Anita contava ver um serviçal ou um guarda que lhe viesse anunciar a chegada do Rei ao porto. Ao invés, viu aproximar-se um homem com um ar cansado vestindo roupas de viagem elegantes mas amarrotadas. O seu cabelo castanho-escuro estava desgrenhado pela brisa e círculos escuros rodeavam os seus olhos castanhos. O rosto macérrimo apresentava o

ar ligeiramente carrancudo que adoptava quando magicava em algo sério e que ela considerava encantador. Ao aproximar-se, Anita maravilhou-se em silêncio com a forma como ele caminhava com agilidade, um movimento quase felino na sua ligeireza e economia de movimentos. Ao acercar-se dela, sorriu, hesitante, quase timidamente. Antes de conseguir recorrer a anos de comedimento aprendido na corte, Anita percebeu que as lágrimas começavam a correr. De súbito, viu-se nos braços dele, abraçando-o com força.

— Arutha — foi tudo o que conseguiu dizer.

Durante algum tempo, ali ficaram, calados, num abraço apertado. De seguida, Arutha inclinou a cabeça de Anita para trás e beijou-a. Sem palavras, falou da devoção e saudades e, sem palavras, ela respondeu. Ele olhou para aqueles olhos tão verdes como o mar e para o nariz encantadoramente salpicado por um pequena mancha de sardas, uma imperfeição agradável numa pele completamente alva. Com um sorriso cansado, disse:

— Regressei.

Riu-se perante a evidência do comentário. Ela também se riu. Sentiu-se animado por ter aquela jovem e esbelta mulher nos braços, sentir o odor delicado do cabelo ruivo escuro apanhado de uma forma complexa que, nessa estação, era moda na corte. Regozijava-se por estar novamente com ela.

Anita afastou-se mas deu-lhe a mão, apertando com força.

— Já passou tanto tempo — disse em voz baixa. — Era só para ser um mês... depois mais outro e mais se seguiram. Estais ausente há mais de seis meses. Não tive coragem de ir à doca. Sabia que não conteria o choro assim que vos avistasse. — Tinha as faces húmidas devido às lágrimas. Sorriu e enxugou-as.

Arutha apertou-lhe a mão.

— O Lyam estava sempre a descobrir mais nobres a visitar. Deveres do Reino — disse num tom sarcástico de desaprovação. Desde o dia que conhecera Anita, Arutha fora incapaz de expressar os seus sentimentos pela rapariga. Fortemente atraído por ela desde o início, debatera-se constantemente com as emoções após a fuga de ambos de Krondor. Era grande a atracção por ela, porém, encarava-a como pouco mais do que uma criança, prestes a atingir a maioridade. No entanto, Anita revelara-se uma influência tranquilizadora, interpretando os seus estados de espírito como ninguém, pressentindo a melhor forma de mitigar as suas preocupações, de conter a sua raiva e de o afastar das suas introspecções sombrias. Além disso, começara a amar os modos delicados da rapariga.

Permanecera em silêncio até à noite anterior à partida com Lyam. Tinham passeado naquele jardim, a falar até horas tardias e, ainda que o que tivessem dito não fosse de grande importância, Arutha partiu com o sentimento de que tinham alcançado uma espécie de entendimento. O tom ligeiro e por vezes até um tudo-nada formal das cartas dela deixara-o preocupado, receoso de a ter interpretado erradamente naquela noite, contudo, naquele momento, olhando para ela, sabia que isso não acontecera. Sem rodeios, expressou:

— Desde que parti, pouco mais fiz para além de pensar em vós.

Reparou que os olhos da Princesa se enchiam novamente de lágrimas ao dizer:

— E eu em vós.

— Amo-vos, Anita. Desejo ter-vos para sempre a meu lado. Aceitais desposar-me?

Ela apertou-lhe a mão com força ao responder: — Aceito — voltando a abraçá-lo. A cabeça de Arutha começou a andar à roda sob o simples efeito da felicidade que sentia. Abraçando-a com força, segredou:

— Sois a minha exultação. Sois o meu coração.

Ali ficaram algum tempo, o Príncipe alto e esguio e a esbelta Princesa cuja cabeça mal lhe chegava ao queixo. Conversavam em voz baixa e nada parecia importante à excepção da presença um do outro. Foi então que o som constrangido de alguém a pigarrear os fez sair dos seus devaneios. Viraram-se e viram um guarda do palácio à entrada do jardim. Informou:

— Sua Majestade acerca-se, Vossas Altezas. Dentro de poucos minutos irá entrar no grande salão.

Arutha respondeu:

— Iremos de imediato.

Levou Anita pela mão, passando pelo guarda, que os seguiu. Caso Arutha e Anita tivessem olhado por cima do ombro, teriam visto o experiente guarda do palácio a debater-se para subjugar um grande sorriso.

Arutha deu um aperto final à mão de Anita, posicionando-se depois junto à porta no momento em que Lyam entrou no grande salão do trono. À medida que o Rei avançava para o estrado onde estava colocado o trono, os cortesãos faziam-lhe vénias e o Mestre-de-cerimónias da Corte bateu no chão com a ponta de ferro do seu bastão cerimonial. Ouviu-se um arauto:

— Escutai! Escutai! Que a notícia se espalhe: Lyam, primeiro de seu nome e pela graça dos deuses legítimo soberano, regressou a nós e volta a sentar-se no seu trono. Vida longa ao Rei!

— Vida longa ao Rei! — ouviu-se a resposta daqueles que estavam reunidos no salão.

Depois de se sentar, com o simples aro de ouro respeitante ao cargo pousado na testa e de manto roxo nos ombros, Lyam disse:

— Apraz-nos estar de regresso a casa.

O Mestre-de-cerimónias da Corte voltou a bater com o bastão no chão e o arauto anunciou o nome de Arutha. Arutha entrou no salão, seguido por Carline e Anita, com Martin logo atrás, como ditava o protocolo. Foram anunciados por ordem. Quando estavam todos nos seus lugares ao lado de Lyam, o Rei fez sinal a Arutha.

Arutha acercou-se dele, inclinando-se.

— Fizestes o pedido? — perguntou o Rei.

Com um sorriso enviesado, Arutha respondeu:

— Qual pedido?

Lyam sorriu abertamente.

— O pedido de casamento, pateta. Claro que fizestes e, tendo em conta esse sorriso lamechas, ela aceitou — segredou. — Voltai para o vosso lugar e em breve farei o anúncio. — Arutha regressou para o lado de Anita e Lyam fez sinal ao Duque de Caldric.

— Estamos exaustos, meu lorde Chanceler. Muito nos agradaria se abreviásseis os assuntos deste dia.

— Há dois assuntos que julgo exigirem a atenção imediata de Vossa Majestade. O relato geral pode esperar.

Lyam deu indicação a Caldric para prosseguir.

— Em primeiro lugar, dos Barões Fronteiriços e do Duque Vândros de Yabon chegaram-nos relatos de movimentos fora do comum da parte dos trasgos no Reino Ocidental.

Ao ouvir isto, a atenção de Arutha desviou-se de Anita. Cabia-lhe a ele o governo do Reino Ocidental. Lyam olhou na sua direcção, depois na direcção de Martin, indicando que deviam prestar atenção. Martin quis saber:

— Que notícias tendes de Crydee, meu senhor? — Ao que Caldric respondeu:

— Não temos notícias da Costa Extrema, Vossa Graça. Neste momento, dispomos somente de relatos da área compreendida entre o Castelo Altaneiro a oriente e o Lago do Céu a ocidente — avistamentos constantes de bandos de trasgos a deslocarem-se para norte e incursões ocasionais quando passam pelas povoações.

— Para norte? — Martin olhou de relance para Arutha, que disse:
— Com a permissão de Vossa Majestade? — Lyam anuiu. — Martin, credes que os trasgos estão a juntar-se à Irmandade da Senda das Trevas?

Martin ponderou.

— Não descartaria essa possibilidade. Há muito que os trasgos servem os moredhel. Embora esperasse vê-los rumar a sul, regressando às suas terras na Cordilheira das Torres Cinzentas. — Os irmãos negros dos elfos tinham sido obrigados a fugir para norte das Torres Cinzentas pela invasão tsurani durante a Guerra da Brecha. Martin dirigiu-se a Caldric: — Meu senhor, têm havido relatos respeitantes à Irmandade das Trevas?

Caldric abanou a cabeça.

— Os avistamentos habituais ao longo dos sopés das Garras do Mundo, Duque Martin, mas nada de extraordinário. Os Lordes de Sentinela Setentrional, Passagem de Ferro e Castelo Altaneiro têm enviado os relatórios habituais respeitantes à Irmandade e nada mais do que isso.

Lyam disse:

— Arutha, vós e o Martin ficareis incumbidos de analisar estes relatórios e de determinar o que poderá ser preciso a Ocidente. — Olhou para Caldric. — Que mais, meu senhor?

— Uma mensagem da Imperatriz do Grande Kesh, Vossa Majestade.

— Que tem Kesh a dizer às Ilhas?

— A Imperatriz deu ordens para que o seu embaixador, um tal de Abdur Rachman Memo Hazara-Khan, viesse às Ilhas com o propósito de discutir o término das discórdias que possam ainda permanecer entre Kesh e as Ilhas.

— Essas notícias aprazem-nos, meu senhor. Há muito que a questão do Vale de Sonhos impede que o nosso Reino e o Grande Kesh se tratem com equidade em tantos outros assuntos. Seria duplamente benéfico para as nossas duas nações se pudéssemos resolver de vez esta questão. — Lyam levantou-se. — No entanto, enviei mensagem a Sua Excelência indicando que terá de se reunir connosco em Krondor, pois temos uma boda a realizar.

“Meus senhores e minhas senhoras da corte, é com imenso prazer que anunciamos o matrimónio para breve do nosso irmão Arutha com a Princesa Anita. — O Rei virou-se para Arutha e Anita, pegando na mão de cada um e apresentando-os à corte reunida, que aplaudiu o anúncio.

De onde estava, junto aos irmãos, Carline fulminou Laurie com o olhar e foi beijar Anita. Com o salão tomado por um grande entusiasmo, Lyam disse:

— Damos por terminados os assuntos deste dia.

KRONDOR

A cidade estava adormecida. Um manto de nevoeiro denso deslizara do Mar Amaro, envolvendo Krondor numa densa brancura. A capital Ocidental do Reino nunca descansava, mas os sons habituais da noite surgiam abafados pela neblina quase impenetrável que cobria os movimentos daqueles que continuavam a percorrer as ruas. Parecia tudo mais amortecido, menos estridente do que o habitual, como se a cidade se tivesse apaziguado.

Para um dos habitantes da cidade, as condições dessa noite aproximavam-se das ideais. O nevoeiro tornara cada rua numa passagem estreita e sombria, cada bloco de edifícios numa ilha isolada. A escuridão infindável era interrompida de quando em vez por candeeiros de rua nas esquinas, pequenas estações intermédias de calor e luz de que os transeuntes beneficiavam antes de voltarem a mergulhar na noite húmida e lúgubre. Contudo, entre esses pequenos abrigos de iluminação, era propiciada uma protecção adicional a um indivíduo acostumado a trabalhar na escuridão, pois os pequenos ruídos eram abafados e os movimentos ficavam a coberto de uma observação fortuita. Jimmy Mãozinhas andava ocupado nos seus afazeres.

Com cerca de quinze anos de idade, Jimmy Mãozinhas já era considerado um dos membros mais dotados dos Mofadores, o Grémio de Larápios. Jimmy dedicara-se a esse ofício durante quase toda a sua curta vida, um rapaz das ruas que progredira de simples roubos de fruta aos vendedores ambulantes à qualidade de membro dos Mofadores. Desconhecia quem era o pai e a mãe fora prostituta no Bairro Pobre até morrer às mãos de um marinheiro embriagado. Desde então que o rapaz fazia parte dos Mofadores e a sua ascensão fora rápida. O que mais surpreendia na ascensão de Jimmy não era a sua tenra idade uma vez que os Mofadores consideravam que logo que um rapaz estivesse preparado para tentar surripiar, devia ser posto na rua. Com o falhanço advinham algumas recompensas. Um larápio pobre depressa dava lugar a um larápio morto. Desde que outro Mofador não fosse colocado em perigo, pouca perda havia na morte de um larápio de poucos talentos. Não, o que mais impressionava na rápida ascensão de Jimmy era o facto de ser quase tão bom como ele próprio se considerava.

Com movimentos furtivos que raiavam o sobrenatural, deslocava-se pelo quarto. O silêncio da noite era somente interrompido pelo ressonar profundo dos anfitriões, alheios ao que se passava. A única iluminação provinha do brilho ténue de um candeeiro de rua distante que entrava pela janela aberta. Jimmy olhou em volta com atenção, juntando os restantes sentidos à busca. Uma alteração súbita no som do soalho sob os passos leves de Jimmy e o larápio encontrou o que procurava. Riu-se por dentro face à falta de originalidade do mercador em esconder a sua fortuna. Com movimentos precisos, o rapaz larápio levantou a tábua falsa, enfiando a mão no esconderijo de Trig, o Pisoeiro.

Trig resfolegou e virou-se para o outro lado, provocando um ressona da sua esposa obesa. Jimmy ficou completamente imóvel, quase sem respirar, deixando que as duas silhuetas adormecidas permanecessem sossegadas durante vários minutos. De seguida, tirou uma pesada bolsa, guardando o saque com desvelo na túnica, preso ao largo cinto. Voltou a colocar a tábua no lugar e regressou à janela. Com sorte, passariam dias até à descoberta do furto.

Saiu pela janela e, virando-se para trás, ergueu os braços para alcançar os beirais. Um impulso ligeiro e ficou sentado no telhado. Suspenso sobre a orla, fechou as portadas da janela com um ligeiro empurrão e agitou o gancho e cordel para que o trinco de dentro voltasse ao lugar. Depressa retirou o cordel, rindo-se em silêncio ao pensar na perplexidade que certamente o pisoeiro evidenciaria quando tentasse perceber como o ouro fora levado. Jimmy ficou parado por um instante, atento a sons que indicassem alguém a acordar lá dentro. Quando não ouviu nada, descontraíu.

Levantou-se e começou a avançar pela Via dos Larápios, como eram conhecidos os telhados da cidade. Saltou do telhado da casa de Trig para o seguinte, sentando-se depois nas telhas para inspeccionar o resultado do seu assalto. A bolsa provava que o pisoeiro fora um homem poupado, escondendo um quinhão significativo dos seus sucessivos lucros. Jimmy poderia manter uma vida confortável durante meses, caso não perdesse tudo ao jogo.

Um pequeno ruído levou Jimmy a deitar-se no telhado, agarrando-se às telhas em silêncio. Ouviu outro som, um movimento de sapatos a arrastar que vinha do outro lado de uma empena, a meio do telhado onde se encontrava. O rapaz amaldiçoou a sua sorte e passou uma mão pelo cabelo castanho encaracolado, húmido devido ao nevoeiro. Encontrar mais alguém nos telhados ali perto só podia significar sarihos. Jimmy estava a trabalhar sem conhecimento do Mestre da Noite

dos Mofadores, um hábito que lhe rendera reprimendas e tareias nas poucas vezes em que fora descoberto, porém, se estivesse a colocar em perigo o trabalho nocturno de outro Mofador, habilitava-se a mais do que palavras severas ou a uma série de tabefes de todos os que estivessem presentes. Jimmy era tratado como adulto pelos outros membros do grémio, tendo adquirido essa posição através de trabalho árduo e engenho. Por sua vez, esperavam que se comportasse como um membro responsável, sem terem em conta a idade. Se arriscasse a vida de outro Mofador, poderia pagar com a sua.

A outra alternativa poderia revelar-se igualmente desastrosa. Se um larápio independente estivesse a trabalhar na cidade sem permissão dos Mofadores, Jimmy tinha o dever de o identificar, informando quem de direito. De certa forma, esse acto iria amenizar a quebra de etiqueta dos Mofadores cometida por Jimmy, especialmente se desse ao grémio os habituais dois terços do ouro do pisoeiro.

Deslizou por cima do cume do telhado e rastejou até ficar do lado oposto da origem do ruído. Precisava somente de dar uma olhadela ao larápio independente e denunciá-lo. O Mestre da Noite faria circular a descrição do homem e, mais tarde ou mais cedo, receberia a visita de uns quantos rufias do grémio que o iriam educar nas cortesias adequadas devidas aos Mofadores por parte de gatunos forasteiros. Jimmy levantou-se aos poucos e espreitou por cima do telhado. Não viu nada. Olhando em volta, apercebeu-se de um movimento vago pelo canto do olho e virou-se. Uma vez mais, não viu nada. Jimmy Mãozinhas acomodou-se para esperar. Havia algo ali que lhe espicaçava a delicada curiosidade.

Essa intensa curiosidade era uma dos poucos pontos fracos de Jimmy no que respeitava ao ofício — para além da irritação ocasional por ser obrigado a dividir o saque com o grémio, que via essa relutância com alguma incredulidade. A sua educação pelos Mofadores transmitira-lhe um certo apreço pela vida invulgar para a sua idade — um cepticismo que raiava o cinismo. Não tinha estudos, mas era astuto. Isto ele sabia: o som não surgia do ar — excepto quando envolvia magia.

Jimmy acalmou-se por um instante de modo a decifrar aquilo que não vira. Seria um espírito invisível que andava a contorcer-se penosamente pelos telhados — pouco provável, mas possível —, ou seria algo mais corpóreo escondendo-se nas profundezas das sombras do outro lado da empena?

Jimmy arrastou-se até ficar em frente da empena e levantou-se um pouco para espreitar pelo cimo do telhado. Perscrutou a escuridão e,

quando ouviu outro vago arrastar foi recompensado por um vislumbre de movimento. Estava alguém envolto nas sombras, envergando uma capa escura. Jimmy só conseguia localizá-lo quando se deslocava. Deslocou-se devagarinho logo abaixo do topo para conseguir um melhor ângulo de visão, até ficar directamente atrás do vulto. Voltou a erguer-se. O indivíduo furtivo mexeu-se, ajeitando a capa nos ombros. Jimmy ficou com os pêlos da nuca em pé. O vulto à sua frente trajava completamente de negro e trazia uma pesada besta. Não era larápio nenhum e sim um Noitibó!

Jimmy ficou petrificado. Deparar-se com um membro do Grémio da Morte em plena actividade não se coadunava com as esperanças de uma vida longa. Porém, havia uma ordem permanente entre os Mofadores de que qualquer notícia relacionada com a irmandade de assassinos devia ser comunicada de imediato e essa ordem fora emitida pelo próprio Homem Recto, a maior autoridade dos Mofadores. Jimmy optou por aguardar, confiando nas suas capacidades caso fosse descoberto. Podia não possuir os atributos quase lendários de um Noitibó, mas possuía a confiança suprema de um rapaz de quinze anos que se tornara no mais jovem Mestre Larápio da história dos Mofadores. Se fosse descoberto, não seria a primeira perseguição pela Via dos Larápios.

O tempo foi passando e Jimmy esperou, revelando uma disciplina invulgar para um rapaz da sua idade. Um ladrão incapaz de permanecer quieto durante várias horas caso surgisse essa necessidade, não permaneceria vivo por muito tempo. De quando em vez, Jimmy ouvia e vislumbrava o assassino a movimentar-se. O respeito temeroso que Jimmy sentia pelos lendários Noitibós diminuiu a olhos vistos pois aquele mostrava poucas aptidões em ficar imóvel. Há muito que Jimmy dominara o truque de contrair e descontrair os músculos em silêncio para evitar câibras e rigidez. Chegou à conclusão de que grande parte das lendas tendiam para o exagero e, no ramo dos Noitibós, era vantajoso manter o temor que infundiam nas pessoas.

De súbito, o assassino deslocou-se, deixando a capa descair por completo ao erguer a besta. Jimmy ouviu o som de cascos a aproximarem-se. Lá em baixo, passaram cavaleiros e o assassino baixou a arma devagar. Obviamente, a sua presa não se encontravam entre os que tinham passado.

Jimmy apoiou-se no cotovelo para se levantar um pouco mais e obter uma melhor visão do homem, agora que a capa não o ocultava. O assassino virou-se ligeiramente para recuperar a capa, expondo o rosto ao rapaz. O larápio juntou as pernas debaixo do corpo, preparado para saltar caso fosse preciso, e examinou o homem. Conseguia destrinçar

muito pouco, à exceção do cabelo escuro e da pele clara. De repente, o assassino pareceu olhar directamente para o rapaz.

O coração de Jimmy batia alto nos seus ouvidos, levando-a a pensar como seria possível que o assassino não ouvisse tal algazarra. No entanto, o homem regressou à sua vigília e Jimmy baixou-se silenciosamente por trás do cume do telhado. Respirou devagar, reprimindo uma vontade repentina e tola de rir. Depois de passar, conseguiu ficar um pouco mais descontraído e arriscou outra espreitadela.

Uma vez mais, o assassino aguardava. Jimmy acalmou-se. Cogitou na arma do Noitibó. A pesada besta era uma escolha medíocre para um atirador, uma vez que era menos precisa do que qualquer bom arco. Serviria para alguém pouco treinado, pois lançava a flecha com força fulminante — um ferimento que não se revelaria fatal provocado pela flecha de um arco poderia sê-lo vindo de uma besta devido ao choque adicional do golpe. Numa ocasião, Jimmy vira uma couraça de aço em exposição numa taberna que tinha um orifício do tamanho do punho do rapaz devido à seta disparada por uma besta. Tinham-na pendurado não devido ao tamanho do orifício, habitual para uma tal arma, mas porque o homem que a envergava tinha, sabe-se lá como, sobrevivido. Contudo, a arma tinha desvantagens. Além de não ser precisa a mais de uma dezena de metros, o seu alcance era curto.

Jimmy esticou o pescoço para ver o Noitibó, sentindo um estalido no braço direito. Mudou ligeiramente o peso do corpo para a esquerda. De repente, uma telha cedeu debaixo da sua mão e, com um estalo, partiu-se. Caiu pelo telhado ruidosamente, partindo-se nas pedras da calçada lá em baixo. Para Jimmy, foi o ribombar de um trovão que anunciava a sua perdição.

Com uma velocidade sobrenatural, o assassino virou-se e desapareceu. A escorregadela de Jimmy salvou-lhe a vida, pois não podia ter-se esquivado a tempo de evitar a seta, tendo a gravidade facultado a velocidade necessária. Bateu no telhado, ouvindo o quadrelo passar por cima da cabeça. Por um breve instante, imaginou a cabeça a explodir como uma abóbora madura e agradeceu em silêncio a Banath, o deus patrono dos ladrões.

Foram os reflexos de Jimmy que o salvaram de seguida pois ao invés de se levantar, rebolou para a direita. Abateu-se uma espada no local onde estivera deitado no instante anterior. Ciente de que não conseguiria obter um avanço confortável para fugir ao assassino, Jimmy deu um salto e ficou acorocado, tirando o punhal da bota direita num único movimento. Pouco apreciava as lutas corpo a corpo, embora tivesse percebido logo no início da sua carreira que a sua vida poderia

depende do uso de uma arma branca. Treinava aplicadamente sempre que surgia uma oportunidade. Jimmy lamentava apenas que a incursão ao telhado o tivesse impedido de trazer o florete.

O assassino virou-se para encarar o rapaz e Jimmy reparou que hesitara por um breve instante. O Noitibó podia ter reflexos rápidos, mas não estava acostumado ao piso precário que os telhados ofereciam. Sorriu, não só para esconder o medo como também por achar graça ao desconforto do assassino.

Num sussurro sibilante, o assassino disse:

— Reza aos deuses que aqui te trouxeram, rapaz.

Jimmy considerou o comentário inusitado, uma vez que contribuía para distrair quem falava. O assassino investiu, o gume da espada golpeou o ar onde Jimmy estivera antes e o rapaz larápio fugiu.

Precipitou-se pelo telhado e saltou de volta para o edifício onde vivia Trig, o Pisoeiro. Logo a seguir, ouviu o assassino a saltar também. Jimmy correu com ligeireza até se ver confrontado com um espaço escancarado. Com a pressa, esquecera-se de que existia uma ampla viela naquela extremidade do edifício, colocando o edifício seguinte a uma distância impossível. Girou sobre si próprio.

O assassino aproximava-se devagar com a espada apontada para Jimmy que teve uma ideia e começou numa dança louca, batendo com os pés no telhado. Pouco depois, o barulho teve resposta e ouviu-se uma voz irada de baixo:

— Ladrão! Estou perdido! — Jimmy imaginou Trig, o Pisoeiro, debruçado na janela, despertando os guardas da cidade e teve esperança de que o assassino estivesse a imaginar o mesmo. A algazarra iria certamente levar a que o edifício ficasse cercado em pouco tempo. Rezou para que o assassino fugisse ao invés de punir o autor do seu falhanço.

O assassino ignorou os gritos do pisoeiro e avançou para Jimmy. Voltou a golpear e o rapaz esquivou-se, ficando ao alcance do assassino. Dirigiu uma estocada com o punhal e sentiu a ponta espetar-se no braço do Noitibó que segurava a espada. Ouviu-se a espada do assassino a cair na rua. Um grito de dor ecoou na noite, silenciando os berros do pisoeiro. Jimmy ouviu as persianas a fechar, cogitando no que estaria o coitado do Trig a pensar ao ouvir aquele grito por cima da sua cabeça.

O assassino esquivou-se a outra investida de Jimmy e tirou uma adaga do cinto. Voltou a avançar, sem falar, com a arma na mão esquerda. Jimmy ouviu vozes lá em baixo na rua, resistindo à vontade de pedir socorro. Não estava muito confiante de que seria capaz de levar a melhor, mesmo que o assassino estivesse a lutar com a mão esquerda,

no entanto, também sentia alguma relutância em explicar o que fazia no telhado do pisoeiro. Além disso, mesmo que pedisse socorro, quando a ajuda chegasse, entrasse na casa e subisse ao telhado, já a querela estaria resolvida.

Jimmy recuou até à beira do telhado, até ficar com os calcanhares suspensos no ar. O assassino aproximou-se, dizendo:

— Não tens para onde fugir, rapaz.

Jimmy esperou, preparando uma jogada desesperada. O assassino ficou tenso, o sinal pelo qual Jimmy aguardara. Acocorou-se e, ao mesmo tempo, deu um passo atrás, deixando-se cair. O assassino começara a investida e, quando a espada não encontrou a resistência esperada, desequilibrou-se e caiu para a frente. Jimmy agarrou-se à beira do telhado, quase deslocando os ombros com o solavanco. Mais do que ver, sentiu o assassino a passar por ele, caindo em silêncio na escuridão e embatendo nas pedras da calçada lá em baixo.

Ficou pendurado por um instante, com as mãos, braços e ombros a arder de dor. Seria tão simples largar-se e tombar na agradável escuridão. Livrando-se do cansaço e da dor, instou os músculos em protesto para conseguir içar-se novo para o telhado. Ficou momentaneamente sem fôlego, acabando por rebolar e olhar para baixo.

O assassino jazia imóvel na calçada, o pescoço torto não deixando dúvidas de que estava morto. Respirou fundo, acusando, por fim, o arrepio de medo. Reprimiu um calafrio, baixando-se quando viu dois homens a entrarem a correr na viela. Agarraram no cadáver e viraram-no, pegando no corpo e saindo dali à pressa. Jimmy ficou a pensar. Para andarem confederados do assassino por perto era um sinal óbvio de que fora uma tarefa do Grémio da Morte. Quem esperariam eles que passasse pela rua àquela hora da noite? Procurando por um momento, pesou o risco de ficar por ali um pouco mais para satisfazer a curiosidade tendo em conta a chegada certa dos guardas da cidade dentro de poucos minutos. A curiosidade foi mais forte.

O som de cascos ecoou pelo nevoeiro e não tardou que surgissem dois cavaleiros à luz do candeeiro que iluminava a rua em frente da casa de Trig. Foi naquele momento que Trig decidiu voltar a abrir as portadas, retomando os gritos por socorro. Jimmy arregalou os olhos quando os cavaleiros olharam para a janela do pisoeiro pois há mais de um ano que não via um dos homens, ainda que o conhecesse bem. Abanando a cabeça face às implicações do que vira, o rapaz larápico considerou que aquela era uma boa altura para sair dali. Contudo, o facto de ter visto aquele homem lá em baixo impossibilitou que Jimmy desse aquela noite por terminada. Seria, certamente, uma noite longa.

Levantou-se e deu início à caminhada pela Via dos Larápios, de regresso ao Albergue dos Mofadores.

Arutha puxou as rédeas e olhou para onde um homem de camisa de noite gritava de uma janela.

— Laurie, o que se passa ali?

— Daquilo que consigo perceber entre os lamentos e os gritos, parece-me que aquele burguês foi vítima recente de algum crime.

Arutha riu-se.

— Isso também eu percebi. — Não conhecia Laurie muito bem, mas apreciava a vivacidade e o sentido de humor do menestrel. Sabia da existência de problemas entre Laurie e Carline e fora por isso que Laurie pedira para acompanhar Arutha na sua viagem a Krondor. Carline haveria de chegar daí a uma semana com Anita e Lyam. No entanto, há muito que Arutha decidira que o que quer que Anita não lhe confidenciasse, não lhe dizia respeito. Além do mais, Arutha compreendia a situação difícil em que Laurie se encontrava caso tivesse caído nas más graças dela. Logo a seguir a Anita, Carline era a última pessoa com quem Arutha queria zangar-se.

O Príncipe estudou a área enquanto algumas almas ensonadas dos edifícios vizinhos começavam a bradar perguntas.

— Bem, parece-me que, não tarda, irá dar-se início a uma investigação por estas bandas. É melhor retomarmos o nosso caminho.

Como se as suas palavras tivessem sido proféticas, Arutha e Laurie assustaram-se ao ouvir uma voz vinda do nevoeiro:

— Vós aí! — Da névoa, surgiram três homens com as boinas de feltro cinzento e tabardos amarelos pertencentes à farda da guarda da cidade. O guarda mais à esquerda, um indivíduo musculado e de sobrancelhas cerradas, trazia uma lanterna numa mão e um bastão comprido na outra. O homem do meio, de idade avançada, parecia prestes a atingir a idade de reforma, e o terceiro era jovem, se bem que ambos transparecessem um ar de experiência de rua, patente pela forma como mantinham as mãos de modo descontraído pousadas em enormes punhais que traziam presos aos cintos. — O que se passa aqui esta noite? — questionou o guarda mais velho com uma voz que misturava bom humor e autoridade.

— Uma qualquer confusão naquela casa, guarda-nocturno. — Arutha apontou para o pisoeiro. — Estávamos de passagem.

— Ai, estavam, senhor? Pois não apresentareis objecções em permanecer aqui um pouco mais até descobrirmos do que se trata. — Fez sinal ao jovem guarda-nocturno para que desse uma vista de olhos por ali.

Arutha acenou a cabeça, não dizendo nada. Foi então que um homem parecido a um odre, enrubescido e ofegante, saiu de casa agitando os braços ao mesmo tempo que berrava:

— Ladrões! Entraram à sorrelfa no meu quarto, no meu próprio quarto e levaram o meu tesouro! Que mundo é este em que um cidadão cumpridor já não está seguro na sua cama, na sua própria cama, pergunto eu? — Avistando Arutha e Laurie, disse: — quer dizer que são estes os larápios, os malvados larápios? — Reunindo a dignidade possível uma vez que envergava uma larga camisa de noite, clamou: — O que fizeram ao meu ouro, ao meu estimado ouro?

O guarda-nocturno de grande porte puxou bruscamente o braço do homem aos gritos, quase fazendo o pisoeiro dar uma volta completa.

— Vamos lá ver essa gritaria, labrego.

— Labrego! — gritou Trig. — Mas o que vos dá o direito de chamar a um cidadão, a um cidadão cumpridor... — Deteve-se e ficou incrédulo ao ver uma companhia de cavaleiros surgir do nevoeiro. À dianteira seguia um homem alto de pele escura que envergava o tabardo do capitão da Guarda da Casa Real do Príncipe. Vendo o ajuntamento nas ruas, fez sinal para que os restantes parassem. Abanando a cabeça, Arutha disse a Laurie:

— Lá se vai o regresso discreto a Krondor.

O capitão disse:

— Guarda-nocturno, o que se passa aqui?

O guarda fez continência.

— É o que estava precisamente a tentar descobrir, Capitão. Detivemos estes dois... — Indicou Arutha e Laurie.

O capitão aproximou o cavalo e riu-se. O guarda-nocturno olhou de soslaio para aquele capitão alto, sem saber o que dizer. Acercando-se de Arutha, Gardan, ex-sargento da guarnição de Crydee, fez continência.

— Bem-vindo à vossa cidade, Alteza. — Ao ouvirem estas palavras, os restantes guardas endireitaram-se nas selas, saudando o seu Príncipe.

Arutha devolveu a continência aos guardas e, de seguida, apertou a mão a Gardan enquanto os guardas-nocturnos e o pisoeiro olhavam atónitos.

— Menestrel — disse Gardan —, também é um prazer rever-vos. — Laurie aceitou o cumprimento com um sorriso e um aceno de mão. Convivera com Gardan por um curto período de tempo antes de Arutha o destacar para Krondor de modo a assumir o comando da guarda da cidade e do palácio, no entanto, simpatizava com o soldado grisalho.

Arutha olhou para o local onde os guardas-nocturnos e o pisoeiro aguardavam. Os guardas tinham as boinas na mão e o mais velho disse:

— Peço o perdão de Vossa Alteza, o velho Bert não sabia. Não tivemos intenção de ofender, Alteza.

Arutha abanou a cabeça, achando graça apesar da hora tardia e do tempo frio.

— Não nos sentimos ofendidos, Guarda-Nocturno Bert. Não fizestes mais do que o vosso dever, cumprido com rigor. — Virou-se para Gardan. — Dizei-me, como conseguistes encontrar-me, valham-me os deuses?

— O Duque Caldric enviou-me um itinerário completo bem como as notícias de que regressáveis de Rillanon. Éreis esperado amanhã, mas eu disse ao Conde Volney que certamente iríeis tentar entrar discretamente esta noite. Como vínheis de Salador, só podíeis entrar por um portão — apontou na direcção do portão oriental, encoberto pela noite de nevoeiro cerrado — e aqui estamos nós. Chegastes ainda mais cedo do que eu previra. Onde está o restante séquito?

— Metade dos guardas encontram-se a escoltar a Princesa Anita até às propriedades da mãe. A outra metade está acampada a cerca de seis horas a cavalo da cidade. Não suportava outra noite na estrada. Além disso, há muito a fazer. — Gardan olhou para o Príncipe com um ar intrigado, mas Arutha disse apenas: — Darei mais informações assim que falar com Volney. Agora — olhou para o pisoeiro —, quem é este indivíduo que tanto grita?

— É Trig, o Pisoeiro, Alteza — respondeu o guarda-nocturno mais velho. — Afirmo que alguém entrou no seu quarto e que o roubou. Diz que acordou com ruídos de luta no telhado.

Trig interrompeu.

— Estavam a lutar por cima da minha cabeça, por cima... da minha... própria cabeça... — A sua voz foi-se perdendo ao perceber a quem se estava a dirigir. — ...Vossa Alteza — terminou, subitamente envergonhado.

O guarda-nocturno de sobrancelhas espessas olhou-o com severidade.

— Diz que ouviu uma espécie de grito e, qual tartaruga, voltou a enfiar-se em casa.

Trig acenou a cabeça energicamente.

— Como se estivesse a ser cometido um assassinato, um assassinato sangrento, Vossa Alteza. Foi horrível. — O guarda mais encorpado agraciou Trig com uma cotovelada nas costelas devido à interrupção.

O jovem guarda-nocturno apareceu da viela paralela.

— Isto estava no cimo de um monte de lixo na rua do outro lado da casa, Bert. — Mostrou a espada do assassino. — Tinha um pouco de sangue no punho, mas a lâmina estava limpa. Há uma pequena poça de sangue na viela, mas não há sinal de nenhum corpo.

Arutha fez sinal para que Gardan pegasse na espada. O jovem guarda-nocturno, atentando nos guardas e na notória posição de comando assumida pelos recém-chegados, entregou a espada e tirou a boina.

Arutha recebeu a espada das mãos de Gardan, não viu nada de significativo no objecto e devolveu-a ao guarda-nocturno.

— Os vossos guardas que regressem, Gardan. É tarde e esta noite o descanso será curto.

— Mas então e o furto? — berrou o pisoeiro, despertado do silêncio a que estivera votado. — Eram todas as minhas poupanças, as poupanças de toda uma vida! Estou arruinado! Que será de mim?

O Príncipe virou o cavalo, colocando-se junto aos guardas-nocturnos. Dirigiu-se a Trig:

— Compreendo os vossos sentimentos, bom pisoeiro, mas descansai que a guarda tudo fará para recuperar os vossos bens.

— Ora bem — disse Bert a Trig —, sugiro que regresseis a casa o resto da noite, senhor. Pela manhã, podereis apresentar queixa com o sargento de dia da guarnição. Irá necessitar de uma descrição daquilo que foi furtado.

— Daquilo que foi furtado? Ouro, homem, foi isso que levaram. O meu tesouro escondido, todo o meu tesouro escondido!

— Ouro, dizeis? Assim sendo — respondeu Bert com a voz da experiência —, sugiro que vos recolheis e que amanhã recomeceis a juntar o vosso tesouro, pois tão certo como o nevoeiro que cobre Krondor, não voltareis a ver uma única moeda. Mas não fiquéis tão desconsolado, bom homem. Sois um homem de posses e o ouro depressa acorre aos que têm a vossa posição, recursos e negócios.

Arutha abafou uma gargalhada, pois, apesar da tragédia pessoal do homem, não deixava de ser uma figura cómica com a sua camisa de noite de linho e o barrete de dormir tombado para a frente, quase a tocar-lhe no nariz.

— Meu bom pisoeiro, tentarei corrigir a situação. — Tirou a adaga do cinto e entregou-a a Bert, o guarda-nocturno. — Esta arma tem o brasão da minha família gravado. As únicas que existem para além desta são usadas pelos meus irmãos, o Rei e o Duque de Crydee. Devolvi-a amanhã ao palácio e em troca ser-vos-á dado um saco de ouro. Não quero ver pisoeiros infelizes em Krondor no dia do meu regresso.

Desejo boa-noite a todos vós. — Arutha meteu esporas ao cavalo e conduziu os companheiros até ao palácio.

Quando Arutha e os guardas desapareceram na escuridão, Bert virou-se para Trig.

— Ora bem, senhor, aqui está um final feliz — disse, entregando a adaga do Príncipe ao pisoeiro. — Além do mais, acresce o prazer de saber que sois um dos poucos plebeus que podem afirmar ter falado com o Príncipe de Kronдор, ainda que em circunstâncias um tanto ou quanto inusitadas e difíceis. — Dirigiu-se aos seus homens: — Regressemos às nossas rondas. Numa noite como esta, os motivos de diversão em Kronдор não ficarão por aqui. — Fez sinal para que os homens o seguissem e todos desapareceram na névoa alva.

Trig ficou sozinho. Pouco depois, a sua expressão iluminou-se e gritou para a mulher e para quem quer que ainda estivesse à janela:

— Falei com o Príncipe! Eu, Trig, o Pisoeiro! — Sentindo emoções análogas ao júbilo, o pisoeiro arrastou-se de regresso ao quentinho da sua casa, agarrando com firmeza a adaga de Arutha.

Jimmy avançou por um túnel estreitíssimo. A passagem fazia parte do labirinto de esgotos e outras construções subterrâneas comuns naquela parte da cidade e não havia um único centímetro dessas passagens subterrâneas que não fosse controlado pelos Mofadores. Jimmy passou um colector — alguém que ganhava a vida a recolher nos esgotos o que quer que pudesse ter alguma utilidade. Recorria a um pau para deter a salgadeira de detritos levados pelas águas dos esgotos. Chamava-se tufo à massa flutuante, aquilo que *tufutua*, numa corrupção da linguagem. Remexeu, procurando uma moeda ou outro objecto de valor. Na verdade, era um sentinela. Jimmy fez-lhe sinal, baixou-se para passar por baixo de uma madeira descaída que aparentava ser uma escora caída de uma cave abandonada, e entrou num grande corredor escavado entre os túneis. Era ali o núcleo do grémio de larápios, o Albergue dos Mofadores.

Jimmy reouve o florete do armário das armas. Procurou um canto calmo onde pudesse sentar-se, pois sentia-se angustiado devido à luta em que estivera envolvido. Justiça fosse feita, devia confessar o furto ilícito da casa do pisoeiro, dividir o ouro e aceitar o castigo que o Mestre da Noite ordenasse. De qualquer forma, até à tarde do dia seguinte já todo o grémio teria conhecimento de que o pisoeiro fora roubado. Assim que ficasse claro de que não havia nenhum larápio a trabalhar por conta própria, as desconfianças recairiam sobre Jimmy e outros que se sabia serem adeptos de incursões nocturnas sem autorização. O

castigo que lhe reservariam nessa altura seria duas vezes mais severo por não ter confessado antes. Ainda assim, Jimmy não podia pensar somente nos seus interesses, pois sabia que o alvo do assassino fora o próprio Príncipe de Krondor. Além disso, Jimmy passara muito tempo com Arutha quando os Mofadores lhe tinham dado abrigo a ele e à Princesa Anita, escondendo-os dos homens de Bas-Tyra, pelo que desenvolvera uma simpatia pelo Príncipe. Arutha oferecera a Jimmy o florete que o rapaz larápio usava à cintura. Não, Jimmy não podia ignorar a presença do assassino, embora não estivesse certo quanto ao melhor rumo a tomar.

Após demorada ponderação silenciosa, Jimmy decidiu. Em primeiro lugar, tentaria advertir o Príncipe e, de seguida, passaria a informação acerca do assassino a Alvarny, o Veloz, que era o Mestre de Dia. Alvarny era seu amigo e permitia a Jimmy mais jogo de cintura do que Gaspar daVey, o Mestre da Noite. Alvarny não mencionaria ao Homem Recto a demora de Jimmy, caso o rapaz não tardasse muito a apresentar as informações. O que significava que Jimmy teria de chegar depressa a Arutha, regressar de imediato e falar com o Mestre de Dia — pelo menos antes do pôr-do-sol do dia seguinte. Se deixasse passar mais tempo, Jimmy ficaria comprometido até para além da capacidade de Alvarny olhar para o outro lado. Podia ser um homem generoso, tendo em conta que o rapaz ainda era jovem, mas não deixava de ser Mofador. A deslealdade para com o grémio era algo que não podia permitir.

— Jimmy!

Jimmy olhou para cima e viu Dase Dourado a aproximar-se. Embora jovem, o intrépido larápio já possuía experiência considerável em separar mulheres mais velhas e abastadas das suas fortunas. Mais do que nas acções dissimuladas, confiava sobretudo no seu esplêndido aspecto louro e nos seus encantos. Dase fazia questão de exhibir a roupa dispendiosa que usava.

— Em que pensas tu?

Jimmy fez um aceno com a cabeça em guisa de aprovação.

— Andas a surripiar alfaiates?

Dourado dirigiu um tabefe na brincadeira e sem grande convicção a Jimmy, que facilmente se esquivou, sentando-se depois ao pé do rapaz.

— Não, grande filho bastardo de uma gata vadia, não ando. A minha actual “benfeitora” é a viúva do famoso Mestre Cervejeiro Fallon. — Jimmy ouvira falar do homem; as suas cervejas tinham atingido um estatuto tal que as levaram até à mesa do falecido Príncipe Erland. —

Devido aos negócios bem-sucedidos do seu falecido marido que agora passaram a ser seus, recebeu um convite para a recepção.

— Recepção? — Jimmy sabia que Dourado sabia de alguns mexericos que desejava revelar ao seu ritmo.

— Ah — exclamou Dourado —, ter-me-ei esquecido de referir um casamento?

Jimmy revirou os olhos, mas alinhou.

— Qual casamento, Dourado?

— Ora, o casamento real, obviamente. Ainda que fiquemos longe da mesa do Rei, não será a mesa mais distante.

Jimmy endireitou-se de um salto.

— O Rei? Em Krondor!

— Claro.

Jimmy agarrou no braço de Dourado.

— Começa pelo princípio.

Com um grande sorriso, o bem-parecido homem que não era um vigarista muito perspicaz, disse:

— A viúva Fallon foi informada por uma fonte segura: o responsável pelas compras do palácio, um homem que conhece há dezassete anos, informou-a de que seriam necessárias provisões adicionais para daqui a um mês com vista — estou a citar — “ao casamento real”. Parece-me seguro que se parta do princípio de que um rei estará presente no seu próprio casamento.

Jimmy abanou a cabeça.

— Nada disso, papalvo, não é o casamento do Rei. É o casamento da Anita e do Arutha.

Dourado parecia preparado para se melindrar com o comentário quando um brilho súbito de interesse transpareceu nos seus olhos.

— O que te leva a dizer isso?

— O Rei casa-se em Rillanon. O Príncipe casa-se em Krondor. — Dourado aquiesceu, indicando que a afirmação fazia sentido. — Eu estive escondido com a Anita e o Arutha; era só uma questão de tempo até se casarem. Por isso ele regressou. — Vendo que provocara uma reacção, acrescentou à pressa: — ...ou irá regressar não tarda.

A cabeça de Jimmy começou a dar voltas. Para além de Lyam vir a Krondor para assistir à boda, também viriam todos os nobres importantes do Ocidente e muitos do Oriente. Se Dase já tinha conhecimento do casamento, significava que metade de Krondor também já sabia e a outra metade iria ficar a saber até ao final do outro dia.

As divagações de Jimmy foram interrompidas pela aproximação de Jack Risonho, o Sentinela da Noite, primeiro-tenente do Mestre da

Noite. O homem de lábios finos parou junto de Jimmy e Dase e, com as mãos nas ancas, disse:

— Parece que estás a magicar alguma, rapaz.

Jimmy não simpatizava de todo com Jack. Era um homem obstinado e trombudo dado a acessos de violência e de uma crueldade desnecessária. A única razão pela qual atingira um lugar tão elevado no grémio prendia-se com a capacidade de manter na linha os brutamontes do grémio e também outros impetuosos. A antipatia de Jimmy era devolvida em igual medida por Jack, pois o rapaz fora o responsável pela junção de “Risonho” ao nome de Jack. Ao longo de tantos anos no grémio, ninguém se lembrava de ouvir Jack rir.

— Não, não estou — retorquiu Jimmy.

Jack semicerrou os olhos ao examinar Jimmy, depois Dase, por um longo minuto.

— Ouvi dizer que ouve uma trapalhada qualquer perto do portão oriental; por acaso, não andavam por lá?

Jimmy manteve uma expressão indiferente e olhou para Dase, como se Jack tivesse dirigido a pergunta a ambos. Dourado abanou a cabeça, negando. Jimmy perguntou-se se Jack já saberia acerca do Noitibó. Se fosse esse o caso, e se alguém tivesse visto Jimmy perto do local, os brutamontes de Jack não mostrariam qualquer compaixão. Porém, Jimmy desconfiava que, se Jack tivesse provas, teria ali surgido a acusar e não a interrogar. A subtilidade não era apanágio do homem. Jimmy simulou indiferença ao perguntar:

— Outra discussão entre bêbedos? Não, passei quase toda a noite a dormir.

— Ainda bem porque assim estás fresquinho — disse Jack. Com um trejeito de cabeça, indicou a Dase que deveria ausentar-se. Dourado levantou-se e saiu sem fazer comentários e Jack posou a bota no banco ao lado de Jimmy.

— Temos um trabalhinho para esta noite.

— Esta noite? — questionou Jimmy, julgando que a noite já ia a meio. Faltavam menos de cinco horas até ao nascer do sol.

— É especial. Para ele — explicou, referindo-se ao Homem Recto. — Há uma festa real no palácio na qual irá estar presente o embaixador keshiano. Esta noite, chegou um grande carregamento de presentes para um casamento. Irão directos para o palácio até ao meio-dia, o mais tardar, por isso, esta noite é a única hipótese que temos para os surripiar. É uma oportunidade rara. — O tom de voz do homem não deixou qualquer réstia de dúvida na cabeça de Jimmy de que a sua presença não estava a ser solicitada e sim exigida. Jimmy contava dormir

um pouco antes de ir ao palácio, mas deixara de ter essa hipótese. Com um tom resignado, disse:

— Quando e onde?

— Daqui a uma hora naquele grande armazém uma rua a seguir à Estalagem do Caranguejo-Violinista, perto das docas.

Jimmy conhecia o sítio. Acenou afirmativamente com a cabeça e, sem dizer mais nada, deixou Jack Risonho. Subiu as escadas até à rua. O assunto dos assassinos e dos conluios teria de esperar mais algumas horas.

Onevoeiro ainda cobria Krondor. O bairro dos armazéns perto das docas encontrava-se normalmente tranquilo às primeiras horas do dia, porém, naquela noite, a cena era de outro mundo. Jimmy contornou grandes fardos de mercadorias de baixo valor que não justificavam a despesa de armazenamento dentro de um edifício, encontrando-se, por isso, a salvo da ameaça de furto. Algodão a granel, forragem para animais à espera de ser embarcada e madeira empilhada criavam um labirinto de complexidade exasperante através do qual Jimmy se deslocava em silêncio. Divisara vários guardas-nocturnos das docas, embora a humidade da noite e um suborno generoso os mantivessem junto à guarita, onde o lume ardia numa braseira, atenuando a escuridão. Só um motim os levaria a afastarem-se daquela fonte de calor. Já os Mofadores estariam longe dali quando aqueles guardiões indiferentes se comesçassem a mexer.

Chegado ao local indicado, Jimmy olhou em volta e, não vendo ninguém, preparou-se para esperar. Chegara cedo, como era hábito, pois gostava de arrumar as ideias antes do início da acção. Além disso, presentiu algo nas ordens de Jack Risonho que o deixou desconfiado. Um trabalho daquela importância raramente podia ser assunto de última hora e ainda mais rara era a permissão do Homem Recto relativa ao que quer que fosse que pudesse acicatar a ira do Príncipe — e o furto de prendas de um casamento real provocaria a ira de Arutha. No entanto, Jimmy não se encontrava num lugar elevado na hierarquia do grémio para poder perceber até que ponto corresponderia à verdade. Teria, simplesmente, de ficar atento.

Ao mais pequeno indício da aproximação de alguém, Jimmy ficou nervoso. Quem quer que estivesse a aproximar-se deslocava-se com cautela, como seria de esperar, embora também tivesse ouvido um som estranho a acompanhar as leves passadas. Era o estalido ténue de metal na madeira e, logo que se fez luz, Jimmy deu um salto para fugir dali.

Com um ruído surdo e uma explosão de lascas de madeira, uma seta de besta rasgou a lateral da caixa onde um segundo antes Jimmy se encontrava.

Logo a seguir, duas figuras, silhuetas escuras na noite pardacenta, surgiram da escuridão, correndo para ele.

De espada na mão, Jack Risonho precipitou-se para Jimmy sem uma palavra, enquanto o companheiro preparava a besta para voltar a atirar. Jimmy sacou das suas armas e deteve um golpe de Jack, vindo de cima, desviando o gume com o punhal e atacando com o florete. Jack saltou para o lado e as duas figuras colocaram-se em posição de combate.

— Vamos lá ver a tua destreza com essa faca de matar sapos, meu sacaninha ranhoso — rosnou Jack. — Ver-te a esvaír em sangue talvez me dê vontade de rir.

Jimmy não respondeu, recusando envolver-se em conversas que o poderiam distrair. A única resposta foi o ataque que projectou de cima e fez Jack recuar. Não tinha ilusões de ser melhor espadachim do que Jack; simplesmente queria manter-se vivo até surgir uma oportunidade para fugir.

Andaram para trás e para a frente, trocando golpes e defesas, enquanto cada um procurava uma aberta para concluir a disputa. Jimmy tentou um contra-ataque, calculando mal a sua posição e sentindo a ilharga a arder repentinamente. Jack conseguira golpear Jimmy com o gume da espada, provocando-lhe uma ferida dolorosa e potencialmente debilitante, ainda que, pelo menos para já, não fosse fatal. Jimmy procurou mais espaço para se movimentar, sentindo-se agoniado devido à dor, enquanto Jack pressionava, fazendo uso da vantagem conseguida. Jimmy esquivou-se a um furioso golpe por cima do ombro enquanto Jack usava a vantagem da sua lâmina mais pesada para aniquilar a defesa de Jimmy.

Um grito súbito dando ordem a Jack para se desviar advertiu Jimmy de que o outro homem já recarregara a besta, levando o rapaz a afastar-se de Jack dando a volta, tentando manter-se em movimento e colocando o adversário entre ele e o cúmplice de Jack. Jack investiu contra Jimmy, fazendo-o recuar depressa e, logo de seguida, desferiu um golpe de cima para baixo com tal força que levou Jimmy a cair de joelhos.

Bruscamente, Jack saltou para trás, como se uma mão gigante o tivesse agarrado pelo gasganete e puxado. Bateu numa caixa enorme e, por um instante, os seus olhos registaram uma incredulidade chocada, acabando por os revirar ao mesmo tempo que os dedos sem força

largavam o punho da espada. Jimmy viu que, onde antes estava o peito de Jack, restava agora uma massa pastosa e ensanguentada devido à passagem de outra flecha de besta. Não fosse a raiva repentina do ataque de Jack e Jimmy teria sido atingido nas costas. Sem um único som, Jack descaiu e Jimmy apercebeu-se de que o homem ficara pregado à caixa de madeira. Levantou-se, girando sobre si próprio para enfrentar o homem sem nome que atirara a besta para o chão enquanto praguejava. Desembainhou a espada e lançou-se contra Jimmy. Fez pontaria à cabeça do rapaz, que se esquivou, acabando por lhe apanhar o calcanhar. Caiu pesadamente para trás, ficando sentado, enquanto o balanço do homem o fez desequilibrar-se um tudo-nada. Jimmy lançou o punhal ao homem. O homem recebeu a ponta da adaga comprida na ilharga, olhando para a ferida em baixo. Porém, aquela breve distração era tudo o que Jimmy precisava. Uma expressão de surpresa e incompreensão atravessou o rosto do homem sem nome enquanto Jimmy se apoiou num joelho e o trespassou.

Jimmy retirou a espada com um puxão quando o homem tombou. Retirou o punhal da ilharga do homem, limpando as lâminas e voltando a embainhar as armas. Examinando-se com calma, percebeu que estava a sangrar mas que iria sobreviver.

Debatendo-se com náuseas, foi até onde Jack estava pendurado na caixa. Olhando para o Sentinela da Noite, Jimmy tentou assentar ideias. Nunca tinham simpatizado um com o outro, mas para que teria servido aquela elaborada cilada? Pensou se poderia, de alguma forma, estar relacionado com o assunto do assassino e do Príncipe. Era um assunto no qual teria de meditar depois de falar com o Príncipe, pois caso existisse uma relação directa, era sinal de mau augúrio para os Mofadores. A possibilidade de traição por parte de alguém com uma posição tão elevada como Jack Risonho iria fazer tremer o grémio até às suas bases.

Sem perder a perspectiva, Jimmy livrou Jack e o companheiro das respectivas bolsas, encontrando-as satisfatoriamente cheias. Quando terminou de pilhar o companheiro de Jack, reparou que o homem tinha algo em redor do pescoço.

Estendendo a mão para o objecto, Jimmy tirou uma corrente de ouro da qual pendia um falcão de ébano. Contemplou o berloque por algum tempo, acabando por guardá-lo na túnica. Olhando em redor, divisou um lugar que lhe pareceu adequado para esconder os corpos. Arrancou Jack da flecha. Arrastou-o e ao outro homem até um recanto formado por caixas e tombou várias sacas pesadas por cima dos cor-

pos. Virou duas caixas danificadas, deixando visível o lado intacto. Era capaz de se passarem dias até descobrirem os corpos.

Ignorando a raiva que sentia bem como o cansaço, Jimmy olhou em volta para se certificar de que continuava sozinho e desapareceu na escuridão da neblina.

CONLUIOS

Arutha atacou furiosamente. Laurie encorajou Gardan a esforçar-se mais à medida que o Príncipe forçava o seu companheiro de combate a recuar. De bom grado, o cantador cederia a honra do primeiro combate a Gardan, pois fora parceiro de Arutha todas as manhãs durante a viagem de Salador até Krondor. Ainda que a prática tivesse avivado a perícia com a espada que entorpecera no palácio do Rei, estava farto de perder sempre com o lesto Príncipe. Pelo menos, naquela manhã teria alguém com quem partilhar a derrota. Contudo, o veterano ainda tinha um ou dois truques e, de súbito, era ele que fazia Arutha recuar. Laurie assobiou quando se deu conta de que o capitão estivera a criar no Príncipe um sentimento falso de controlo. No entanto, após uma troca furiosa, o Príncipe voltava a atacar e Gardan gritava:

— Alto! — Um Gardan risonho recuou. — Em toda a minha vida, só três homens conseguiram superar-me na espada, Vossa Alteza: O Mestre de Armas Fannon, o vosso pai e agora vós.

— Um trio respeitável — comentou Laurie.

Arutha estava prestes a convidar Laurie para um combate quando viu algo pelo canto do olho.

Havia uma árvore enorme no canto do pátio de treino do palácio, descaindo por cima de um muro que separava os terrenos do palácio de uma ruela e da cidade mais além. Reparou que algo se movia pelos ramos da árvore. Arutha apontou. Um dos guardas do palácio já estava a dirigir-se para a árvore pois chamara-lhe a atenção o olhar atento do Príncipe.

De repente, alguém saltou dos ramos, caindo em pé com leveza. Arutha, Laurie e Gardan logo puseram as espadas em riste. O guarda agarrou no jovem, como percebiam agora que era, e levou-o pelo braço até junto do Príncipe.

Quando se aproximaram, um lampejo de reconhecimento atravessou o rosto de Arutha.

— Jimmy?

Jimmy executou uma vénia, crispando-se ligeiramente com a dor na ilharga que ele próprio tratara desajeitadamente naquela manhã. Gardan disse:

— Vossa Alteza, conheceis este rapaz?

Com um aceno de cabeça, Arutha respondeu:

— Sim, conheço. Pode estar um pouco mais velho e mais crescido, mas conheço este jovem malandrete. Trata-se de Jimmy Mãozinhas, sendo já uma lenda entre salteadores e carteiristas da cidade. Este é o rapaz larápio que me ajudou e à Anita a fugir da cidade.

Laurie atentou no rapaz, acabando por dar uma gargalhada.

— Nunca o vi bem, pois o armazém estava às escuras quando os Mofadores me levaram e ao Kasumi para fora de Krondor, mas, pelos meus olhinhos, é o mesmo rapaz. “Há uma festa na casa da Mãe”.

Jimmy sorriu.

— “E todos se divertirão à grande.”

Arutha disse:

— Quer dizer que também se conhecem?

— Disse-vos uma vez que, quando eu e o Kasumi trouxemos a missiva de paz do Imperador tsurani para o Rei Rodric, encontrámos um rapaz que nos guiou do armazém até ao portão da cidade e que afastou os guardas enquanto nós escapávamos de Krondor. Fui este o rapaz e nunca mais me consegui lembrar como se chamava.

Arutha embainhou a espada e os restantes imitaram-no.

— Pois bem, Jimmy, ainda que esteja feliz por te voltar a ver, temos de falar sobre a questão de trepar muros para entrar no meu palácio.

Jimmy encolheu os ombros.

— Julguei possível que estivésseis disposto a receber um velho conhecido, Vossa Alteza, mas duvido que conseguisse convencer os guardas do capitão a dar-vos o recado.

Gardan sorriu face à resposta impertinente e fez sinal ao guarda para largar o braço do rapaz.

— Talvez tenhas razão, maltrapilho.

De súbito, Jimmy apercebeu-se de que devia parecer andrajoso à vista daqueles homens habituados aos residentes bem vestidos e bem arranjados do palácio. Desde o cabelo mal cortado até aos pés descalços e sujos, parecia um autêntico pedinte. Foi então que Jimmy percebeu o humor no olhar de Gardan.

— Não deixeis a aparência enganar-vos, Gardan. É capaz de muito mais do que se julgaria possível com a sua idade. — A Jimmy, Arutha disse: — De certa forma, desacreditas os guardas de Gardan ao entras deste modo. Suponho que tenhas motivos para me procurar?

— Tenho, Vossa Alteza. Assuntos de grande importância e urgência.

Arutha anuiu.

— Pois bem, que assuntos tão importantes e urgentes são esses?

- Alguém colocou a vossa cabeça a prêmio.
- O rosto de Gardan evidenciou choque. Laurie disse:
- O quê... como?
- O que te leva a pensar isso? — perguntou Arutha.
- Porque alguém já tentou arrecadar esse prêmio.

Além de Arutha, Laurie e Gardan, duas outras pessoas escutavam a história do rapaz na sala do conselho do Príncipe. O Conde Volney de Landreth que já fora assistente do Chanceler do Principado, Lorde Dulanic, o Duque de Krondor que desaparecera durante o período em que Guy du Bas-Tyra fora vice-rei. Ao lado de Volney estava sentado o Padre Nathan, um sacerdote de Sung, a Branca, Deusa da Senda Única, outrora um dos conselheiros principais do Príncipe Erland e presente a pedido de Gardan. Arutha não conhecia aqueles dois homens, contudo, durante os meses em que estivera ausente Gardan ganhara confiança no discernimento dos dois e Arutha tinha essa opinião em grande conta. Gardan assumira praticamente a função de Marechal da Corte de Krondor, tal como Volney assumira o posto de Chanceler, durante a ausência de Arutha.

Ambos eram encorpados, no entanto, enquanto Volney parecia nunca ter trabalhado no duro, sendo simplesmente um homem robusto, Nathan parecia um lutador que se deixara engordar. Debaixo daquela aparência dócil, a força ainda aguardava. Nenhum falou até Jimmy ter terminado o relato das duas lutas da noite anterior.

Volney examinou o rapaz larápico por um momento, olhando para ele debaixo de sobranceiras espessas e cuidadosamente penteadas.

— Absolutamente assombroso. Nem quero acreditar que existe um tal conluio.

Arutha tinha permanecido sentado com as mãos em forma de tenda em frente do rosto, enquanto flectia impacientemente os dedos.

— Não seria o primeiro príncipe visado pelo gume de um assassino, Conde Volney. — Dirigiu-se a Gardan: — Reforçai de imediato a sentinela, mas de modo discreto e sem explicações. Não quero que circulem rumores pelo palácio. Dentro de duas semanas teremos entre estas paredes todos os grandes nobres do Reino, bem como o meu irmão.

Volney disse:

— Quiçá fosse aconselhável advertir Vossa Majestade?

— Não — respondeu Arutha terminantemente. — O Lyam fará a viagem acompanhado por uma companhia inteira da Guarda da Casa Real. Ordenai a um destacamento dos Lanceiros de Krondor para que

vá ao encontro deles na Cruz de Malac, mas não refiram que é mais do que uma guarda de honra formal. Se uma centena de soldados não o conseguir proteger durante a viagem, quer dizer que ninguém conseguirá.

“Não, o nosso problema centra-se aqui em Krondor. Não temos alternativa nas nossas opções.

— Não sei se estou a entender, Vossa Alteza — disse o Padre Nathan.

Laurie revirou os olhos para o céu enquanto Jimmy sorria ironicamente. Arutha mostrou um sorriso sinistro.

— Creio que os nossos dois calejados companheiros compreendem perfeitamente as acções a tomar. — Virando-se para Jimmy e Laurie, Arutha disse: — Temos de capturar um Noitibó.

Arutha estava sentado em silêncio enquanto Volney andava de um lado para o outro no salão de banquetes. Laurie, que vivenciara bastantes anos de fome para agora ingerir comida sempre que a encontrava disponível, comia enquanto o corpulento Conde de Landreth percorria o salão. Depois de ver Volney a dar outra volta em frente da mesa, Arutha, num tom abatido, disse:

— Meu senhor Conde, não podeis parar de andar dessa forma?

O Conde, envolvido nos seus pensamentos, parou repentinamente. Fez uma ligeira vénia a Arutha, embora mostrasse uma expressão irritada.

— Vossa Alteza, lamento ter-vos incomodado... — o tom mostrava que não lamentava de todo, levando Laurie a sorrir atrás de um pedaço de carne —, mas confiar naquele meliante é uma completa idiotice.

Arutha arregalou os olhos e olhou para Laurie que devolveu o ar pasmado, dizendo:

— Caro Conde, não devíeis ser tão circunspecto. Vá lá,izei ao Príncipe o que vos vai na cabeça. Ide directo ao assunto, homem!

Volney enrubesceu ao aperceber-se do deslize que cometera.

— Peço perdão, eu... — Parecia verdadeiramente envergonhado.

Arutha mostrou o seu meio-sorriso enviesado.

— Perdão concedido, Volney, ainda que somente pela grosseria. — Observou Volney com atenção por um momento silencioso, acrescentando de seguida: — Tenho para mim que a sinceridade é uma lufada de ar fresco. Dizei.

— Vossa Alteza — disse Volney com firmeza —, tanto quanto sabemos, este rapaz pode fazer parte de um jogo de confiança concebido

para vos capturar ou para vos destruir, como afirma ser intenção de terceiros.

— Que acções julgais que eu deveria tomar?

Volney fez uma pausa e abanou a cabeça devagar.

— Não sei, Vossa Alteza, mas mandar o rapaz obter informações sozinho é... não sei.

Arutha disse:

— Laurie, dissei ao meu amigo e conselheiro Conde que está tudo bem.

Engolindo um gole de bom vinho, Laurie disse:

— Está tudo bem, Conde. — Quando Arutha olhou para o menestrel de modo ameaçador, Laurie acrescentou: — Na verdade, senhor, está a ser feito tudo o que é possível. Conheço os meandros à cidade tão bem quanto é possível por um homem que não pertença ao grupo do Homem Recto. O Jimmy é um Mofador. É capaz de descobrir uma pista que nos leve a um Noitibó ao passo que uma dezena de espões não encontrará nada.

— Lembrai-vos — disse Arutha —, conheci o capitão da polícia secreta de Guy, Jocko Radburn, que era um homem matreiro e implacável, imparável na tentativa de recapturar Anita. Os Mofadores fizeram-lhe frente.

Volney pareceu fraquejar um tudo-nada, solicitando a permissão do Príncipe para se sentar. Arutha acenou para uma cadeira e, ao sentar-se, o Conde disse:

— Talvez tenhais razão, cantador. Só que não tenho forma de corresponder a esta ameaça. A ideia de assassinos à solta deixa-me inquieto.

Arutha inclinou-se sobre a mesa.

— Mais do que a mim? Lembrai-vos, Volney, parece que era eu o alvo pretendido.

Laurie anuiu.

— Não era de mim que andavam à procura.

— Seria, porventura, um amante da música? — contrapôs Arutha sarcasticamente.

Volney suspirou.

— Lamento se não estou a comportar-me à altura desta questão. Foram várias as ocasiões em que desejei que este assunto de administrar o Principado chegasse ao fim.

— Que disparate, Volney — disse Arutha. — Tendes realizado um trabalho importantíssimo por aqui. Quando Lyam insistiu para que eu o acompanhasse no périplo pelo oriente, opus-me com base no facto de que o Reino Ocidental iria ser prejudicado sob qualquer domínio

que não fosse o meu — o que se devia aos efeitos do jugo de Bas-Tyra e não representava qualquer comentário quanto às vossas capacidades. Porém, apraz-me verificar que não foi este o caso. Duvido que outrem conseguisse ter feito melhor do que vós na gestão dos assuntos diários do reino, Conde.

— Agradeço a Vossa Alteza — disse Volney, um pouco mais calmo devido ao elogio.

— Na verdade, ia solicitar-vos que permanecêsseis. Uma vez que Dulanic desapareceu misteriosamente, não temos Duque de Krondor que represente a cidade. Só daqui a dois anos poderá o Lyam anunciar que o posto está vago — caso contrário, seria uma desonra à memória de Dulanic destituí-lo do cargo —, mas podemos todos partir do princípio de que morreu às mãos de Guy ou de Radburn. Por isso, julgo que, por enquanto, teremos de contar convosco para desempenhar as funções de Chanceler.

Volney não parecia nada agradado com estas notícias, mas aceitou a proclamação de boa vontade, limitando-se a dizer:

— Agradeço a confiança de Vossa Alteza.

O seguimento da conversa foi interrompido pelo surgimento de Gardan, do Padre Nathan e de Jimmy. O pescoço de touro de Nathan parecia inchado ao suportar Jimmy até uma cadeira. O rapaz estava pálido e transpirava. Ignorando a etiqueta, Arutha apontou para uma cadeira onde o sacerdote depôs Jimmy.

— O que se passa? — perguntou Arutha.

Gardan parecia sorrir e, ao mesmo tempo, tinha um ar de reprovação.

— Este jovem intrépido têm andado de um lado para o outro com um belo corte na ilharga. Ele próprio tratou do curativo e fez uma bela trapalhada.

— Já estava a ficar inflamada — acrescentou Nathan —, por isso fui forçado a limpá-la e voltar a colocar as ligaduras. Insisti em tratar do ferimento antes de irmos falar-vos, pois o rapaz estava já a ficar febril. Não é preciso recorrer à magia para evitar que uma ferida comece a entrar em putrefacção, mas todos os rapazes da rua julgam-se cirurgiões. Por isso, as feridas ficam inflamadas. — Olhou para Jimmy. — Está um pouco pálido por ter sido lancetado, mas daqui a umas horas já estará bem — desde que não volte a abrir a ferida — acrescentou dirigindo-se vincadamente a Jimmy.

Jimmy pareceu embaraçado.

— Lamento ter-vos dado trabalho, padre, mas noutras circunstâncias teria ido tratar da ferida.

Arutha olhou para o rapaz larápio.

— O que descobriste?

— Esta tarefa de apanhar assassinos é capaz de se revelar mais complicada do que pensámos, Vossa Alteza. Há uma forma de estabelecermos contacto, mas está sempre a mudar e é vaga. — Arutha fez um aceno com a cabeça para que prosseguisse. — Foram informações quase arrancadas a ferro das pessoas da rua, mas é isto que consegui recolher: quem quiser recorrer aos serviços do Grémio da Morte, tem de se deslocar ao Templo de Lims-Kragma. — Nathan fez um gesto de protecção ao ouvir a referência à Deusa da Morte. — Tem de se proferir uma oração e colocar-se uma oferenda votiva na urna assinalada, sendo o ouro envolvido num pergaminho onde estará escrito o nome. O contacto será feito quando lhes convier, no prazo de um dia. Indica-se a vítima; eles indicam o preço. Paga-se ou não se paga. Caso se pague, eles dirão onde e quando se deve deixar o ouro. Caso não se pague, desaparecem e não mais será possível contactá-los.

— Simples — disse Laurie. — Eles estipulam o dia e o local, pelo que será difícil armar uma cilada.

— Impossível, digo eu — interveio Gardan.

— Nada é impossível — afirmou Arutha, revelando uma expressão indiciando estar perdido nos seus pensamentos.

Passado algum tempo, Laurie disse:

— Já sei!

Arutha e os restantes olharam para o cantador.

— Jimmy, disseste que contactam quem quer que deixe o ouro no prazo de um dia. — Jimmy confirmou. — Então só precisamos de manter num sítio quem quer que for deixar o ouro. Num sítio que consigamos controlar.

Arutha disse:

— Uma ideia bastante simples, quando nos lembramos dela, Laurie. Mas, onde? — Ao que Jimmy respondeu:

— Existem uns quantos lugares que podemos ocupar por algum tempo, Vossa Alteza, mas os proprietários não são de confiança.

— Eu sei de um lugar — disse Laurie —, caso o amigo Jimmy Mãozinhas esteja disposto a algumas orações, o que diminuirá as probabilidades de os Noitibós julgarem tratar-se de uma cilada.

— Não sei — disse Jimmy. — As coisas andam esquisitas em Kron-dor. Se desconfiarem de mim, poderemos não ter outra oportunidade. — Recordou-os do ataque de Jack e do companheiro desconhecido armado com a besta. — Pode ter sido por rancor; já conheci homens que enlouquecem por causa de coisas ainda mais banais do que alcunhas,

mas se não foi por isso... Se, de alguma forma, o Jack estava envolvido com o assassino...

— Quer dizer — continuou Laurie — que os Noitibós conseguiram converter um membro importante dos Mofadores à causa deles.

Jimmy pareceu ficar transtornado, deixando cair a máscara de bravura.

— Tal pensamento tem-me incomodado tanto quanto a ideia de alguém cravar uma flecha de besta em Sua Alteza. Tenho descuidado o meu juramento aos Mofadores. Ontem à noite, devia ter dito a todos e tenho mesmo que o fazer agora. — Pareceu preparado para se levantar.

Volney pousou uma mão firme no ombro de Jimmy.

— Que rapaz mais presunçoso! Estás a afirmar que uma qualquer liga de meliantes merece sequer um momento de consideração à luz do perigo que o Príncipe e, possivelmente, o teu Rei correm?

Jimmy parecia prestes a retrucar quando Arutha interveio:

— Creio que é isso mesmo que o rapaz disse, Volney. Prestou juramento.

Laurie apressou-se a chegar junto do rapaz. Empurrando Volney para o lado, inclinou-se de modo a ficar com o rosto ao mesmo nível de Jimmy.

— Tens as tuas preocupações, sabemos disso, rapaz, mas parece que está tudo a precipitar-se. Se alguém se infiltrou nos Mofadores, o facto de falares cedo de mais poderá levar aqueles que aí foram colocados a cobrir as pistas. Se conseguirmos chegar a um desses Noitibós... — Deixou o pensamento por concluir.

Jimmy aquiesceu.

— Se o Homem Recto seguir a vossa lógica, pode ser que consiga sobreviver, cantador. Estou quase para lá da altura em que ainda consigo cobrir as minhas acções com uma simples história. Não tarda, terei de prestar contas. Muito bem, levarei um bilhete ao templo da Arrastadora de Redes. E não será fantochada nenhuma quando lhe pedir que guarde lugar para mim caso tenha chegado a minha hora.

— Pois bem — disse Laurie —, e eu tenho de ir ver um velho amigo a propósito do empréstimo de uma estalagem.

— Muito bem — disse Arutha. — Amanhã montamos a armadilha.

Sob o olhar de Volney, Nathan e Gardan, Laurie e Jimmy saíram, embrenhados a conversar enquanto faziam planos. Arutha seguiu logo atrás, e os seus olhos escuros ocultavam a raiva que ardia silenciosa dentro dele. Após tantos anos de conflitos durante a Guerra da Brecha, regressara a Krondor na esperança de uma vida longa e tranquila ao

lado de Anita. Presentemente, havia alguém que ousava ameaçar aquela vida tranquila. Essa pessoa iria pagar caro.

A Estalagem do Papagaio Arco-Íris estava em silêncio. As janelas que protegiam das tempestades tinham sido fechadas por causa de uma borrasca repentina vinda do Mar Amaro, por isso o bar encontrava-se coberto por neblina, fumo azul da lareira e de uma dezena de cachimbos dos clientes. Aos olhos de um qualquer observador fortuito, a estalagem tinha o ambiente típico de uma noite de chuva. O proprietário, Lucas, e os seus dois filhos encontravam-se atrás do balcão comprido e, de vez em quando, um deles passava a porta para a cozinha de modo a ir buscar refeições e levá-las até às mesas. No canto junto à lareira, do lado oposto às escadas que levavam ao primeiro piso, um menestrel louro cantava uma canção serena acerca de um marujo longe de casa.

Uma observação mais minuciosa teria revelado que os homens nas mesas mal tinham tocado nas cervejas. Embora de aspecto rude, não tinham aspecto de trabalhadores das docas nem de marujos acabados de regressar de viagens marítimas. Todos apresentavam semblantes severos e as suas cicatrizes tinham sido conquistadas em batalhas passadas e não em rixas de tabernas. Eram todos membros da companhia de Gardan que fazia parte da Guarda Real, alguns dos veteranos mais experientes dos Exércitos do Ocidente durante a Guerra da Brecha. Na cozinha, trabalhavam cinco novos cozinheiros e aprendizes. No piso de cima, no quarto mais próximo das escadas, Arutha, Gardan e cinco soldados aguardavam pacientemente. No total, Arutha posicionara vinte e quatro homens na estalagem. Os homens de Arutha eram os únicos ali presentes, uma vez que o último habitante local saíra quando a tempestade começara.

No canto mais afastado da porta, Jimmy Mãozinhas aguardava. Algo o perturbara o dia todo, embora não conseguisse identificar do que se tratava. Porém, isto sabia: se, naquela noite, fosse ele a entrar naquele lugar, a sua cautela fruto da experiência tê-lo-ia advertido para não ficar. Esperava que o agente dos Noitibós não fosse tão perspicaz. Havia algo ali que não batia certo.

Jimmy recostou-se, mordiscando distraidamente o queijo, ponderando no que estaria discordante. Já passara uma hora desde o ocaso e ainda não havia qualquer sinal de alguém que pudesse vir da parte dos Noitibós. Jimmy viera para ali directamente do templo, certificando-se de que vários pedintes que o conheciam bem o vissem passar. Se alguém em Krongor quisesse encontrá-lo, as informações sobre o seu paradeiro poderiam ser adquiridas de forma fácil e barata.

A porta principal abriu-se e entraram dois homens vindos da chuva, sacudindo a água dos capotes. Ambos aparentavam ser guerreiros, porventura mercenários que tinham acabado de ganhar uma bolsa com uma quantidade significativa de prata por protegerem as caravanas de algum mercador. Trajavam de modo idêntico: armadura em cabedal, botas altas, alfange à cintura e escudos pendurados às costas sob os capotes que os cobriam.

O indivíduo mais alto, com uma madeixa grisalha no cabelo preto, pediu cervejas. O outro, um homem esguio e louro, olhou em volta. Jimmy ficou alarmado ao vê-lo semicerrar os olhos de uma forma peculiar: também pressentira algo diferente na estalagem. Falou ao companheiro em voz baixa. O homem de madeixa grisalha acenou com a cabeça e pegou nas cervejas que o empregado lhe servira. Depois de pagarem com cobres, os dois homens foram até à única mesa disponível, que ficava ao lado da mesa de Jimmy.

O homem de madeixa grisalha virou-se para Jimmy e disse:

— Rapaz, esta estalagem está sempre assim tão tristonha? — Foi então que Jimmy se apercebeu qual fora o problema de todo aquele dia. Durante a espera, os guardas tinham adoptado o hábito dos soldados de falarem em voz baixa. O salão estava despojado do ruído habitual dos locais de convívio.

Jimmy levou o indicador aos lábios e sussurrou:

— É por causa do menestrel.

O homem virou a cabeça e escutou Laurie por momentos. Laurie era um intérprete dotado e a sua voz continuava agradável apesar do longo dia de trabalho. Quando terminou, Jimmy bateu o odre de cerveja com força na mesa, gritando:

— Ah! Menestrel, bis, bis! — atirando uma moeda de prata para o estrado onde Laurie estava sentado. O seu gesto efusivo foi seguido por gritos e exclamações similares quando os restantes perceberam a necessidade de encenarem algum aparato. Foram atiradas várias moedas. Quando Laurie iniciou outra melodia, animada e maliciosa, regressou ao bar o ruído que em pouco diferia do zumbido normal das conversas.

Os dois desconhecidos recostaram-se nas cadeiras e escutaram com atenção, falando esporadicamente entres eles. Descontraíram visivelmente quando o ambiente da sala mudou para aquele que esperavam. Jimmy ficou sentado por algum tempo, observando os dois homens na mesa ao lado. Havia algo deslocado naqueles dois, algo que o importunava tal como acontecera pouco antes com o tom falso do salão.

A porta voltou a abrir-se, entrando outro homem. Olhou em redor enquanto sacudia a água da capa comprida com capuz, mas não tirou

o volumoso agasalho nem afastou o capuz. Viu Jimmy e aproximou-se da mesa, Sem esperar pelo convite, puxou uma cadeira e sentou-se. Em tons sussurrados, disse:

— Tens nome?

Jimmy acenou afirmativamente com a cabeça e inclinou-se para a frente com o intuito de falar. Ao fazê-lo, foi assaltado por quatro factos. Os homens da mesa ao lado, apesar do aspecto informal, tinham espadas e escudos à mão, precisando somente de um instante para os empunharem. Não bebiam como mercenários acabados de chegar à cidade após uma longa viagem; na verdade, quase não tinham tocado nas bebidas. O homem do lado oposto de Jimmy tinha uma mão escondida debaixo da capa desde que entrara. Porém, ainda mais revelador era o facto de os três homens usarem grandes anéis pretos na mão esquerda, com o desenho de um falcão neles cinzelado, semelhante ao talismã que tirara do companheiro de Jack Risonho. Os pensamentos de Jimmy surgiam a toda a velocidade pois já vira anéis semelhantes e compreendia para que serviam.

Improvizando, Jimmy tirou um pergaminho da bota. Colocou-o na mesa, o mais à direita do homem que conseguiu, levando-o a esticar-se desajeitadamente para o alcançar enquanto mantinha a mão direita escondida. Quando a mão do homem tocou no pergaminho, Jimmy tirou o seu punhal e investiu, prendendo a mão do homem à mesa. O homem não teve reacção imediata face ao súbito ataque, mas logo a sua outra mão saiu de baixo da capa, segurando uma adaga. Golpeou Jimmy, que tombou para trás. Nesse instante, o homem sentiu a dor e gritou em agonia. Jimmy, ao bater no chão, bradou:

— Noitibós!

A sala explodiu num frenesim. Os filhos de Lucas, ambos veteranos dos Exércitos do Ocidente, saltaram por cima do balcão, pousando em cima dos espadachins da mesa ao lado de Jimmy quando tentavam levantar-se. Jimmy deu consigo de costas na cadeira tombada e tentou endireitar-se com dificuldade. De onde estava, conseguiu ver os empregados de balcão engalfinhados com o homem da madeixa grisalha. O outro mercenário falso tinha a mão esquerda junto ao rosto e o anel nos lábios. Jimmy bradou:

— Anéis com veneno! Têm anéis com veneno!

Já outros guardas agarravam o homem do capuz enquanto se debatia desesperadamente para retirar o anel da mão presa. Logo depois, foi agarrado com força pelos três homens que o rodearam, ficando incapaz de se mexer.

O homem de madeixa grisalha pontapeou o empregado, rebolou

para longe, pôs-se em pé de um salto e correu para a porta, derrubando dois homens surpreendidos pelos movimentos repentinos. Por um instante, o caminho até à porta ficou livre, enquanto imprecações invadiam a sala vindas de soldados que tentavam contornar a confusão de mesas e cadeiras. O Noitibó estava a chegar à porta quando um lutador mais esbelto se interpôs. O assassino deu um salto para a porta. Com uma velocidade quase sobrenatural, Arutha avançou e deu um murro na cabeça do homem de madeixa grisalha com o cabo do florete. O homem aturdido cambaleou por um segundo, caindo inconsciente no chão.

Arutha manteve-se de pé, olhando em volta do bar. O assassino louro jazia com olhos inexpressivos a contemplar o tecto, evidentemente morto. A capa do homem encapuzado estava puxada para trás e ele estava pálido de dor enquanto a adaga que lhe prendia a mão à mesa era retirada. Eram três os soldados que o prendiam, embora parecesse demasiado enfraquecido para conseguir manter-se em pé. Quando soltaram o punhal da mesa com um puxão, deu um grito e desmaiou.

Jimmy contornou com cuidado o homem morto e chegou junto de Arutha. Olhou para onde Gardan estava a retirar o outro anel preto do homem que caíra ao chão e depois sorriu para Arutha. Erguendo a mão, contou dois com os dedos.

O Príncipe, ainda corado da luta, sorriu e anuiu. Nenhum dos seus homens parecia ferido e tinham capturado dois assassinos. Dirigiu-se a Gardan:

— Mantende-os sob vigilância apertada e não deixeis que ninguém de fora os veja quando os levardes para o palácio. Não quero que se espalhem rumores. O Lucas e outros podem correr perigo quando derem por falta destes três, caso andem por perto outros membros do Grémio da Morte. Deixai aqui homens suficientes para manter a aparência de uma noite normal de funcionamento até ao fecho e pagai ao Lucas a dobrar pelos estragos, apresentando os nossos agradecimentos. — Ainda Arutha falava e já a companhia de Gardan estava a ajeitar a estalagem, retirando a mesa partida e repartindo os restantes para que não se desse pela falta de homens. — Levai estes dois para os quartos que escolhi e depressa. Daremos início aos interrogatórios ainda esta noite.

Guardas bloqueavam uma porta que levava a uma ala remota do palácio. Os quartos dessa ala eram usados ocasionalmente por hóspedes de menor importância. Tratava-se de uma construção recente, cujo

acesso se fazia pelos edifícios principais do palácio, passando um único e curto corredor e uma única porta que dava para a rua. A porta da rua estava trancada por dentro e guardada por dois guardas do lado de fora, que tinham ordens para que ninguém, fosse quem fosse, entrasse ou saísse por aquela porta.

Naquela ala, todos os quartos que davam para a rua estavam acautelados. No centro do maior quarto, Arutha examinava os seus dois prisioneiros. Estavam ambos atados com cordas grossas a robustas camas de madeira. Arutha não queria correr o risco de tentarem suicidar-se. O Padre Nathan supervisionava os seus acólitos, que tratavam os ferimentos dos dois assassinos.

De súbito, um dos acólitos afastou-se da cama onde estava o homem de madeixa grisalha. Olhou para Nathan com o rosto a revelar confusão.

— Padre, vinde ver.

Jimmy e Laurie seguiram atrás do sacerdote e de Arutha. Nathan ficou atrás do acólito e todos o ouviram a encher os pulmões de ar.

— Que Sung nos revele o caminho!

A couraça em cabedal do homem da madeixa grisalha fora cortada, revelando uma túnica negra que trazia por baixo bordada com uma rede de pescador prateada. Nathan afastou a túnica do outro prisioneiro. Debaixo dessa túnica estava outra, preta como a noite, revelando também uma rede prateada por cima do coração. A mão do prisioneiro fora enfaixada e recobrada os sentidos. Olhava em ar de desafiado para o sacerdote de Sung com um ódio absoluto no olhar.

Nathan chamou o Príncipe para o lado.

— Estes homens envergam a marca de Lims-Kragma sob a forma de Arrastadora de Redes, aquela que no final chama todos a si.

Arutha anuiu.

— Faz sentido. Sabemos que os Noitibós são contactados pelo templo. Mesmo que a hierarquia do templo desconheça este assunto, alguém lá dentro deve estar ligado aos Noitibós. Vinde, Nathan, temos de questionar este outro. — Regressaram à cama onde estava deitado o homem agora consciente. Olhando para ele de cima, Arutha questionou: — Quem oferece alvissaras pela minha morte?

Nathan foi chamado a dar assistência ao homem inconsciente.

— Quem sois? — perguntou o Príncipe ao outro homem. — Respondei agora ou a dor que tendes suportado será somente uma amostra daquilo que vos espera. — Arutha não apreciava a perspectiva de tortura, contudo, não iria olhar a meios para descobrir quem era responsável pelo ataque à sua pessoa. A pergunta e a ameaça receberam silêncio como resposta.

Pouco depois, Nathan regressou para junto de Arutha.

— O outro morreu — disse em voz baixa. — Temos de avançar cautelosamente com este. O golpe na cabeça que desferistes não foi a causa da sua morte. Devem ter formas de ordenar ao corpo que não combata a morte, antes que a receba de bom grado. Diz-se que até um homem destemido pode levar o seu corpo à morte, se lhe for dado tempo para isso.

Arutha reparou nas gotas de transpiração que se formavam na testa do homem ferido enquanto Nathan o examinava. Com a preocupação patente no rosto, o sacerdote disse:

— Está febril e a subir depressa. Tenho de tratar dele antes de poder contar o que quer que seja. — O sacerdote depressa pegou numa poção, forçando um pouco do líquido pela garganta do homem enquanto soldados lhe abriam a boca. De seguida, o sacerdote começou a entoar a sua magia eclesiástica. O homem na cama começou a contorcer-se descontroladamente, com o rosto numa máscara deformada de concentração. Os tendões ficaram salientes nos seus braços e o pescoço era uma massa de cordões enquanto se debatia com as cordas que o prendiam. De súbito, deixou escapar uma gargalhada cavernosa e caiu para trás de olhos cerrados.

Nathan examinou o homem.

— Perdeu os sentidos, Vossa Alteza. — O sacerdote acrescentou: — Consegui retardar a subida da febre, mas não creio ser capaz de a deter. Está aqui uma qualquer magia em curso. Está a perder-se perante os nossos olhos. Demorará até conseguirmos contrariar a magia que foi desencadeada no homem... Se é que disponho desse tempo. — A voz de Nathan denunciava dúvida. — E se as minhas capacidades estiverem à altura da tarefa.

Arutha virou-se para Gardan.

— Capitão, levai dez dos vossos homens de confiança e ide directamente ao Templo de Lims-Kragma. Informai a Sacerdotisa Suprema de que exijo de imediato a sua presença. Se for preciso, recorrei à força para a trazer, mas trazei-la.

Gardan fez continência, mas os seus olhos revelaram um brilho vacilante. Laurie e Jimmy sabiam que não lhe agradava a ideia de desafiar a sacerdotisa dentro da sua própria casa. Ainda assim, o dedicado capitão virou-se e obedeceu ao seu Príncipe sem um único comentário.

Arutha virou-se para o homem ferido, que jazia num tormento febril. Nathan disse:

— Vossa Alteza, a febre não pára de subir, ainda que devagar.

— Quanto tempo tem de vida?

— Se nada conseguirmos fazer ao longo da noite, não muito tempo. Frustrado, Arutha bateu na mão esquerda com o punho direito. Faltavam menos de seis horas para o amanhecer. Menos de seis horas para descobrir a causa do ataque a ele dirigido. Caso aquele homem morresse, regressariam ao ponto de partida ou pior, pois o seu inimigo desconhecido certamente não voltaria a cair noutra cilada.

— Não há mais nada que possais fazer? — perguntou Laurie em voz baixa.

Nathan ponderou.

— Quiçá... — Afastou-se do homem enfermo e fez sinal para que os acólitos se afastassem da cama. Com um gesto, indicou a um deles que lhe trouxesse um livro enorme de feitiços sacerdotais.

Nathan instruiu os acólitos que depressa obedeceram às suas ordens pois conheciam o ritual e a função que iriam desempenhar. A giz, foi desenhado um pentagrama no chão e, dentro das linhas, muitos símbolos rúnicos, ficando a cama no centro. Quando terminaram, todos os que se encontravam no quarto estavam cercados pelas marcas a giz no chão. Em cada ponta do desenho foi colocada uma vela acesa, sendo a sexta dada a Nathan, que estudava o livro. Nathan começou a deslocar a vela formando um padrão intrincado enquanto lia em voz alta num idioma desconhecido para os presentes que não faziam parte do clero. Os acólitos afastaram-se para o lado, respondendo em uníssono em vários momentos do encantamento. Os restantes sentiram uma quietude inusitada no ar e, quando as sílabas finais foram proferidas, o moribundo gemeu, emitindo um som débil e lastimável.

Nathan fechou o livro.

— Nenhuma entidade com um poder inferior a um intermediário dos próprios deuses poderá passar pelos limites do pentagrama sem minha autorização. Nenhum espírito, demónio ou ser enviado por algum intermediário das trevas poderá incomodar-nos.

Nathan ordenou a todos os presentes que se posicionassem fora do pentagrama, voltou a abrir o livro e começou a entoar outro cântico. As palavras saíam às catadupas da boca do sacerdote entroncado. Terminou o feitiço e apontou para o homem na cama. Arutha olhou para o enfermo e não viu nada de errado, mas, ao virar-se para falar com Laurie, reparou numa alteração. Pelo canto do olho, conseguiu discernir uma auréola de luz débil que o envolvia e invadia o pentagrama, mas que não era visível quando se olhava directamente. Tratava-se de uma luz, com a cor de um quartzo esbranquiçado. Perguntou:

— O que é aquilo?

Nathan respondeu:

— Abrandei a passagem do tempo para aquele homem, Vossa Alteza. Para ele, uma hora não é mais do que um instante. O efeito durará até ao amanhecer, mas, para ele, não terá passado mais do que um quarto de hora. Assim, ganhamos tempo. Com sorte, sobreviverá até ao meio-dia.

— Podemos falar com ele?

— Não, pois soaríamos como o zumbido de abelhas. Porém, se precisarmos, posso anular o feitiço.

Arutha atentou no homem febril que se contorcia devagar. A sua mão parecia parada a um escasso centímetro acima da cama, suspensa no espaço.

— Assim sendo — disse Arutha, impaciente —, temos de esperar que a Sacerdotisa Suprema de Lims-Kragma nos dê o prazer da sua visita.

A espera não foi demorada nem havia grande prazer patente nos modos da Sacerdotisa Suprema. Lá fora, ouviu-se um alvoroço e Arutha correu para a porta. Encontrou Gardan à espera com uma mulher de vestes negras. O seu rosto estava escondido detrás de um leve véu preto, mas inclinou a cabeça na direcção do Príncipe.

Surgiu abruptamente um dedo apontado a Arutha e ouviu-se uma voz grave, feminina e extremamente agradável:

— Porque ordenastes que aqui viesse, Príncipe de Krondor?

Arutha ignorou a pergunta enquanto abrangia a cena à sua frente. Atrás de Gardan encontrava-se um quarteto de Guardas Reais, de lanças encostadas ao peito a barrar o caminho a um grupo de guardas do templo de olhar determinado, que envergavam os tabardos pretos e prateados de Lims-Kragma.

— O que se passa, Capitão?

Gardan explicou:

— A senhora pretende que os seus guardas a acompanhem e eu não permiti.

Num tom de fúria glacial, a sacerdotisa afirmou:

— Vim, como solicitastes, embora nunca o clero tenha reconhecido qualquer autoridade secular. Porém, não virei como prisioneira, nem sequer por vós, Príncipe de Krondor.

Arutha ordenou:

— Podem entrar dois guardas que terão de ficar afastados do prisioneiro. Senhora, ireis cooperar e entrar, de imediato. — O tom de Arutha não deixou dúvidas quanto ao seu estado de espírito. A Sacerdotisa Suprema podia ser líder de uma poderosa seita, mas, perante ela encontrava-se o soberano absoluto do Reino, na ausência do Rei, um

homem que não toleraria interferências num assunto de importância vital. A Sacerdotisa fez um aceno com a cabeça aos dois guardas que se encontravam à frente, entrando de seguida. A porta fechou-se atrás deles e Gardan levou os dois guardas para o lado. Lá fora, os guardas do palácio vigiavam atentamente os restantes guardas do templo e os alfanges de curva acentuada que traziam à cintura.

O Padre Nathan cumprimentou a Sacerdotisa Suprema com uma vénia formal e rígida, pois as duas ordens não morriam de amores uma pela outra. A Sacerdotisa Suprema optou por ignorar a presença do sacerdote.

O primeiro comentário que fez ao reparar no pentagrama desenhado no chão foi:

— Receiam a intervenção do além? — O tom mostrava-se repentinamente analítico e uniforme.

Foi Nathan que respondeu:

— Senhora, não temos grandes certezas, mas de facto, pretendemos evitar complicações seja de que origem for: físicas ou espirituais.

Não deu mostras de o ter ouvido, mas aproximou-se o mais que pôde dos dois homens, um falecido e o outro ferido. Vendo as túnicas negras, vacilou ao dar um passo e virou-se para Arutha. Através do véu, o Príncipe quase sentia o olhar malévolo posto nele.

— Estes homens pertencem à minha ordem. Como é que acabaram aqui deitados?

O rosto de Arutha era uma máscara de raiva controlada.

— Senhora, foi para responder a essa pergunta que exigi a vossa presença. Conheceis estes dois?

Examinou-lhes os rostos.

— Este não conheço — disse, indicando o homem morto de maneira grisalha. — O outro é sacerdote no meu templo, chama-se Morgan, recém-chegado do nosso templo de Yabon. — Fez um compasso de espera enquanto ponderava. — Enverga a marca de um irmão da Ordem da Rede Prateada. — Virou a cabeça, olhando uma vez mais para Arutha. — É o braço armado da nossa fé, supervisionado pelo Mestre-Mor de Rillanon, que responde somente perante a nossa Mãe Matriarca no que respeita às práticas da sua ordem. — Voltou a fazer uma pausa. — Mesmo assim, nem sempre. — Antes que alguém tivesse oportunidade de comentar, prosseguiu: — O que não entendo é como um dos sacerdotes do meu templo enverga a marca deles. É membro da ordem e está a fazer-se passar por sacerdote? Será um sacerdote que está a assumir o papel de guerreiro? Ou será que não é sacerdote nem irmão da ordem, sendo antes um impostor quanto às duas situações?

Qualquer uma destas três possibilidades é proibida, sob pena da ira de Lims-Kragma. Porque está ele aqui?

Arutha respondeu:

— Senhora, se dizeis a verdade — ela pareceu ficar tensa perante a implicação de uma possível falsidade —, o que está a acontecer diz respeito ao vosso templo, da mesma forma que me diz respeito a mim. Jimmy, diz o que sabes acerca dos Noitibós.

Jimmy, notoriamente incomodado sob o escrutínio da Sacerdotisa Suprema da Deusa da Morte, falou depressa, abdicando dos seus habituais floreios. Quando terminou, a Sacerdotisa Suprema disse:

— Vossa Alteza, o que contaís é uma infâmia à nossa deusa. — A sua voz revelava uma raiva gélida. — Outrora, alguns fiéis procuravam sacrifícios, mas essas práticas há muito que foram abandonadas. A morte é uma deusa paciente; a seu tempo, todos a irão conhecer. Não precisamos de assassínios esconsos. Desejo falar com este homem. — Indicou o prisioneiro.

Arutha hesitou e reparou que o Padre Nathan abanava a cabeça discretamente.

— Está prestes a falecer, restam-lhe poucas horas se não for obrigado a esforços adicionais. Caso o interrogatório venha a revelar-se rigoroso, poderá morrer antes de conseguirmos ir ao fundo destas águas escuras.

A Sacerdotisa Suprema disse:

— Que motivo tendes para vos preocupardes, sacerdote? Mesmo que morra, continuará a ser meu súbdito. Sou a mão efémera de Lims-Kragma. No seu feudo, descortinarei as verdades que nenhum homem vivo poderá alcançar.

O Padre Nathan fez uma vénia.

— No reino da morte sois, de facto, suprema. — A Arutha disse: — Posso retirar-me com os meus irmãos, Vossa Alteza? A minha ordem considera ofensivas tais práticas.

O Príncipe anuiu e a Sacerdotisa Suprema disse:

— Antes de irdes, retirai a prece de lentidão que invocastes nele. Causará menos complicações do que se for eu a fazê-lo.

Nathan obedeceu sem delongas e o homem na cama começou a gemer febrilmente. O sacerdote e acólitos de Sung apressaram-se a sair e, depois de partirem, a Sacerdotisa Suprema disse:

— Este pentagrama ajudará a evitar que forças externas interfiram com os nossos actos. Peço-vos que permaneçais do lado de fora pois dentro dos seus limites cada pessoa cria ondas no tecido da magia. Este é um rito sagrado, pois seja qual for o resultado, a nossa senhora certamente virá reclamar este homem.

Arutha e os restantes aguardaram da parte de fora do pentagrama e a sacerdotisa disse:

— Falai somente quando vos der autorização e certificai-vos de que as velas não se apagam ou poderão perder-se forças que se revelariam... difíceis de voltar a invocar. — A Sacerdotisa Suprema afastou o véu preto e Arutha quase se mostrou chocada perante o seu aspecto. Era pouco mais do que uma rapariga e de grande beleza, de olhos azuis e pele do tom róseo da aurora. As sobrancelhas davam indicação de que o cabelo seria louro claro. Levantou as mãos acima da cabeça e começou a orar. A sua voz era delicada, musical, mas as palavras eram estranhas e assustavam quem as ouvia.

O homem na cama contorcia-se à medida que ela prosseguia o encantamento. De súbito, abriu os olhos e ficou a olhar para o tecto. Pareceu começar com convulsões, forçando as cordas que o prendiam. Ao relaxar, virou a cabeça e olhou para a Sacerdotisa Suprema. Uma expressão distante cruzou o seu rosto enquanto os olhos pareciam distinguir com clareza para logo ficarem turvos. Pouco depois, um sorriso estranho e sinistro formou-se-lhe nos lábios, ganhando uma expressão de crueldade escarnecedora. Abriu a boca e a voz que de lá saiu era grave e cavernosa:

— Em que posso servir-vos, minha senhora?

A Sacerdotisa Suprema franziu ligeiramente a testa como se tivesse detectado algo volúvel nos modos do homem, mas manteve a compostura e disse em tons impositivos:

— Trajais o manto da Ordem da Rede Prateada, porém, exerceis no templo. Explicai tal perfídia.

O homem riu-se, uma casquinada aguda como um guincho que foi diminuindo de intensidade.

— Sou aquele que serve.

Deu outra gargalhada e o corpo do homem ficou rijo uma vez mais ao forçar as cordas que o prendiam. Na sua testa surgiram gotas de transpiração e os músculos dos braços ficaram salientes ao empurrar as cordas. Acabou por descontrair e voltou a rir-se.

— Sou aquele que foi apanhado.

— A quem servis?

— Sou aquele que é um peixe. Fui apanhado numa rede. — Uma vez mais, deu uma gargalhada ensandecida e deu puxões às cordas que quase se assemelhavam a convulsões. Enquanto puxava, o suor escorria-lhe em bica. Guinchando, puxou as amarras uma e outra vez. Como parecia que ia partir os próprios ossos face ao esforço, o homem gritou: — Murmandamus! Auxiliai o vosso servo!

De súbito, uma das velas apagou-se ao soprar um vento no quarto vindo de um lugar desconhecido. O homem reagiu com uma única convulsão, curvando o corpo num arco alto, tocando somente com os pés e a cabeça na cama e puxando as cordas com tanta força que a pele rasgou e começou a sangrar. Repentinamente, sucumbiu na cama. A Sacerdotisa Suprema deu um passo atrás, avançando depois para observar o homem. Em voz baixa, disse:

— Morreu. Voltai a acender a vela.

Arutha fez sinal e um guarda acendeu o pavio de outra vela e voltou a acender a que se tinha apagado. A sacerdotisa começou outro encantamento. Enquanto o primeiro causara um desconforto ligeiro, aquele trazia uma sensação de pavor, um frio vindo do canto mais remoto de uma terra de infortúnio, perda e gélida. Trazia o eco do choro daqueles para os quais já não existia consolo ou esperança. Não obstante, no seu interior existia outra qualidade, poderosa e atraente, uma sensação quase sedutora de que, de certa forma, seria maravilhoso abandonar todos os fardos e repousar. À medida que o feitiço prosseguia, os sentimentos ominosos aumentavam e aqueles que aguardavam lutavam contra a vontade de fugir para longe do som da voz da Sacerdotisa Suprema a lançar o encantamento.

Foi então que o feitiço terminou e o quarto parecia um túmulo tal era o silêncio. A Sacerdotisa Suprema falou no idioma do Rei:

— Vós, cujo corpo está na nossa presença mas que estais agora sujeito à vontade da nossa senhora, Lims-Kragma, escutai o que vos digo. Tal como a nossa Senhora da Morte tudo domina no final, assim eu vos ordeno em seu nome. Regressai!

A forma na cama agitou-se mas manteve-se silenciosa. A Sacerdotisa Suprema gritou:

— Regressai! — e a silhueta voltou a mexer-se. Num movimento repentino, a cabeça do homem morto levantou-se e abriu os olhos. Parecia estar a olhar em volta do quarto, mas ainda que tivesse os olhos abertos, permaneciam revirados, pelo que só as córneas estavam visíveis. No entanto, permanecia a sensação de que o cadáver ainda conseguia ver, pois parou de mexer a cabeça como se estivesse a olhar para a Sacerdotisa Suprema. Abriu a boca e dela saiu uma gargalhada distante e cavernosa.

A Sacerdotisa Suprema aproximou-se.

— Silêncio!

O morto calou-se, mas o rosto mostrou um esgar, uma expressão que se revelava aos poucos, terrível e malévola. As feições começaram a contorcer-se, mexendo-se como se o rosto do homem estivesse su-

jeito a uma inusitada paralisia. A carne da cara estremeceu, descaindo de seguida, como se transformada em cera aquecida. A tez alterou-se subtilmente, empalidecendo até ficar quase branca. A testa subiu e o queixo pareceu ganhar contornos mais delicados, o nariz arqueou um pouco mais e as orelhas ficaram pontiagudas. O cabelo escureceu até ficar preto. Não tardou que o homem que haviam interrogado tivesse desaparecido, dando lugar a uma forma que já nada tinha de humana.

Em voz baixa, Laurie exclamou:

— Pelos deuses! Um Irmão da Senda das Trevas!

Jimmy mudou o peso do corpo de uma perna para outra, mostrando desconforto.

— O vosso Irmão Morgan vem de muito mais a norte do que a cidade de Yabon, senhora — murmurou. O seu tom de voz não indiciava qualquer humor, somente medo.

Uma vez mais, o vento frio vindo de parte incerta soprou e a Sacerdotisa Suprema virou-se para Arutha. Tinha os olhos arregalados de medo e parecia falar, mas ninguém conseguia ouvir o que dizia.

A criatura na cama, um dos odiados primos sinistros dos elfos, guinchava com uma satisfação desvairada. Numa súbita e chocante exibição de força, o moredhel rebentou as cordas e libertou um braço, logo seguido do outro. Antes que os guardas conseguissem reagir, rebentou as cordas que lhe prendiam as pernas. De imediato, a coisa morta estava em pé, saltando para a Sacerdotisa Suprema.

A mulher manteve-se firme, irradiando dela uma sensação de poder. Apontou a mão para a criatura.

— Parai! — O moredhel obedeceu. — Pelo poder que me foi conferido pela minha senhora, exijo-vos obediência, a vós que fostes invocado. É no seu domínio que agora existis, encontrando-vos sujeito às suas leis e sacerdotes. Pelo poder que me foi concedido, ordeno-vos que recueis!

O moredhel vacilou e logo, com uma rapidez impressionante, esticou-se e agarrou a Sacerdotisa Suprema pelo pescoço. Com aquela voz distante e cavernosa, gritou:

— Não incomodeis o meu servo, senhora. Se amais tanto a vossa senhora, ide então ao seu encontro!

A Sacerdotisa Suprema agarrou-lhe no pulso e um fogo azul surgiu ao longo do braço da criatura. Com um aulido de dor, levantou-a como se não pesasse nada e atirou-a contra a parede perto de Arutha, onde embateu e deslizou até ao chão.

Ninguém se mexeu. A transformação daquela criatura e o ataque inesperado à Sacerdotisa Suprema a todos despojou de vontade. Os

guardas do templo ficaram espedrados face à visão da sua sacerdotisa vencida por um poder sombrio e sobrenatural. Gardan e os seus homens encontravam-se igualmente estupefactos.

Com outro uivo ribombante à laia de gargalhada, a criatura virou-se para Arutha.

— Por fim, Senhor do Ocidente, estamos cara a cara e a vossa hora chegou.

O moredhel cambaleou ligeiramente antes de avançar para Arutha. Os guardas do templo recuperaram um instante antes dos homens de Gardan. Os dois soldados de farda preta e prateada saltaram para a frente, sendo que um deles foi posicionar-se entre o moredhel que avançava e a sacerdotisa aturdida, enquanto o outro atacava a criatura. Os soldados de Arutha seguiram imediatamente atrás para impedir a criatura de alcançar o Príncipe. Laurie lançou-se para a porta, chamando os guardas que estavam na rua.

O guarda do templo investiu com a cimitarra, empalando o moredhel. Olhos cegos arregalaram-se, mostrando orlas vermelhas, ao mesmo tempo que a criatura sorria numa expressão horrível de satisfação. Num ápice, estendeu as mãos e agarrou o pescoço do guarda. Com uma torção, partiu o pescoço do guarda e atirou-o para o lado. O primeiro dos guardas de Arutha a alcançar a criatura atacou-o pelo flanco com um golpe que lhe abriu um sulco ensanguentado nas costas. Com as costas da mão, deu uma bofetada que derrubou o guarda. Levou a mão à cimitarra que arrancou do peito e, rosnando, atirou-a fora. Quando virou costas, Gardan atacou-o de baixo e de trás. O enorme capitão cingiu a criatura com os fortes braços, erguendo-a do chão. As garras da criatura arranharam os braços de Gardan que o manteve erguido evitando que avançasse para Arutha. Foi então que a criatura deu um pontapé à retaguarda, batendo com o calcanhar na perna de Gardan e levando ambos ao chão. A criatura levantou-se. Quando Gardan tentou agarrá-la outra vez, tropeçou no corpo do guarda do templo.

A porta abriu-se de rompante quando Laurie tirou a tranca e por ele passaram a correr guardas do palácio e do templo. A criatura encontrava-se a um golpe de espada de Arutha quando o primeiro guarda a placou por trás, logo seguido por mais dois. Os guardas do templo juntaram-se ao camarada solitário, formando uma linha de defesa em redor da inconsciente Sacerdotisa Suprema. Os guardas de Arutha juntaram-se ao ataque ao moredhel. Gardan recuperou da queda e correu para junto de Arutha.

— Tendes de sair, Vossa Alteza. Conseguimos mantê-lo aqui por superioridade numérica.

Arutha, com a espada em riste, retorquiu:

— Por quanto tempo, Gardan? Como podereis deter uma criatura que já está morta?

Jimmy Mãozinhas começou a afastar-se de Arutha, encaminhando-se para a porta. Não conseguia desviar o olhar do monte de corpos a contorcerem-se. Os guardas batiam na criatura com cabos e punhos, procurando vergá-lo. Mãos e rostos estavam cobertos de um vermelho pegajoso pois as garras da criatura não paravam de atacar.

Laurie contornou a balbúrdia, procurando uma aberta de espada apontada como um punhal. Vendo o larápio correr para a porta, Laurie gritou:

— Arutha! O Jimmy demonstra um invulgar bom senso. Parti! — Deu uma estocada com a espada, ouvindo-se um gemido grave e arrepiante vindo do meio da confusão de corpos.

Arutha foi tomado pela indecisão. O aglomerado parecia estar a deslocar-se na sua direcção, como se o peso dos guardas servisse somente para abrandar o avanço da criatura. A voz do moredhel ressoou:

— Fugi, se quiserdes, Senhor do Ocidente, mas jamais encontrareis refúgio dos meus servidores. — Como se tivesse recebido um ímpeto adicional de força, o moredhel elevou-se com grande pujança, livrando-se dos guardas, que embateram naqueles que protegiam a Sacerdotisa Suprema, o que levou a criatura a ficar momentaneamente solta e em pé. Estava coberta de sangue, com o rosto transformado numa máscara de feridas que sangravam. De uma das faces pendia carne rasgada, o que conferia ao rosto do moredhel um esgar permanente e sinistro. Um dos guardas conseguiu levantar-se e quase decepou o braço direito da criatura com um golpe de espada. O moredhel girou repentinamente, rasgando o pescoço do homem com um único golpe de mão. Com o braço direito a pender sem qualquer utilidade, o moredhel falou através de lábios frouxos e descaídos numa voz húmida e gorgolejante:

— É da morte que me alimento! Vinde! É da vossa que me vou alimentar!

De trás, saltaram dois soldados para cima do moredhel, levando-o uma vez mais ao chão, mesmo em frente de Arutha. Ignorando os guardas, a criatura deitou a mão ao Príncipe, estendendo o braço são, com os dedos curvados como uma garra. Saltaram mais guardas para cima dele e Arutha lançou-se para a frente, enfiando a espada no ombro da criatura e afundando-a nas costas. A figura monstruosa estremeceu ligeiramente, logo retomando a deslocação avante.

Qual caranguejo gigante e monstruoso, a massa de corpos avan-

çou devagar para o Príncipe. Os esforços dos guardas ganharam novo ímpeto, como se fossem capazes de proteger Arutha desfazendo a criatura. Arutha deu um passo atrás, pois a sua relutância em fugir estava a ser lentamente esmagada pela recusa do moredhel em ser travado. Com um grito, um soldado foi atirado para longe, caindo com força e ouvindo-se um estalo quando a cabeça embateu no chão de pedra. Outro gritou:

— Vossa Alteza, tem cada vez mais força! — Um terceiro guinchou quando a criatura desvairada lhe arrancou um olho. Com um esforço titânico, desembaraçou-se dos restantes soldados e ergueu-se, não restando ninguém entre o moredhel e Arutha. Laurie puxou a manga de Arutha, levando o Príncipe devagar para a porta. Caminhavam de lado, nunca tirando os olhos da criatura repugnante que balançava em pé. Os seus olhos cegos seguiam os dois homens, mirando de um crânio transfigurado numa máscara vermelha e mole desprovida de feições reconhecíveis. Um dos guardas da Sacerdotisa Suprema atacou a criatura por trás e, sem olhar, o moredhel lançou a mão direita para trás, esmagando a cabeça do homem com um único golpe.

Laurie gritou:

— Recuperou a mobilidade do braço direito! Está a sarar sozinho! — A criatura alcançou-os de um salto. De súbito, Arutha sentiu que caía quando alguém o empurrou para o lado. Entre imagens indistintas, Arutha viu Laurie a desviar-se de um golpe que teria arrancado a cabeça de Arutha. Rebolou para longe, pondo-se em pé ao lado de Jimmy Mãozinhas. Fora o rapaz que o empurrara. Para lá de Jimmy, viu o Padre Nathan.

O sacerdote de pescoço largo acercou-se do monstro, com a mão esquerda levantada e a palma da mão virada para a frente. Parecia que a criatura pressentira a aproximação do sacerdote, pois desviou a atenção de Arutha e girou para encarar Nathan.

O centro da mão de Nathan começou a brilhar, passando depois a refulgir com uma intensa luz branca que lançava um raio visível sobre o moredhel, que ficara petrificado. Dos seus lábios esgaçados, surgiu um gemido baixo. Foi então que Nathan começou a entoar um cântico.

Depois de um guincho estridente, o moredhel pareceu aterrorizado, cobrindo os olhos cegos do brilho ofuscante da luz mística de Nathan. Conseguia perceber-se a sua voz, quase inaudível e gorgolejante: — Arde...arde! — O clérigo entroncado deu um passo em frente, forçando a criatura a recuar arrastando os pés. A coisa não tinha nada de humano, escorrendo sangue espesso, quase coagulado de um cento

de ferimentos, vendo-se grandes pedaços de carne e de roupa pendurados daquela forma. Agachou-se ainda mais, gritando: — Estou a arder!

Um vento frio soprou no quarto e a criatura guinchou, tão alto que seria capaz de atemorizar os mais experientes soldados preparados para as batalhas. Os guardas olharam em volta num corrúpio, procurando a origem de um indefinível horror que se sentia por todo o lado.

De súbito, a criatura ergueu-se, como se tivesse recebido novo ímpeto. Lançou a mão direita, agarrando a origem da luz abrasadora, a mão esquerda de Nathan. Entrelaçaram-se dedos com dedos semelhantes a garras e, com um ruído cauterizante, a mão da criatura começou a fumegar. O moredhel levou a mão esquerda atrás com o intuito de golpear o sacerdote, porém, ao preparar-se para atacar, Nathan gritou uma palavra que os restantes desconheciam e a criatura vacilou e gemeu. A voz de Nathan ressoou, enchendo o quarto de sons de uma prece mística e de magia sagrada. A criatura ficou imóvel por um segundo, logo começando a estremecer. Nathan reforçou a premência do encantamento e a criatura cambaleou como se lhe tivessem desferido um golpe violento, começando a fumegar. O sacerdote invocou o poder da sua deusa, Sung, a Branca, a divindade da pureza, com uma voz enrouquecida e estafada. Parecendo vir de grande distância, um gemido bastante audível escapou-se da boca do moredhel, que voltou a estremecer. Preso naquela batalha mística, Nathan encolheu os ombros, como se estivesse a debater-se para afastar um peso enorme e o moredhel tombou de joelhos. A sua mão esquerda dobrou-se para trás enquanto a voz de Nathan prosseguia numa entoação monótona. Escorriam gotas de suor pela testa do sacerdote cujas cordas vocais sobressaíam no pescoço. Surgiram bolhas na carne estraçalhada da criatura e nos músculos expostos, dando início a um grito ululante. Por todo o quarto ouviu-se o som crepitante e sentiu-se o odor a carne queimada. Do seu corpo fluía um fumo oleoso e espesso, levando um dos guardas a virar a cabeça e vomitar. Nathan arregalou ainda mais os olhos enquanto impunha a sua força de vontade na criatura. Balançavam devagar, enquanto a carne da criatura estalava ao escurecer e esturricar devido à magia de Nathan. O moredhel inclinou-se para trás cedendo à força do sacerdote e, de súbito, uma energia azul percorreu o corpo que enegrecia a olhos vistos. Nathan libertou-o e a criatura tombou para o lado, vendo-se chamas a saírem-lhe dos olhos, boca e ouvidos. Não tardou que fosse engolido por labaredas, ficando reduzido a cinzas num ápice e enchendo o quarto com um cheiro nauseabundo e seboso.

Com lentidão, Nathan virou-se para Arutha e o Príncipe deparou-se com um homem repentinamente envelhecido. Os olhos do clérigo estavam arregalados e o seu rosto coberto de suor. Com a voz seca e rouca, disse:

— Vossa Alteza, acabou-se. — Dando um passo lento, e logo outro, em direcção ao Príncipe, Nathan esboçou um sorriso, tombando para a frente e sendo amparado por Arutha antes de cair no chão.

REVELAÇÕES

Os pássaros chilreavam dando as boas-vindas ao despontar do dia. Arutha, Laurie, Jimmy, Volney e Gardan estavam sentados na sala de audiências privada do Príncipe, aguardando notícias de Nathan e da Sacerdotisa Suprema. Os guardas do templo tinham levado a sacerdotisa para um quarto de hóspedes e ficaram de vigia enquanto era tratada por curandeiras que tinham vindo do templo. Tinham estado toda a noite junto dela, enquanto membros da ordem de Nathan tratavam do sacerdote nos seus aposentos.

Todos os presentes tinham ficado sem palavras devido aos horrores daquela noite e era notória a relutância geral em falar do que se passara. Laurie foi o primeiro a sair daquele estado de torpor, levantando-se da cadeira e dirigindo-se a uma janela.

Os olhos de Arutha seguiram a deslocação de Laurie, ainda que a sua mente continuasse a digladiar-se com uma dezena de perguntas sem resposta. Quem ou que estaria a querer a sua morte? Porquê? Acima da sua própria segurança, estava preocupado com a ameaça que poderia representar tudo aquilo para Lyam, Carline e os outros que estavam prestes a chegar. Sobretudo, será que Anita corria perigo? Ao longo das últimas horas, Arutha ponderara uma dúzia de vezes em adiar o casamento.

Laurie sentou-se num sofá ao lado de Jimmy que passava pelas brasas. Em voz baixa, perguntou;

— Jimmy, como soubeste que devias ir buscar o Padre Nathan quando a própria Sacerdotisa Suprema se revelara incapaz?

Jimmy espreguiçou-se e bocejou.

— Foi uma coisa de que me lembrei de quando era miúdo. — Ao ouvi-lo, Gardan riu-se e a tensão na sala atenuou-se. Até Arutha esboçou um sorriso enquanto Jimmy prosseguia: — Fui colocado uns tempos sob tutela de um tal Padre Timothy, clérigo de Astalon. De vez em quando, é permitido a um ou outro rapaz que o faça. Significa que os Mofadores depositam grandes esperanças nesse rapaz — explicou com orgulho. — Fiquei com ele para aprender as letras e os números, no entanto, durante esse tempo fui aprendendo mais umas coisas.

“Lembro-me de uma certa dissertação sobre a natureza dos deu-

ses que o Padre Timothy fez numa ocasião — embora eu quase tivesse adormecido. De acordo com essa sumidade, existem forças antagonistas, forças positivas e negativas que muitas vezes são designadas como o bem e o mal. O bem não anula o bem, tal como o mal não anula o mal. Para contrariar uma força do mal, é preciso uma força do bem. Grande parte das pessoas considera a Sacerdotisa Suprema como serva de poderes obscuros, pelo que não seria capaz de deter a criatura. Tinha esperanças de que o padre pudesse opor-se à criatura, uma vez que Sung e os seus seguidores são considerados como forças do “bem”. Na verdade, não sabia se seria possível, mas não conseguia ficar a olhar enquanto aquela coisa destruía os guardas do palácio um a seguir ao outro.

Arutha disse:

— Revelou-se um bom palpite. — O seu tom revelava aprovação quanto à rapidez de pensamento de Jimmy.

Entrou um guarda na sala que informou:

— Vossa Alteza, o sacerdote recuperou e solicita a vossa presença nos seus aposentos. — Arutha quase saltou da cadeira e saiu com grandes passadas, seguido de perto pelos outros.

Ao longo de mais de um século, a tradição garantira que o palácio do Príncipe de Krondor possuísse um templo com um altar a cada um dos deuses, de forma a que qualquer hóspede, fosse qual fosse a divindade principal que venerava, encontrasse ali um lugar de consolo espiritual. A ordem encarregue do templo mudava de tempos a tempos à medida que mudavam os conselheiros do Príncipe. Sob a administração de Arutha, os responsáveis pelo templo eram Nathan e os seus acólitos, tal como acontecera durante o principado de Erland. A residência do sacerdote encontrava-se atrás do templo, e Arutha entrou no grande e abobadado corredor. No extremo oposto da nave, entrevia-se uma porta atrás do púlpito onde se encontrava o altar dedicado aos quatro deuses superiores. Arutha avançou para a porta, ouvindo-se o tacão das botas no chão de pedra ao passar pelos altares dedicados aos deuses inferiores de cada lado do templo. Ao aproximar-se da porta para os aposentos de Nathan, Arutha viu que estava aberta e percebeu movimento lá dentro.

Entrou no quarto do sacerdote e os acólitos de Nathan abriram alas. Arutha ficou impressionado com o ar austero do quarto, assemelhando-se a uma cela sem qualquer bem pessoal ou decoração. O único artigo frívolo que se via era uma estatueta pessoal de Sung, representada como uma jovem e adorável mulher com um manto branco comprido que se encontrava numa mesinha de cabeceira ao lado da cama de Nathan.

O sacerdote parecia fatigado e debilitado, mas estava desperto, encostado a almofadas. O sacerdote ajudante rondava por perto, preparado a atender à mínima necessidade de Nathan. O cirurgião real esperava ao lado da cama. Fez uma vénia e disse:

— Não há qualquer problema a nível físico, Vossa Alteza, tirando a exaustão. Peço-vos brevidade. — Arutha anuiu e o cirurgião retirou-se, seguido pelos acólitos. Ao mesmo tempo, Arutha fez sinal a Gardan e aos restantes para que não entrassem. Aproximou-se do sacerdote.

— Como vos sentis?

— Sobreviverei, Vossa Alteza — respondeu numa voz débil.

Arutha olhou de relance para a porta e viu a expressão alarmada no rosto de Gardan. Confirmava a impressão de Arutha de que a provação de Nathan deixara marcas. Com delicadeza, Arutha disse:

— Mais do que sobreviver, Nathan, em breve voltareis a ser o que éreis.

— Suportei um horror a que nenhum homem devia ser sujeito, em tempo algum, Vossa Alteza. Para que possais entender, tenho de partilhar uma confidência convosco. — Acenou a cabeça para a porta.

O sacerdote ajudante fechou a porta e regressou à cabeceira de Nathan que disse:

— O que vos vou contar é algo que normalmente não sai das paredes do templo, Vossa Alteza. É grande a responsabilidade que assumo, mas julgo que é crucial contar-vos.

Arutha inclinou-se para ouvir melhor as palavras débeis do sacerdote exausto. Nathan disse:

— Tudo depende de uma ordem, Arutha, de um equilíbrio imposto por Ishap, o Sumo. Os deuses superiores regem através dos deuses inferiores, a quem os sacerdotes servem. Cada ordem tem a sua missão. Pode até parecer que uma ordem é antagonista de outra, mas a superior verdade revela que todas as ordens possuem um lugar na ordem do mundo. Mesmo aqueles que pertencem aos templos das hierarquias inferiores ignoram esta ordem superior. Esta é a razão para os conflitos ocasionais que surgem entre templos. O meu desconforto perante os rituais da Sacerdotisa Suprema ontem à noite, foi em benefício dos meus acólitos mas também teve a ver com uma verdadeira aversão. Aquilo que um indivíduo tem capacidade de compreender determina a verdade que lhe irá ser revelada pelos templos. Muitos carecem dos conceitos simples de bem e mal, luz e escuridão, para viverem o seu quotidiano. Vós não fazeis partes desse grupo.

“Fui instruído nos ensinamentos da Devoção à Senda Única, a ordem que melhor se adequa à minha natureza. Porém, tal como aqueles

que alcançaram a mesma posição, conheço bem a natureza e as manifestações dos outros deuses e deusas. O que surgiu naquele quarto ontem à noite não é do meu conhecimento.

Arutha pareceu perdido.

— O que quereis dizer?

— Enquanto me debatia com a força que impelia o moredhel, consegui detectar um pouco da sua natureza. Trata-se de algo estranho, sombrio e terrível, desprovido de compaixão. É devastador e procura dominar ou destruir. Mesmo aqueles deuses que consideramos obscuros, como Lims-Kragma e Guis-wa, não são efectivamente maléficos quando se entende a verdade. No entanto, esta entidade aniquila a luz da esperança. É a encarnação do desespero.

O sacerdote ajudante indicou que estava na altura de Arutha sair. Quando se dirigia à porta, Nathan chamou-o.

— Esperai, há mais pormenores que tendes de compreender. Partiu, não por eu ter conseguido vencê-lo, mas por lhe ter tirado o servo que habitava. Não dispunha de meios físicos para prosseguir o ataque. Derrotei tão-somente o intermediário. Nesse momento, essa... entidade revelou um pouco mais de si. Ainda não está preparada para enfrentar a minha Senhora da Senda Única, mas despreza-a, tal como despreza todos os outros deuses. — O seu rosto transpareceu a preocupação que o inquietava. — Arutha, despreza os deuses! — Nathan sentou-se, estendendo a mão e Arutha segurou-a. — Vossa Alteza, trata-se de uma força que se considera suprema. Odeia e insurge-se e procura aniquilar quem se opuser a ela. Se...

Arutha disse:

— Calma, Nathan.

O sacerdote aquiesceu e recostou-se.

— Procurai alguém que saiba mais do que eu, Arutha, pois senti ainda mais. Este inimigo, esta escuridão que tudo abrange, está a ganhar força.

Arutha respondeu:

— Dormi, Nathan. Deixai que isto não seja mais do que um pesadelo. — Fez um aceno com a cabeça ao sacerdote ajudante e saiu. Ao passar pelo cirurgião real, ordenou: — Ajudai-o. — Mais do que uma ordem, era um apelo.

Passaram horas enquanto Arutha aguardava notícias da Sacerdotisa Suprema de Lims-Kragma. Estava sozinho, pois Jimmy dormia num sofá baixo. Gardan fora tratar dos seus destacamentos, Volney ocupava-se a gerir o Principado, pois Arutha estava absorto nos mistérios da

noite anterior. Decidira não dar a saber todos os detalhes a Lyam até à chegada do Rei a Krondor. Como já referira, com um séquito de mais de uma centena de soldados, só um pequeno exército poderia colocar Lyam em perigo.

Arutha deu descanso aos seus pensamentos para observar Jimmy. Parecia uma criança no seu respirar tranquilo. Não dera importância ao ferimento que sofrera, mas logo que a situação acalmou, adormecera quase de imediato. Gardan levava-o com cuidado para o sofá. Arutha abanou ligeiramente a cabeça. O adolescente era um mero gatuno, um parasita da sociedade que não trabalhara um único dia honesto na sua jovem vida. Não tinha mais do que catorze ou quinze anos, era fanfarrão, mentiroso e larápio, no entanto, apesar de tudo, não deixava de ser um amigo. Arutha suspirou, pensando no que haveria de fazer ao rapaz.

Surgiu um pajem da corte com uma mensagem da Sacerdotisa Suprema, solicitando a presença imediata de Arutha. O Príncipe levantou-se com cautela para não acordar Jimmy e seguiu o pajem até ao local onde a Sacerdotisa Suprema estava a ser tratada pelas suas curandeiras. Os guardas de Arutha estavam do lado de fora dos aposentos e os guardas do templo encontravam-se do lado de dentro, uma cedência que Arutha fizera quando lhe fora solicitado pelo sacerdote que viera do templo. O sacerdote cumprimentou Arutha friamente, como se Arutha fosse o responsável pelos ferimentos da sua senhora. Conduziu Arutha até ao quarto de dormir, onde uma sacerdotisa cuidava da líder do templo.

Arutha ficou horrorizado com o aspecto da Sacerdotisa Suprema. Estava na cama, apoiada por uma pilha de travesseiros, com o cabelo louro claro a enquadrar o rosto sem pinga de sangue, como se o azul gélido do Inverno se tivesse espalhado pelas suas feições. Parecia ter envelhecido vinte anos num só dia. Contudo, ao fixar o olhar em Arutha, a aura de poder em seu redor ainda era perceptível.

— Estais melhor, senhora? — O tom de Arutha indicava preocupação ao mesmo tempo que inclinava a cabeça na direção da Sacerdotisa Suprema.

— A minha senhora ainda tem incumbências para mim, Vossa Alteza. Parece que demorarei a juntar-me a ela.

— Apraz-me ouvir tais notícias. Vim como solicitastes.

A mulher endireitou-se, ficando sentada com as costas encostadas às almofadas. Num movimento inconsciente, afastou o cabelo quase branco para trás e Arutha viu que, apesar do semblante duro, a Sacerdotisa Suprema era uma mulher de beleza invulgar, ainda que fosse

uma beleza sem qualquer vestígio de fragilidade. Numa voz ainda abatedida, a sacerdotisa disse:

— Arutha conDoin, o nosso Reino está em perigo e mais ainda. Na esfera da Senhora da Morte, somente outra me supera; é a nossa Mãe Matriarca em Rillanon. Para além dela, ninguém deveria desafiar o meu poder na área da morte. Porém, surge agora algo que desafia a própria deusa, algo que, embora débil de momento, embora ainda a aprender a dominar as suas capacidades, consegue subjugar o meu controlo sobre alguém no reino da minha senhora.

“Entendeis, de alguma forma, a importância das minhas palavras? É como se um bebé, acabado de deixar a mama da mãe, tivesse chegado ao vosso palácio, não, ao palácio do vosso irmão, o Rei, e tivesse virado contra ele todo o seu séquito, os seus guardas, até o próprio povo, tornando-o impotente no centro do seu poder. É isso que enfrentamos. E está a engrandecer. Neste preciso momento, cresce em força e raiva. Além disso, é vetusto... — Arregalou os olhos e, de repente, Arutha viu um vestígio de loucura. — É, ao mesmo tempo, velho e novo... não entendo.

Arutha fez um aceno de cabeça para a curandeira e virou-se para o sacerdote que lhe indicou a saída. Ao chegar à porta, ouviu a voz da Sacerdotisa Suprema entrecortada por soluços.

Quando saíram, o sacerdote disse:

— Vossa Alteza, sou Julian, Sacerdote-Mor do Círculo Interno. Enviei uma mensagem ao nosso templo-mãe em Rillanon sobre o que aqui sucedeu. Eu... — Parecia incomodado com o que tinha a dizer. — O mais provável é que me torne no Sacerdote Supremo de Lims-Kragma dentro de poucos meses. Cuidaremos dela — disse, virando-se para a porta fechada —, mas jamais recuperará a capacidade de nos guiar ao serviço da nossa senhora. — Voltou a olhar para Arutha. — Os guardas do templo contaram-me o que aconteceu ontem à noite, e acabei de ouvir as palavras da Sacerdotisa Suprema. Se o templo puder ajudar, contai connosco.

Arutha ponderou nas palavras do homem. Era habitual contar com um sacerdote de uma das ordens entre os conselheiros da nobreza. Eram muitos os assuntos de importância mística a enfrentar, pelo que a nobreza tinha que possuir orientação espiritual. Por isso o pai de Arutha fora o primeiro a incluir um mago no seu grupo de conselheiros. Porém, era rara a cooperação activa entre templo e autoridade laica, entre os corpos regentes de ambos os lados. Por fim, Arutha falou:

— Os meus agradecimentos, Julian. Quando tivermos uma percepção melhor quanto ao que temos de enfrentar, não deixaremos

de procurar os vossos sábios conselhos. Cheguei à conclusão de que a minha percepção do mundo é algo limitada. Conto com o vosso precioso auxílio.

O sacerdote inclinou a cabeça. Quando Arutha se preparava para partir, chamou:

— Vossa Alteza?

Arutha olhou para trás, deparando-se com uma expressão preocupada no rosto do sacerdote.

— Dizei.

— Tendes de descobrir que criatura é esta, Vossa Alteza. Depois, há que localizá-la e destruí-la por completo.

Arutha conseguiu somente acenar com a cabeça. Voltou para a sala de reuniões. Entrou e sentou-se com cuidado para não acordar Jimmy que ainda dormia no sofá. Arutha reparou que tinham colocado na mesa um prato com fruta e queijo e um decantador com vinho fresco. Dando-se conta de que não comera nada o dia todo, serviu um copo de vinho e cortou uma fatia de queijo, voltando a sentar-se. Pousou as botas na mesa e recostou-se, deixando a mente vaguar. O cansaço de duas noites mal dormidas tomou conta dele, mas a mente estava de tal forma envolvida nos acontecimentos dos dois últimos dias que não conseguia sequer pensar em dormir. Havia um ser sobrenatural à solta no seu reino, uma entidade mágica que incutia medo nos sacerdotes de dois dos mais poderosos templos do Reino. Lyam estava prestes a chegar dali a poucos dias. Quase todos os nobres do Reino iriam estar presentes em Krondor para a boda. Na sua cidade! Não obstante, não conseguia pensar em nada que pudesse garantir a segurança de todos.

Durante uma hora, ali ficou sentado, com a cabeça longe dali enquanto comia e bebia distraidamente. Era um homem que se embrenhava amiúde numa meditação intensa quando ficava sozinho, contudo, quando tinha em mãos um problema, não conseguia deixar de pensar nele, atacando-o de todos os lados possíveis, tentando solucioná-lo, dando-lhe voltas, como um gato faz a um rato. Contemplou dezenas de abordagens possíveis ao problema, reexaminando constantemente todas as informações que possuía. Por fim, depois de pôr de lado mais de uma dezena de planos, sabia o que tinha de fazer. Tirou os pés da mesa e pegou numa maçã madura do prato à sua frente.

— Jimmy! — gritou, acordando de imediato o rapaz larápico que, ao longo de anos a viver no fio da navalha, adquirira o hábito de manter um sono leve. Arutha atirou a maçã e, com uma rapidez impressio-

nante, sentou-se e apanhou a fruta a escassos centímetros do rosto. O Príncipe percebeu de onde viera a alcunha “Mãozinhas”.

— O que foi? — inquiriu o rapaz ao dar uma dentada na fruta.

— Preciso que leves uma mensagem ao teu senhor. — Jimmy parou a meio da dentada. — Preciso que me consigas um encontro com o Homem Recto. — O rapaz arregalou os olhos, absolutamente incrédulo.

Uma vez mais, um nevoeiro espesso chegara do Mar Amaro para cobrir Kronдор num vasto manto de névoa. Dois vultos deslocavam-se depressa passando pelas poucas tabernas ainda abertas. Arutha seguia Jimmy que o conduzia pela cidade, passando pelo Bairro dos Mercadores e entrando nos subúrbios mais problemáticos, até se encontrarem bem no centro do Bairro Pobre. Depois de virarem numa esquina ao fundo de uma viela, entraram num beco sem saída. Surgindo das sombras, apareceram três homens como por magia. Arutha desembainhou o florete de imediato, enquanto Jimmy se limitou a dizer:

— Somos peregrinos em busca de orientação.

— Peregrinos, eu sou o guia — ouviu-se a resposta do homem mais avançado. — Diz ao teu amigo que embainhe o pau de matar sapos senão entregamo-lo numa saca.

Se a identidade de Arutha era do conhecimento dos homens, não deram a entender. Arutha guardou a espada devagar. Os outros dois homens avançaram com vendas nas mãos. Arutha reagiu:

— O que é isto?

— É assim que viajaremos — falou o porta-voz. — Caso recusem, não darão nem mais um passo.

Arutha reprimiu a irritação e acenou com a cabeça uma única vez em concordância. Os homens avançaram e Arutha viu Jimmy a ser vendado um segundo antes de lhe ser rudemente negada a luz. Debatendo-se com a vontade de tirar a venda, Arutha ouviu o homem dizer:

— Vão ser guiados desde aqui até outro lugar, onde outros irão levá-los. Poderão passar por muitas mãos até chegarem ao vosso destino, por isso não se alarmem se ouvirem vozes inesperadas na escuridão. Desconheço o vosso destino final, pois não preciso dessa informação. Também não sei quem sois, homem, mas chegaram-me ordens de alguém muito bem colocado para que vos conduzisse depressa e para que vos entregasse incólume. No entanto, ficais avisado: só podereis retirar a venda em caso de grande perigo. Doravante, é possível que não saibais o local onde vos encontrais. — Arutha sentiu que lhe atavam uma corda em redor da cintura e

ouviu o homem: — Segurem bem a corda e caminhem com confiança; viajaremos depressa.

Sem mais, Arutha sentiu um puxão brusco e foi conduzido noite fora.

Por mais de uma hora, ou assim pareceu ao Príncipe, foi conduzido pelas ruas de Krondor. Tropeçara por duas vezes e tinha nódoas negras a atestar a negligência dos seus guias. Tinham mudado de guias pelo menos três vezes, por isso não fazia ideia de quem iria ver quando lhe retirassem a venda. Por fim, subiu um lanço de escadas. Ouviu várias portas que se abriram e fecharam antes de umas mãos fortes o forçarem a sentar-se. Por fim, retiraram-lhe a venda e Arutha pestanejou, encandeado pela luz. Ao longo de uma mesa estava disposta uma série de lanternas, com um reflector polido atrás de cada uma, todas viradas para ele. Lançavam uma luz brilhante nos olhos do Príncipe, obstando a que ele visse quem estava atrás da mesa.

Arutha olhou para a direita e viu Jimmy sentado noutra banco. Decorrido algum tempo, ressoou uma voz de trás das luzes.

— Saudações, Príncipe de Krondor.

Arutha semicerrou os olhos, mas não conseguiu vislumbrar sequer quem falava para lá do brilho ofuscante.

— Estou a falar com o Homem Recto?

Uma pausa demorada antecedeu a resposta.

— Ficai satisfeito por saber que fui incumbido de chegar ao acordo que desejardes. Sou a sua voz.

Arutha ponderou por um instante.

— Muito bem. Desejo estabelecer uma aliança.

Para lá do brilho ouviu-se um riso abafado.

— Para que haveria o Príncipe de Krondor de carecer da ajuda do Homem Recto?

— Procuo conhecer os segredos do Grémio da Morte.

Esta afirmação foi seguida por um silêncio que se prolongou. Arutha não conseguiu perceber se o orador estava a consultar outra pessoa ou se estava simplesmente a pensar. Até que a voz por trás da lanterna disse:

— Levem o rapaz e mantenham-no lá fora.

Apareceram dois homens do escuro e agarraram Jimmy sem a mínima delicadeza, arrastando-o para fora. Depois de saírem, a voz disse:

— Os Noitibós são uma fonte de preocupação para o Homem Recto, Príncipe de Krondor. Invadem a Via dos Larápios e os seus assassinatos sinistros deixam a população agitada, lançando uma luz indesejável nas diversas actividades dos Mofadores. Resumindo, são

prejudiciais ao negócio. Ser-nos-ia útil pôr-lhes um fim, mas que motivo tendes vós para além daqueles que preocupam normalmente um soberano quando os seus súbditos estão a ser injustificadamente assassinados durante o sono?

— Constituem uma ameaça a mim e ao meu irmão.

Novamente, um longo silêncio.

— Quer dizer que têm grandes ambições. Ainda assim, é normal que a realeza também precise de ser assassinada, da mesma forma que os plebeus, e um homem precisa de ganhar a vida, ainda que seja como assassino.

— Devia ser evidente — disse Arutha mordazmente — que o assassinato de príncipes se revelaria particularmente prejudicial para os negócios. Numa cidade sob lei marcial, os Mofadores eram capazes de encontrar alguns entraves às suas actividades.

— De facto. Exponde o vosso acordo.

— Não peço acordo algum. Exijo cooperação. Preciso de informações. Pretendo saber onde se situa o cerne dos Noitibós.

— O altruísmo pouco benefício acarreta àqueles que jazem frios nas sarjetas. É comprido o braço do Grémio da Morte.

— Não é mais comprido do que o meu — afirmou Arutha com uma voz desprovida de humor. — Pelo que percebo, as actividades dos Mofadores são bastante afectadas. Sabeis tão bem quanto eu o que aconteceria aos Mofadores caso o Príncipe de Krondor declarasse guerra ao vosso grémio.

— São escassos os ganhos de uma tal disputa entre o grémio e Vossa Alteza.

Arutha inclinou-se para a frente, de olhos escuros cintilantes devido às luzes brilhantes. Devagar, pronunciando cada palavra, disse:

— Não necessito de ganhos.

A um momento de silêncio seguiu-se um suspiro.

— Pois, de facto — disse a voz, pensativa. De seguida, deu uma risada. — É uma das vantagens de se herdar um cargo. Seria problemático gerir um grémio de gatunos esfomeados. Muito bem, Arutha de Krondor; no entanto, em troca deste risco o grémio precisa de ressarcimento. Estendestes a vara, onde está a cenoura?

— Dizei o vosso preço. — Arutha recostou-se.

— Tendes de compreender o seguinte: o Homem Recto está solidário convosco no que respeita aos problemas levantados pelo Grémio da Morte. Os Noitibós não devem persistir. Devem ser completamente eliminados. Contudo, são muitos os riscos envolvidos e incorreremos em grandes despesas; este será um empreendimento dispendioso.

— O vosso preço? — repetiu Arutha no mesmo tom.

— Pelo risco que todos correríamos em caso de fracasso, dez mil soberanos de ouro.

— Isso representaria um enorme buraco no tesouro real.

— De facto, mas considerai as alternativas.

— Negócio fechado.

— Posteriormente, facultarei as instruções do Homem Recto quanto aos meios de pagamento — disse a voz revelando um indício de humor. — Há outro assunto que temos de abordar.

— Do que se trata? — perguntou Arutha.

— O jovem Jimmy Mãozinhas quebrou o juramento dos Mofadores e a sua vida está em jogo. Será executado na próxima hora.

Sem pensar, Arutha começou a levantar-se. Foi obrigado a voltar a sentar-se por mãos fortes que surgiram de trás, enquanto um enorme ladrão saiu da escuridão. Limitou-se a abanar a cabeça.

— Jamais nos passaria pela cabeça devolver-vos ao palácio noutra condição senão naquela com que aqui chegastes — disse a voz por trás das luzes —, no entanto, se empunhardes alguma arma, sereis levado ao palácio numa caixa e depois lidaremos com as consequências.

— Mas o Jimmy...

— Quebrou o juramento! — interrompeu a voz. — A honra obrigava-o a comunicar o paradeiro do Noitibó quando se deparou com ele. Tal como era obrigado a revelar a traição do Jack Risonho. É verdade, Vossa Alteza, sabemos de tudo isto. O Jimmy traiu o grémio para vos informar em primeiro lugar. Perdoam-se certas questões por causa da idade, mas não estes actos.

— Não ficarei de braços cruzados, permitindo que o Jimmy seja assassinado.

— Sendo assim, ouvi, Príncipe de Krondor, pois quero contar-vos uma história. Uma vez, o Homem Recto foi para a cama com uma mulher das ruas, tal como já fizera com centenas delas, mas esta prostituta deu-lhe um filho. Esta situação apresentou um dilema ao Homem Recto. De acordo com as leis que ele próprio criou, teria de ordenar a morte do seu próprio filho. Caso não o fizesse, perderia credibilidade junto daqueles que o servem. Uma escolha desagradável. O Grémio de Larápios já se encontra num rebuliço pela revelação de Jack como agente dos Noitibós. Habitualmente, a confiança é um bem delicado; neste momento, é quase inexistente. Conseguis pensar noutra solução?

Arutha sorriu, pois tinha outra solução.

— Em tempos não muito distantes, era habitual comprar o perdão. Dizei o preço.

— Pela traição? Nunca menos do que outros dez mil soberanos de ouro.

Arutha abanou a cabeça. O tesouro ficaria depauperado. Ainda assim, era certo que Jimmy estaria ciente dos riscos de trair os Mofadores quando correu a avisá-lo e isso tinha um grande valor.

— Combinado — disse Arutha com azedume.

— Assim sendo, o rapaz tem de ficar convosco, Príncipe de Kron-dor, pois jamais voltará a fazer parte dos Mofadores, mas também não lhe faremos mal... a menos que volte a interferir nos nossos assuntos. Nesse caso, será tratado como qualquer outro intrumetido. Sem dó nem piedade.

Arutha levantou-se.

— Já terminámos?

— Excepto um último assunto.

— Dizei.

— Da mesma forma, numa época não muito distante, não era inaudito comprar um título de nobreza por ouro. Que valor pediríeis a um pai para que o seu filho fosse nomeado Escudeiro da corte do Príncipe?

Arutha riu-se, entendendo subitamente o rumo das negociações.

— Vinte mil soberanos de ouro.

— Negócio fechado! O Homem Recto gosta do Jimmy; embora tenha outros bastardos por aí, o Jimmy é especial. O Homem Recto deseja que o Jimmy continue a desconhecer essa relação, mas ficará satisfeito por saber que o filho terá um futuro melhor em resultado das negociações desta noite.

— Será colocado ao meu serviço, desconhecendo quem é o seu pai. Voltaremos a encontrar-nos?

— Não creio, Príncipe de Kron-dor. O Homem Recto protege ciosamente a sua identidade e mesmo chegar tão perto de alguém que fala por ele acarreta perigos diversos. No entanto, far-vos-á chegar missivas quando soubermos onde se escondem os Noitibós. Da mesma forma, receberemos de bom grado as notícias sobre a sua aniquilação.

Jimmy estava sentado, com os nervos à flor da pele. Arutha estava fechado há mais de três horas com Gardan, Volney e Laurie, para além de outros conselheiros privados. O rapaz fora convidado a ficar num quarto que fora preparado para o receber. A presença de dois guardas à porta e de outros dois debaixo da varanda da janela reforçavam a noção de que era considerado prisioneiro, fosse qual fosse o motivo. Jimmy não tinha dúvidas de que poderia sair despercebido a meio da

noite caso se encontrasse em condições, no entanto, depois dos acontecimentos dos últimos dias, sentia-se insultado. Além disso, não conseguia perceber porque fora devolvido ao palácio com o Príncipe. O rapaz larápio estava apreensivo. De alguma forma, a sua vida mudara e ele desconhecia o que fora ou o motivo.

A porta do quarto abriu-se e um sargento enfiou a cabeça, acenando a Jimmy para que o acompanhasse.

— Sua Alteza quer falar-te, rapaz. — Jimmy seguiu o soldado pelo corredor até à passagem comprida que levava à sala do conselho.

Arutha levantou os olhos do papel que estava a ler. Em redor da mesa encontravam-se Gardan, Laurie e outros homens que Jimmy não conhecia, enquanto o Conde Volney estava de pé junto à porta.

— Jimmy, tenho algo aqui para ti. — Jimmy olhou em volta, sem saber o que dizer. Arutha prosseguiu: — Trata-se de uma carta de nobreza conferindo-te o título de Escudeiro da corte do Príncipe.

Jimmy ficou atónito, de olhos arregalados. Laurie riu-se ao ver a reacção, enquanto Gardan exibia um sorriso de orelha a orelha. Por fim, Jimmy recuperou a voz.

— Estão a reinar comigo, não estão? — Quando Arutha abanou a cabeça, o rapaz disse: — Mas... eu, escudeiro?

Arutha respondeu:

— Salvaste a minha vida e tens de ser recompensado por isso.

— Mas, Vossa Alteza, eu... agradeço-vos, mas... ainda existe a questão do meu juramento aos Mofadores — retorquiu Jimmy.

Arutha inclinou-se para a frente.

— Esse assunto já foi tratado, Escudeiro. Deixaste de pertencer ao Grémio dos Larápios. O Homem Recto deu o seu aval. Está feito.

Jimmy sentiu-se encurralado. Nunca apreciara muito o ofício de larápio, mas apreciava bastante ter-se tornado num larápio exímio. O que o atraía era a possibilidade de comprovar as suas capacidades sempre que possível, mostrando a todos que Jimmy Mãozinhas era o melhor larápio do grémio... ou, pelo menos, que um dia viria a sê-lo. Contudo, estavam agora a sujeitá-lo à casa real do Príncipe e esse cargo era acompanhado de deveres. Além disso, com o beneplácito do Homem Recto, Jimmy via para sempre negado o acesso à sociedade das ruas.

Vendo a ausência de entusiasmo por parte do rapaz, Laurie disse:

— Com a vossa licença, Alteza?

Arutha anuiu e o cantador aproximou-se e pousou a mão no ombro do rapaz.

— Jimmy, Sua Alteza está somente a manter-te à tona, em sentido

literal. Teve de negociar a tua vida. Se não o tivesse feito, a esta hora estarias a boiar no porto. O Homem Recto sabia que tinhas quebrado o juramento ao grémio.

Jimmy ficou visivelmente abatido e Laurie apertou-lhe o ombro para o animar. O rapaz sempre se considerara acima das regras, isento das responsabilidades a que outros estavam sujeitos. Nunca percebera porque tantas vezes tivera tratamento especial, enquanto obrigavam outros a cumprir escrupulosamente as regras, no entanto, percebia por fim que esticava demasiado esse privilégio, demasiadas vezes. Não tinha dúvidas quanto à sinceridade do menestrel e logo emoções em conflito apoderaram-se dele enquanto pensava em como estivera quase a ser assassinado.

Laurie disse:

— A vida palaciana não é assim tão desagradável. O edifício é quente, terás roupa lavada e há comida em abundância. Além disso, há por aqui muita coisa que te poderá interessar. — Olhou para Arutha e disse com sarcasmo: — Especialmente nos últimos tempos.

Jimmy fez um aceno com a cabeça e Laurie conduziu-o em redor da mesa. Foi-lhe dito que se ajoelhasse. O Conde leu a carta de nobreza a correr:

— A todos os que aqui habitam: atendendo a que o jovem Jimmy, órfão da cidade de Krondor, prestou serviços meritórios ao impedir que a pessoa real do Príncipe de Krondor sofresse ferimentos; e: Uma vez que consideramos estar eternamente gratos para com o jovem Jimmy; é meu desejo que seja conhecido por todos no Reino como nosso estimado e leal servo, e ademais, desejamos que lhe seja concedido um posto na corte de Krondor, com a categoria de Escudeiro, usufruindo de todos os direitos e privilégios que lhe respeitam. Além disso, que se saiba que lhe é outorgado o título da propriedade de Haverford no Rio Welandel, bem como à sua descendência enquanto viverem, para manter e cuidar, incluindo os serviços e o património aí existentes. O título da referida propriedade ficará na posse da coroa até atingir a maioridade. Determinado nesta data por minha assinatura e selo, Arutha conDoin, Príncipe de Krondor; Marechal da Corte do Reino Ocidental e dos Exércitos do Rei do Ocidente; Herdeiro natural ao trono de Rillanon.” — Volney olhou para Jimmy. — Aceitais esta incumbência? — ao que Jimmy respondeu:

— Sim, aceito. — Volney enrolou o pergaminho, entregando-o ao rapaz. Aparentemente, era o que bastava para tornar um gatuno num escudeiro.

O rapaz desconhecia a localização de Haverford no Rio Welandel, no entanto, terra significava rendimentos, levando-o a animar-se

de imediato. Ao afastar-se, observou Arutha que estava notoriamente apreensivo. O acaso juntara-os por duas vezes e por duas vezes Arutha provara ser a única pessoa que nada pretendia dele. Até os seus poucos amigos Mofadores tinham tentado, pelo menos uma vez, aproveitar-se dele até ele lhes provar que essa seria uma tarefa difícil. Jimmy considerava singular a sua relação com o Príncipe. Enquanto Arutha lia alguns documentos para si, Jimmy decidiu que se o destino estava novamente a interferir, mais valia ficar com o Príncipe e o seu animado grupo do que ir para qualquer outro sítio de que se lembrasse. Além disso, disporia de rendimentos e comodidades enquanto o Príncipe fosse vivo, embora este pormenor, pensou com tristeza, talvez viesse a revelar-se um verdadeiro problema.

Enquanto Jimmy atentava na sua carta de nobreza, foi a vez de Arutha o observar. Era um rapaz da rua: rijo, resistente, expedito e, por vezes, implacável. Arutha sorriu de si para si. Haveria de se dar bem na corte.

Jimmy enrolou o documento quando Arutha disse:

— O teu anterior senhor trabalha com vivacidade. — Dirigiu-se ao grupo: — Recebi recado de que quase descobriu o ninho dos Noitibós. Afirma que enviará uma mensagem a qualquer momento e lamenta não ajudar directamente nessa erradicação. Jimmy, o que tens a dizer sobre este assunto?

Jimmy fez uma careta.

— O Homem Recto sabe jogar. Se os Noitibós forem aniquilados, o negócio volta à normalidade. Se falharem, não surgirão suspeitas quanto ao seu envolvimento nessa tentativa. Nunca sairá a perder. — Num tom mais sério, acrescentou: — Também está preocupado com outros possíveis elementos infiltrados nos Mofadores. Se for esse o caso, a mínima participação dos Mofadores compromete o ataque.

Arutha percebeu o que o rapaz queria dizer.

— A situação tornou-se assim tão grave?

— É bem provável, Vossa Alteza. Os homens com acesso ao Homem Recto não serão mais do que três ou quatro. Somente nestes deposita confiança absoluta. Eu diria que deve ter alguns agentes fora do grémio, dos quais apenas os seus ajudantes mais fidedignos têm conhecimento, mas é possível que nem estes saibam. Deve estar a recorrer aos agentes para descobrir os Noitibós. Existem mais de duas centenas de Mofadores e o dobro de mendigos e miúdos de rua, sendo que qualquer um deles poderá ser os olhos e ouvidos do Grémio da Morte.

Arutha mostrou o seu sorriso enigmático. Volney disse:

— Sois perspicaz, Escudeiro James. Decerto vos revelareis uma mais-valia para a corte de Sua Alteza.

Jimmy parecia ter comido algo amargo ao dizer entre dentes:

— Escudeiro James?

Arutha pareceu não se ter apercebido do tom irritado do rapaz.

— Fazia-nos bem descansar. Até voltarmos a ter notícias do Homem Recto, o melhor que temos a fazer é recuperar dos rigores dos últimos dias. — Levantou-se. — Desejo-vos uma boa-noite.

Arutha saiu da sala e Volney reuniu os papéis que se encontravam na mesa de conferências e apressou-se rumo às suas tarefas. Laurie disse a Jimmy:

— Bom, é melhor andar contigo a reboque, meu jovem. Alguém tem de ensinar-te umas quantas coisas sobre esta gente da aristocracia.

Gardan aproximou-se.

— Isso quer dizer que o rapaz está condenado a ser uma eterna fonte de vergonha para o Príncipe.

Laurie suspirou.

— Só vem provar — replicou dirigindo-se a Jimmy —, que pode colocar-se uma divisa de patente no homem, mas uma vez varredor de casernas, para sempre varredor de casernas.

— Varredor de casernas! — retorquiu Gardan, simulando indignação no seu rosto escuro. — Trovador, para que saibas, descendo de uma longa linhagem de heróis...

Jimmy sorriu, resignado, seguindo corredor fora os dois homens que implicavam um com o outro. No geral, há uma semana a sua vida era bem mais simples. Tentou mostrar uma expressão mais animada, mas, na melhor das hipóteses, parecia um gato que caíra numa barrica de leite, sem saber se haveria de beber ou nadar para salvar a vida.